

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA**

Alcides Junio Silva Lopes

**A UMBANDA ESOTÉRICA E SEU PROCESSO EDUCATIVO:**  
**caminhos de superação do racismo religioso**

Belo Horizonte

2022

Alcides Junio Silva Lopes

**A UMBANDA ESOTÉRICA E SEU PROCESSO EDUCATIVO:  
caminhos de superação do racismo religioso**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional (Promestre) em Educação e Docência, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Conceição Clarete Xavier Travalha (DECAE/FAE – UFMG)

Belo Horizonte

2022

L864u  
T

Lopes, Alcides Junio Silva, 1980-  
A umbanda esotérica e seu processo educativo [manuscrito] : caminhos de  
superação do racismo religioso / Alcides Junio Silva Lopes. - Belo Horizonte, 2022.  
89 f. : enc, il., color.

Dissertação -- (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais,  
Faculdade de Educação.

Orientadora: Conceição Clarete Xavier Travalha.

Bibliografia: f. 78-83.

Apêndices: f. 84-89.

1. Educação -- Teses. 2. Educação -- Aspectos religiosos -- Teses.  
3. Educação -- Relações raciais -- Teses. 4. Educação -- Relações étnicas --  
Teses. 5. Umbanda -- Aspectos educacionais -- Teses. 6. Cultos afro-brasileiros --  
Aspectos educacionais -- Teses. 7. Multiculturalismo -- Teses. 8. Racismo --  
Teses. 9. Discriminação na educação -- Teses. 10. Discriminação racial -- Teses.  
11. Liberdade de ensino -- Teses.

I. Título. II. Travalha, Conceição Clarete Xavier. III. Universidade Federal de  
Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 377

Catálogo da fonte: Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)

Bibliotecário: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O

Logotipo UFMG	<b>UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS</b>  PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA/MP	Logotipo PPGCC
------------------	--	-------------------

## FOLHA DE APROVAÇÃO

**A Umbanda Esotérica e seu processo educativo: caminhos de superação do racismo religioso.**

### ALCIDES JUNIO SILVA LOPES

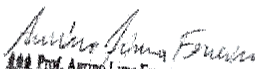
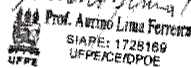
Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA/MP, como requisito para obtenção do grau de Mestre em EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA, área de concentração ENSINO E APRENDIZAGEM.

Aprovada em 28 de novembro de 2022, pela banca constituída pelos membros:

**CONCEIÇÃO CLARETE XAVIER TRAVALHA**  
Prof(a). Conceição Clárete Xavier Travalha - Orientador  
Faculdade de Educação da UFMG

  
Prof(a). Jose Alfredo de Oliveira Debortoli -  
UFMG

Prof(a). Aurino Lima Ferreira  
UFPE

Belo Horizonte, 28 de novembro de 2022.

## AGRADECIMENTOS

Foram muitos os percalços para a finalização desta etapa tão importante da minha vida. De tantas provações, vencer a mim mesmo foi a maior delas. Desconstruir o paradigma de que, sendo pobre e preto, não me cabia o mestrado é minha conquista.

Os anos de pesquisa no Promestre foram de muito esforço, luta e resiliência. Algumas vezes, cansado da dupla jornada de trabalho e estudos, pensei em desistir, mas sempre uma força me animava a seguir em frente, força que eu denomino Deus. Por isso, primeiramente, agradeço a Deus pela vida abundante e pelo aprendizado constante através das sucessivas reencarnações. Agradeço aos Senhores Orixás pela cobertura e assistência espiritual dada desde o momento de minha manifestação no planeta Terra. O que seria de mim sem o sopro divino de Papai Yori<sup>1</sup>? Sigo agradecendo às instâncias espirituais, pois sem elas eu nada seria e, assim, manifesto profunda gratidão ao querido mestre espiritual Preto Velho Pai Arruda de Aruanda que, com amor e paciência, me orientou e me conduziu em cada passo nessa jornada do terreiro à universidade, evidenciando e vibrando o sagrado mantra UMBANDA. Agradeço ao Caboclo Pena Branca, à Criança Luciano, aos Exus Tiriri e Arranca-Toco e à Pomba Gira Senhora Lauana pelo amparo constante nos dias de lutas. A todos os guias e protetores que se manifestam dentro do terreiro, muito obrigado pela confiança neste humilde servo.

Com respeito e emoção, expresso gratidão aos meus pais Alcides e Helena, pela minha vida, pelo cuidado e pela insistência para que eu seguisse o árduo caminho dos estudos.

Um agradecimento especial a minha querida esposa Cynthia, por acreditar na minha capacidade, incentivando-me todos os dias a não desistir, por sua compreensão das muitas noites sem a minha companhia, enquanto seguia madrugada adentro, no instigante exercício de pensar e escrever. As minhas filhas Lara e Luna, por serem minhas inspiradoras no desejo de seguir firme nos caminhos da educação. A vocês, família querida, obrigado por tudo que sou, por onde cheguei e pelo que ainda almejo alcançar.

Aos meus filhos e filhas de fé da Tenda de Umbanda Oriental Senhores de Aruanda, por compreenderem minha ausência em alguns momentos no terreiro e por colaborarem ativamente nesta pesquisa. Obrigado, meus filhos(as)!

---

<sup>1</sup> Na tradição da Umbanda Esotérica, Yori é o orixá que representa os magos da pureza, espíritos que se manifestam dentro dos terreiros na forma de crianças. São conhecidos popularmente como Cosme e Damião, Meninos de Angola, Erês, Ibegis etc.

Agradeço ao amigo-irmão, jornalista Caio Barroso, por dispor do seu tempo e boa vontade para roteirizar, dirigir e editar o vídeo *Umbanda, Educação e Resistência*, que é o recurso pedagógico resultado deste processo de pesquisa.

Agradeço ao meu orientador, pai espiritual Rogério Corrêa que, nos caminhos iniciáticos da Umbanda, tem me conduzido no sacerdócio na escola que escolhi seguir, a Raiz de Pai Guiné. Vida longa, Itayubá!

Quero também agradecer aos colegas do Grupo de Pesquisa Pedagogia da Prática que, provavelmente sem saberem, me incentivaram todas as vezes que os ouvia falar nos estudos propostos pela professora Teca.

Agradeço a todos os amigos que a vida me deu e expresso aqui um abraço especial à Ana Gabriela, que muito me ajudou na construção do meu projeto de pesquisa, sempre me incentivando a acreditar em mim mesmo e na importância do meu saber tradicional.

Um agradecimento especial ao querido Renato, esposo da minha orientadora. Um homem sério, mas que, quando sorri, permite que sua alma de artista nos envolva e encante. Renato, meu irmão, muito obrigado por me receber em seu lar, pela ajuda nas gravações das entrevistas, e peço desculpas por tomar tanto tempo da Teca.

Finalmente, o agradecimento que tomo como o mais importante está dirigido à professora Conceição Clarete Xavier Travalha, a Teca, minha orientadora e também amiga, por aceitar me orientar e conduzir nesse processo de construção do saber acadêmico. Teca, você é um ser humano especial, que me inspira a acreditar em mim e nos outros. Muito obrigado por ser tão gentil ao corrigir, tão amorosa ao incentivar e tão firme ao *educar*. Que nunca lhe falte, querida amiga, o amparo dos Senhores Orixás. Que Oxóssi, caçador da Jurema, te proteja.



Tá caindo flor, tá caindo flor

Tá caindo flor, tá caindo flor

É no céu, é na terra

Ai meu Deus! Tá caindo flor

É no céu, é na terra

Ai meu Deus! Tá caindo flor<sup>2</sup>



---

<sup>2</sup> Ponto cantado normalmente pelas entidades espirituais e umbandistas quando finalizam com harmonia e gratidão os trabalhos no terreiro, sejam batismos, iniciações, casamentos etc.

Esta é a lógica do jogo. A macumba é ciência, é ciência encantada e amarração de múltiplos saberes. É assim que ela é versada no segredo da jurema, dos catimbós, torés, babaçuês e encantarias. Não somos nós que dizemos; as falas são dos mestres ajuremados e acabocladados nas cidades encantadas e na textualidade das folhas. Por isso, para o que é enunciado/reivindicado a partir das macumbas, toda demanda tem vence- demanda e, para nós, casa de caboclo é assentamento de encantado. A perspectiva do encantamento é elemento e prática indispensável nas produções de conhecimentos. É a partir do encante que os saberes se dinamizam e pegam carona nas asas do vento, encruzando caminhos, atando versos, desenhando gestos, soprando sons, assentando chãos e encarnando corpos. Na miudeza da vida comum os saberes se encantam e são reinventados os sentidos do mundo.

Luiz Rufino e Luiz Antônio Simas (2018, p.12-13).

## RESUMO

Esta pesquisa investiga a construção de processos educativos constituídos a partir da minha vivência em um terreiro de Umbanda Esotérica situado em Esmeraldas/MG. Busco refletir sobre as possíveis contribuições pedagógicas da umbanda para o fomento do diálogo inter-religioso, bem como para a construção de uma rede de resistência a partir dos seus sujeitos, tendo em vista a construção de relações sociais objetivando a superação do racismo religioso presente em nossa sociedade. Esse trabalho tem como referenciais teóricos as obras de Ferdinand Röhr (2011, 2013), considerando especialmente seu enfoque na multidimensionalidade do homem e da realidade; de Stuart Hall (2006), com destaque para a questão da identificação dos sujeitos; e de Jessé Souza (2021), com sua abordagem multidimensional e multicultural do racismo. Levando em consideração a opção metodológica, o trabalho baseou-se em pesquisa qualitativa etnográfica e autoetnográfica; permeada pela escrevivência, termo cunhado por Conceição Evaristo (2020); e pela pesquisa participante. Utilizamos também pesquisa bibliográfica, entrevistas semiestruturadas com os participantes do templo Tenda de Umbanda Oriental Senhores de Aruanda, além das reflexões advindas da vivência do pesquisador como sacerdote no terreiro da Umbanda Esotérica. Foi gerado um recurso pedagógico em formato audiovisual<sup>3</sup>, onde buscamos apresentar o depoimento de alguns umbandistas a respeito do racismo religioso a partir de suas próprias vivências.

**Palavras-chave:** Umbanda Esotérica. Racismo religioso. Multidimensionalidade. Educação.

---

<sup>3</sup> Audiovisual disponível para acesso na plataforma YouTube no link <https://youtu.be/tvBoegEVLqg>. Todos os envolvidos assinaram o termo de autorização de uso de imagem.



## ABSTRACT

This research investigates the construction of educational processes based on my experience in an Esoteric Umbanda *Terreiro* in Esmeraldas/MG. I try to reflect on the possible pedagogical contributions of Umbanda to the promotion of inter-religious dialogue and the construction of a network of resistance from its subjects, aiming to build social relations to overcome the religious racism present in our society. This paper has a wide range of theoretical references from Ferdinand Röhr (2011, 2013) work, considering especially his approach to the multidimensionality of man and reality. Stuart Hall (2006) highlights the subject's issue identification, and Jessé Souza (2021), with his multidimensional and multicultural approach to racism. Considering the methodological option work was based on ethnographic and autoethnographic qualitative research; permeated by the writing, a term coined by Conceição Evaristo (2020); and by participant research. We also used bibliographic research, and semi-structured interviews with participants of Tenda de Umbanda Oriental Senhores de Aruanda's temple, in addition to the reflections arising from the researcher's experience as a priest in the Esoteric Umbanda *Terreiro*. An audio-visual pedagogical resource format<sup>4</sup> was created, where we seek to present the testimony of some Umbanda practitioners regarding religious racism from their own experiences.

**KEYWORDS:** Esoteric Umbanda. Religious Racism. Multidimensionality. Education.

---

<sup>4</sup> An audio-visual format available via the <https://youtu.be/tvBoegEVLqg> link for access on the YouTube platform. All those involved in the audio-visual signed the authorization term for image use.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Congá sagrado na Umbanda Esotérica .....	32
Figura 2 - Insígnia da Tenda de Umbanda Oriental Senhores de Aruanda .....	69
Figura 3 - Pessoas da assistência aguardando o início da sessão .....	69

## LISTA DE SIGLAS

AUMBANDAM	Conjunto das Leis de Deus
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CLT	Consolidação das Leis Trabalhistas
COEP	Comitê de Ética em Pesquisa
DECAE	Departamento de Ciências Aplicadas à Educação
FAE	Faculdade de Educação
FAFICH	Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
FEBNET	Federação Espírita Brasileira
FUEP	Federação Umbandista do Estado do Paraná
GESTA	Grupo de Estudos em Temáticas Ambientais
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IADAFRO	Instituto de Defesa dos Direitos das Religiões Afro-Brasileiras
LDB	Lei de Diretrizes Básicas
MG	Minas Gerais
PNE	Plano Nacional de Educação
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TUOSA	Tenda de Umbanda Esotérica Senhores de Aruanda
UE	Umbanda Esotérica
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais

## SUMÁRIO

<b>1 MEMÓRIAS DE UM SACERDOTE DA UMBANDA: O COTIDIANO DE UM TERREIRO .....</b>	<b>12</b>
<b>1.1 O nascimento de um sacerdote-pesquisador .....</b>	<b>18</b>
<b>1.2 Processos educativos, racismo religioso e Umbanda Esotérica .....</b>	<b>24</b>
<b>2 O UNIVERSO DA UMBANDA E SEUS SUJEITOS .....</b>	<b>29</b>
<b>2.1 Concepções de sujeito e práticas religiosas.....</b>	<b>38</b>
<b>2.2 A pandemia (covid-19) e suas implicações no microuniverso.....</b>	<b>48</b>
<b>2.3 Umbanda Esotérica: a raiz de Pai Guiné.....</b>	<b>49</b>
<b>3 Educação e Espiritualidade .....</b>	<b>57</b>
<b>3.1 Processos pedagógicos e rituais na Tuosa.....</b>	<b>68</b>
<b>4 A TÍTULO DE CONCLUSÃO.....</b>	<b>75</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>79</b>
<b>APÊNDICE I.....</b>	<b>85</b>
<b>APÊNDICE II .....</b>	<b>86</b>
<b>APÊNDICE III.....</b>	<b>89</b>

## 1 MEMÓRIAS DE UM SACERDOTE DA UMBANDA: O COTIDIANO DE UM TERREIRO

Eu venho de tão longe, eu venho de Aruanda. Eu sou Pai Preto, Pai Arruda de Aruanda. É com arruda e com guiné e com espada de São Jorge. Que Nego Velho vai fazer trabalho de Umbanda. Que Nego Velho vai fazer trabalho de Umbanda<sup>5</sup>.

Peço licença a Nego Velho, dono de minha cabeça, para, do solo sagrado do terreiro, minhas ideias levantar. Salve os Pretos Velhos e as Pretas Velhas, salve os Caboclos e as crianças, salve os Exus e as Pombas Giras. Licença, meus velhos. Licença para de coisas sagradas aqui falar.

Rogo às Santas Almas Benditas pelas mais de 600 mil mortes pela covid-19 no Brasil, dentre as quais contabilizam-se dois colegas e uma amiga, vizinha que reside na mesma rua. Lamento, profundamente, a incompetência administrativa do governo eleito em 2018. Lamento, lamento, lamento! Lamento por todas as vidas perdidas em meio ao caos pandêmico.

Não poderia seguir na elaboração deste texto sem antes apresentar minha trajetória, juntamente com as lembranças e os fragmentos da caminhada espiritual percorrida. Afinal, foram essas experiências que me trouxeram até o Promestre. Pode ser que o texto não seja dos mais comuns no meio acadêmico, pois dá lugar de destaque à relação de um pesquisador, aspirante ao título de mestre, com o mundo dos mortos e daqueles que o habitam, os espíritos.

Minha tia Nininha, irmã mais velha de minha mãe, conta que, ao sair da maternidade, minha mãe, carregando-me já recém-nascido, fora abordada por uma senhora desconhecida que pediu para me ver. Relatam que a senhora, ao levantar levemente a manta, que minha mãe guarda até hoje, orou e disse “esse menino é especial”, tirou da bolsa que carregava um dinheiro e entregou a mamãe para comprar-me um presente. Até hoje insisto com minha mãe para me fornecer mais detalhes deste evento, contudo, apenas ouço: “É só isso, meu filho, nunca tinha visto essa dona na vida”.

Não quero, neste primeiro momento, ‘vender’ a imagem do garoto especial, não é essa a proposta. Entretanto, ao esboçar este texto, tal lembrança veio com tanta força que comecei a refletir sobre a pertinência do fato com o tema da pesquisa. Agora, exatamente agora, na escrevivência<sup>6</sup> deste trabalho, começo a me dar conta de que o ‘especial’ ao qual a desconhecida senhora, lá em 1980, poderia estar se referindo era a minha habilidade de me comunicar com o

---

<sup>5</sup> Ponto cantado do Preto Velho Pai Arruda de Aruanda, entidade espiritual responsável por minha orientação mediúnica, ensinado por ele mesmo.

<sup>6</sup> Conceito cunhado pela escritora Dr<sup>a</sup>. Conceição Evaristo que se refere a uma escrita própria, a partir do seu cotidiano de mulher negra em uma sociedade racista e preconceituosa.

mundo dos mortos. Levam-me a essa constatação o fato de, ainda menino, ter sido tocado pela temática espiritualista e estabelecido um precoce contato com os espíritos. Interessava-me, com bastante entusiasmo, as figuras dos sacerdotes que apareciam nos programas de televisão. Recordo-me, ainda hoje, da euforia de menino, com oito ou nove anos, ao ver esses sacerdotes, também conhecidos como pais e mães de santo, dando as tradicionais previsões para o ano novo. Confesso que, ao ouvir o chacoalhar dos búzios pela televisão, algo diferente acontecia dentro de mim, que me fazia pegar um punhado de pedrinhas ou feijões para brincar de prever o futuro dos meus irmãos e coleguinhas.

Todavia, precisamente com 12 para 13 anos, em 1992/1993, os primeiros sintomas da fenomenologia da mediunidade manifestaram-se na minha vida, tais como a percepção de parentes falecidos e vozes que vinham do além. Posso dizer que a primeira aparição foi de meu avô paterno, falecido em 1987. Na época, meus pais trabalhavam fora, estava no portão brincando com um amigo e, por volta de 11 horas da manhã, ao entrar para esquentar o almoço, dei de cara com meu avô, sentado de pernas cruzadas, a me dizer: “Ei Juninho...” e foi o suficiente para que eu saísse correndo e não quisesse retornar para o lar.

Desde então, fenômenos semelhantes passaram a ser constantes na minha infância. Filho de pais católicos, avessos a outras práticas religiosas, trilhei sozinho o caminho rumo a um centro espírita para entender o que acontecia. Os primeiros passos foram na Mocidade Espírita Francisco de Assis, que me conduziu a estudos avançados, possibilitando o desenvolvimento e o aprimoramento da mediunidade. Assim, passei a ser intermediário dos espíritos que frequentavam o centro, chamados de dirigentes espirituais ou mentores, como também dos espíritos sofredores, assim denominados, muitas vezes, por não terem consciência de que já estavam mortos. No ano de 2004, determinadas entidades espirituais, na forma de negros idosos, passaram a se comunicar pelo meu canal mediúnic, alterando significativamente as características da minha mediunidade e, conseqüentemente, sua manifestação.

Aprende-se, na doutrina espírita, que a mediunidade se dá mente a mente, ou seja, da mente do espírito para a mente do médium e, por isso, creem que não é necessário adotar os trejeitos do desencarnado. Acontece que, mesmo sem eu querer, os espíritos de pretos velhos ou pretas velhas chegavam estalando os dedos, alguns assoviando e outros, ainda pior, tendo em vista o padrão de sessão mediúnic da época, queriam se movimentar pelo ambiente. Após as inúmeras visitas das entidades, ditas pretos velhos e pretas velhas, fui advertido pelo dirigente da reunião mediúnic de que não era necessário “falar como um velho”, e que “preto velho não fazia parte da doutrina espírita”, indicando que tudo poderia fazer parte do meu imaginário.

As entidades conhecidas como pretos velhos e caboclos apareceram com maior frequência em meados de 2005, 12 anos após minha chegada ao centro. Com algumas delas, fiz um combinado para se adaptarem e adotarem as regras preestabelecidas naquele ambiente. Todavia, após 12 anos de pleno trabalho, refletia comigo e com outros médiuns se estava certo o tratamento dado a essas entidades. Alguns companheiros já haviam debandado para a religião umbanda e me fizeram vários convites, mas minha mente, na época aprisionada em conceitos ortodoxos e puritanos, não via a umbanda ou qualquer outra religião de matriz africana com bons olhos. Nas aulas e conversas informais que ocorriam no centro, sempre ouvira sobre a umbanda como algo negativo, grosseiro, ou seja, permeada de preconceitos que também adotara para mim.

O tempo que permaneci no centro espírita me capacitou para outras tarefas e, em determinado momento, coordenava a Mocidade Francisco de Assis e uma das reuniões públicas semanais que aconteciam todas as segundas-feiras. Foi nesse período que, ao fazer a triagem de alguns livros doados para a biblioteca do centro, constatei que a maioria dos temas abordados não estava ligada ao espiritismo. De imediato, despachei-os, pois a doutrina espírita, em sua proposta filosófica, repele os dogmas e, na época, minha concepção era de que o material estava repleto de dogmas e rituais. Levei as doações para um amigo que frequentava o centro há mais tempo, e que não dispensava uma leitura, independentemente do gênero. Passado algum tempo, numa das conversas frequentes, relatou-me a leitura de um livro “fantástico e interessante”, em suas palavras, pela abordagem de outras questões do mundo espiritual não tratadas pelo espiritismo. Conhecendo seu apurado gosto literário, além de suas sensatas avaliações, interessei-me pela obra.

Tomei em mãos, de forma desconfiada, o livro *Umbanda, essa desconhecida*, do autor Roger Feraudy (1986). Sempre ouvira falar da umbanda de forma pejorativa, no entanto, a cada página que lia, ficava surpreendido com as informações, pois elas iam ao encontro dos questionamentos que pululavam no meu interior. De posse do conhecimento que o livro me trouxe e insatisfeito com o tratamento dado às entidades espirituais de negros e indígenas, em 2007, afastei-me das atividades do centro e parti em busca de um terreiro de umbanda para aprofundar e continuar o que aprendera no livro *Umbanda, essa desconhecida*. Visitei algumas tradições e, no primeiro terreiro que visitei, denominado de Umbanda Popular, a entidade chefe do terreiro falou sobre meu compromisso com certa coletividade e alertou-me de que deveria me preparar para abrir um terreiro. Entretanto, foi na tradição de Pai Guiné, também conhecida como Umbanda Esotérica, que me consagrei sacerdote, difundindo, até hoje, os fundamentos do templo pelo qual sou responsável.

Em diferentes situações da vida profissional e da missão sacerdotal, e também na minha trajetória acadêmica, nas palestras em instituições de ensino e pesquisa, e até mesmo na prática de ensino dos fundamentos da umbanda, tenho percebido a dificuldade de alguns umbandistas de se reconhecerem como tal; além disso, observo, no imaginário popular, uma crença de que a umbanda realiza trabalhos para prejudicar os outros ou que rendemos culto a forças malignas. No campo sacerdotal, deparo-me ainda com a dificuldade que alguns sacerdotes de diversas religiões ou segmentos encontram em respeitar a forma diferente que o outro vivencia a religião de umbanda. Costumam expor sua prática religiosa de forma vertical, de cima para baixo, desconsiderando que a religiosidade é peculiar a cada um e, por isso, se manifesta de várias formas na sociedade.

Questões como essas conduziram-me a problematizar sobre o que leva um adepto da umbanda a não se reconhecer como um sujeito umbandista na sociedade. Existiria um processo educacional gerado na prática umbandista? Quais os seus pressupostos?

Nessa trajetória, identifico traços do preconceito no próprio sujeito que vivencia as práticas umbandistas. Via de regra, ao ser questionado sobre a sua religião, titubeia e responde ser espírita, demonstrando receio dos juízos que podem surgir ao se declarar umbandista. Contudo, cabe ressaltar que o próprio codificador da doutrina espírita fez questão de cunhar novo termo para não se confundir a nova doutrina com outras seitas espiritualistas.

Para se designarem coisas novas são precisos termos novos. Assim o exige a clareza da linguagem, para evitar a confusão inerente à variedade de sentidos das mesmas palavras. Os vocábulos espiritual, espiritualista, espiritualismo têm acepção bem definida. Dar-lhes outra, para aplicá-los à doutrina dos Espíritos, fora multiplicar as causas já numerosas de anfibologia. Com efeito, o espiritualismo é o oposto do materialismo. Quem quer que acredite haver em si alguma coisa mais do que matéria, é espiritualista. Não se segue daí, porém, que creia na existência dos Espíritos ou em suas comunicações com o mundo visível. Em vez das palavras espiritual, espiritualismo, empregamos, para indicar a crença a que vimos de referir-nos, os termos espírita e espiritismo, cuja forma lembra a origem e o sentido radical e que, por isso mesmo, apresentam a vantagem de ser perfeitamente inteligíveis, deixando ao vocábulo espiritualismo a acepção que lhe é própria. Diremos, pois, que a doutrina espírita ou o Espiritismo tem por princípio as relações do mundo material com os Espíritos ou seres do mundo invisível. Os adeptos do Espiritismo serão os espíritas, ou, se quiserem, os espiritistas (KARDEC, 2004, p. 15).

Nesse sentido, apesar de a umbanda e o espiritismo lidarem com o universo do sobrenatural, pois englobam o estudo do mundo dos espíritos e a fenomenologia da mediunidade, percebe-se, em Kardec (2004), que o termo espiritismo foi cunhado para não ser confundido com outras doutrinas espiritualistas. Cabe dizer que a umbanda traz no seu corpo doutrinário a crença reencarnacionista, a ideia da vida após a morte, a possibilidade do contato



com os espíritos, entre outros aspectos, temas já estudados por escolas esotéricas antiquíssimas, não sendo de exclusividade do espiritismo. Entretanto, diferente do espiritismo, a umbanda, aprofunda o estudo da magia; bem como a manipulação dos elementos que compõem parte da sua ritualística, como velas, perfumes, essências, flores, álcoois, cachaça e outros. A manipulação desses elementos, dentro da Umbanda Esotérica, compõe parte do que chamamos de ciência dos ritos sagrados e exige rituais específicos, determinadas posturas, sinais/símbolos, vestimentas e cantos sagrados conhecidos como ‘pontos cantados’, e essa prática vai diretamente contra a proposta de Kardec (2004) de abolir toda forma de ritos, apresentando o espiritismo como filosofia, ciência e razão.

Assim, entendemos que a Umbanda Esotérica se caracteriza por elementos ritualísticos, simbólicos e pela oralidade. Conduzem suas cerimônias aqueles que são iniciados, que se denominam pais/mães de santo ou sacerdotes/sacerdotisas. Dentro do templo/terreiro, o sacerdote é a pessoa mais habilitada para a utilização desses elementos, entretanto isso não o impede de preparar outros membros para que possam utilizá-los na sua ausência. Na Umbanda Esotérica (UE), a partir dos estudos internos e da tradição oral, o sacerdote deve preparar os seus filhos de fé no conhecimento e no entendimento da magia. Além de cuidar deles e orientá-los, o sacerdote deverá lidar diretamente com a comunidade na qual o templo está inserido, buscando inteirar-se de questões sociais e culturais, participando ativamente da vida da comunidade.

Foi envolto no pensamento de que um curso superior me ofereceria melhores condições de lidar com as questões religiosas, sociais e dos ambientes naturais, que a tradição da umbanda denomina como ‘sítios sagrados da natureza’, que decidi participar do processo seletivo da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em 2010. Entre tantos cursos oferecidos, a temática socioambiental chamou-me a atenção pelo perfil do profissional descrito na época, que ressaltava como uma das características as relações socioculturais e históricas com os ambientes. Conforme a descrição do curso no site da UFMG:

O curso de Ciências Socioambientais forma profissionais com habilidades para elaborar, analisar, acompanhar e executar projetos relacionados ao meio ambiente, incorporando as perspectivas sociais, culturais, históricas e políticas das relações entre sociedades e ambientes. As disciplinas ministradas no curso são orientadas por um eixo comum: a análise de como os elementos água, ar, terra e fogo (neste caso, a energia), são manuseados e apropriados por dimensões políticas, históricas e culturais. O bacharel em Ciências Socioambientais pode atuar em organizações que lidam com o meio ambiente, seja na esfera do governo ou no terceiro setor. Além disso, também pode desenvolver pesquisas científicas (UFMG, 2020, n.p.).

Aprovado em 2010, ingressei na graduação em Ciências Socioambientais da UFMG como o primeiro membro da família a cursar o ensino superior. Oriundo da escola pública, deparei-me com algumas dificuldades da vida acadêmica, sentidas notadamente no dia a dia, quais sejam dificuldades financeiras, dificuldades de compreensão dos textos acadêmicos, tentativas de conciliar as aulas das disciplinas com o trabalho, entre outros constrangimentos. A partir da disciplina obrigatória ‘Ambiente e Sociedades’, passei a conhecer o trabalho de pesquisa desenvolvido pela professora Dr<sup>a</sup>. Andrea Zhouri e, por meio de edital de seleção, ingressei, em 2011, no Grupo de Estudos em Temáticas Ambientais (Gesta/Fafich), com bolsa de extensão que possibilitou maior dedicação, experiência e domínio do saber acadêmico. Foi através do projeto de extensão ‘Cidadania e justiça ambiental: Conflitos Ambientais na Perspectiva dos Movimentos Sociais no Estado de Minas Gerais’ que apresentei, no evento UFMG Conhecimento e Cultura (2011), o trabalho *Conflito e injustiça socioambiental entre as vazantes e a barragem: assessoria aos vazanteiros atingidos pela Usina Hidrelétrica de Irapé*, que recebeu menção honrosa e premiação de destaque de extensão. Contudo, por motivo de doença na família, fui obrigado a me afastar do Gesta, pois era imprescindível o retorno ao mercado de trabalho a fim de auxiliar nas despesas domésticas.

A experiência no grupo de pesquisa me propiciou desenvoltura para lidar com o público, pois, nas reuniões frequentes com a professora responsável e com outros bolsistas, tive que apresentar relatórios do desenvolvimento das minhas atividades, bem como a pesquisa desenvolvida em alguns eventos da UFMG. Assim, adquiri coragem de proferir palestras sobre a incompreendida religião umbanda. Antes dessa experiência, não me sentia capaz e com coragem para falar com o público fora do templo.

Apesar do desejo de continuar meus estudos, muitas vezes pensei que a graduação seria o meu limite educacional, não me imaginava e não me sentia capaz de chegar à pós-graduação, principalmente em uma universidade tão bem-conceituada como a UFMG. Quando me formei, vi colegas brancos e, quando não brancos, pertencentes a famílias com condições financeiras bem melhores que a minha, emendarem o mestrado e o doutorado, alguns fazendo-o até fora do Brasil. Em meu pensamento, havia o desejo de seguir o mesmo caminho dos colegas, mas como, desde cedo, tive que trabalhar, acreditei, durante muito tempo, que a pós-graduação não seria uma possibilidade em minha trajetória acadêmica. Até que um dia, certamente pela interferência dos espíritos que me assistem, fui convidado para realizar uma palestra em uma disciplina na Faculdade de Educação da UFMG. O retorno à UFMG, agora como palestrante na disciplina de ‘Educação e Espiritualidade’, ministrada pela Profa. Dra. Conceição Clarete Xavier Travalha, nos cursos de Pedagogia e de licenciatura, uma, duas, três, e tantas outras

vezes, fez rebrotar o desejo de continuar meus estudos, de levar para a academia minhas inquietações. Ser aprovado no processo seletivo do Promestre tornou-se um dínamo inspirador, pois sou pobre, preto e hoje tenho a possibilidade de defender um título de mestrado, algo, até então, inatingível.

Nesses caminhos, constatei a importância de apresentar para a comunidade de dentro e de fora da academia o benefício do diálogo inter-religioso. Apesar de vivermos em uma sociedade plural, com infindas manifestações culturais e religiosas, ainda hoje, diversas manifestações de preconceito estão presentes no cotidiano de muitas pessoas. Ao visitar alguns terreiros na Região Metropolitana de Belo Horizonte, percebi que a umbanda possui um importante papel na formação do sujeito sociocultural que, para além das práticas de ações sociais, permeia o campo subjetivo do indivíduo, criando condições para lidar com as adversidades de cada tempo. Todavia, a umbanda ainda sofre grande preconceito, que se manifesta, inclusive, entre os próprios umbandistas. Por diversas vezes, observei trabalhadores desses espaços se denominarem espíritas, cristãos, espiritualistas, mas, pouquíssimas vezes, umbandistas. Isso se dá, acreditamos, pela falta do diálogo entre as religiões, pois é necessário entender que não é preciso que uma manifestação/crença /credo religioso seja melhor ou mais importante que a outra, cada uma, na sua busca filosófica e espiritual, deveria cumprir o papel de construção de uma sociedade melhor, fomentando o respeito a toda e qualquer diferença, seja de raça, gênero, credo etc.

Essas experiências despertaram em mim o desejo de compreender se existe um processo pedagógico da umbanda. Se sim, qual seriam os seus princípios? A partir desse questionamento, proponho-me a investigar: seria possível uma educação, através das práticas umbandistas, para o fomento do diálogo inter-religioso e em favor da luta contra o racismo religioso? Como esse processo educativo poderia contribuir para a melhoria das relações sociais na escola?

### **1.1 O nascimento de um sacerdote-pesquisador**

Apesar de não objetivarmos, com esta pesquisa, a construção de um relatório etnográfico no formato proposto pela ciência antropológica, utilizamos uma de suas ferramentas basilares, a observação participante. Em nosso caso, estamos mergulhados no campo da pesquisa, participando diariamente na vida dos entrevistados na relação de sacerdote e discípulos. “A observação participante constitui-se na principal ferramenta operacional da etnografia, por que, por meio dela, há a inserção do pesquisador no campo” (ABIB; HOPPEN;

HAYASHI, 2013, p. 606). Estar imerso no campo social pesquisado possibilitou-me fazer anotações importantes no caderno de campo, destacando aspectos que, muitas vezes, escapam nas entrevistas.

No momento das entrevistas, foi necessário reafirmar a relação entre pesquisador e pesquisados, de modo que a figura do sacerdote não se sobressaísse a do pesquisador e comprometesse os dados. As anotações em campo tornaram-se indispensáveis para análise, sendo, muitas vezes, complemento dos temas levantados. A observação em campo, como membro aceito pelos sujeitos, neste caso, meus filhos de fé, de certo modo, mostrou-se menos constrangedora que as entrevistas com o uso do gravador, permitindo registrar peculiaridades não captadas nas gravações.

No Quadro 1, Abib, Hoppen e Hayashi (2013) apresentam três categorias de observação participante: a observação periférica; a observação ativa e a observação completa.

Quadro 1 – Tipos de observação participante

<b>Tipo de Observação</b>	<b>Principais Características</b>	<b>Vantagens</b>	<b>Desvantagens</b>
Observação Periférica	Reflete uma posição mais marginal e menos comprometida do pesquisador. Envolve contato diário ou quase diário com informantes-chave. O observador possui um papel pouco ativo.	Facilidade em se manter neutro frente a coleta de campo.	Dificuldade em obter a confiança e sua inserção no grupo pesquisado.
Observação Ativa	O observador assume um papel mais central e principalmente funcional no grupo.	Mais facilidade na aceitação do observador e na obtenção da confiança por parte do grupo.	Por estar imerso no grupo, buscando uma auto-reflexão, recomenda-se retiradas periódicas do pesquisador do seu campo.
Observação Completa	Divide-se em duas categorias: de oportunidades (caso o pesquisador já faz parte do grupo) ou por conversão (quando ele se torna parte efetiva do grupo).	Acesso irrestrito ao ambiente pesquisado com possibilidade de coleta completa de informações e detalhes.	Viés de observação oriundo da vivência de longo período no campo.

Fonte: Abib, Hoppen e Hayashi (2013, p. 607).

No presente estudo, buscamos adotar a observação completa, facilitada pelo fato de o pesquisador possuir livre acesso ao campo da pesquisa, o universo do terreiro com seus frequentadores, os filhos e filhas de fé.

A observação participante também é chamada pesquisa etnográfica e, conforme Mattos (2011), permite um olhar detalhado sobre grupos ou relações sociais específicas. Por isso, “o processo de pesquisa etnográfica será determinado explícita ou implicitamente pelas questões propostas pelo pesquisador” (MATTOS, 2011, p. 50).

O processo educativo na prática da umbanda esbarra no campo subjetivo, tendo em vista as dimensões básicas e temático-transversais. Para chegar a essa subjetividade, com o objetivo de investigar o processo pedagógico presente na umbanda, utilizei os instrumentos e as possibilidades que a observação participante nos proporciona. Seguramente, essas ferramentas podem “ser formuladas ou recriadas para atender à realidade do trabalho de campo” (MATTOS, 2011, p. 50). Desse modo, mesmo com as entrevistas pré-agendadas, a minha presença no terreiro, como o ‘pai espiritual’, permitiu-me colher informações importantes que, muitas vezes e por diversos fatores, escaparam nas entrevistas. Há aqui um sujeito, no caso eu, em transformação, inicialmente sou levado à pesquisa por inquietações pessoais, após ser aprovado no processo seletivo, tornando-me pesquisador, surge uma inquietação ética: sou um sacerdote pesquisador ou um pesquisador sacerdote? Sou, na verdade, um sujeito multifacetado e multidimensional e, por essa razão, ocupo os dois lugares, sendo que um não invalida o outro. Porquanto, uso, além dos indispensáveis instrumentos academicistas, meu olhar e meu ouvir que, inexoravelmente, perpassarão todas as dimensões básicas e transversais nas quais estou imerso.

Nesse sentido, Oliveira (1996) assevera a importância do “olhar, ouvir, escrever” do pesquisador na sua proposta de etnografia. O olhar do pesquisador, a partir das disciplinas acadêmicas que o orientam, “funciona como uma espécie de prisma por meio do qual a realidade observada sofre um processo de refração” (OLIVEIRA, 1996, p. 15). O olhar passa, então, a ser instrumentalizado ou tecnicista, o que muitas vezes impede de alcançar significações importantes nas interações sociais em torno do objeto de pesquisa. E, além disso, para compreender esse universo multifacetado da religião umbanda, marcado pela diversidade de tradições e reproduções sociais, “somente o Olhar não seria suficiente” (OLIVEIRA, 1996, p. 17).

No campo de estudo desta pesquisa, o olhar me permitiu identificar o processo ritualístico da umbanda, a vestimenta dos seus frequentadores, o comportamento de determinadas hierarquias, como se inicia e se encerra um ritual, mas somente esse olhar não foi suficiente para compreender as relações sociais que se dão entres os sujeitos envolvidos. Como alcançar, através do olhar, o poder mágico dos pontos cantados, a benesse da água magnetizada para o ‘Eterno Feminino’ e ‘Eterno Masculino’? Como compreender somente com o olhar a especificidade mediúnica de cada médium e, por conseguinte, de cada entidade espiritual que atua nesse médium? Somente com o ‘olhar’ não é possível compreender como se dão as práticas educativas na umbanda e como cada sujeito reage a elas.

Para chegar, entretanto, à estrutura dessas relações sociais, o etnólogo deverá se valer, preliminarmente, de um outro recurso de obtenção de dados [o Ouvir]. O Ouvir e o Olhar como ferramentas de investigação não podem ser vistos de forma independente, ambos se apresentam como aparato que nos permite caminhar na busca do conhecimento científico (OLIVEIRA, 1996, p. 18).

O ‘olhar’ possibilita conhecer a ritualística da umbanda e, a partir desse olhar, descreveremos o que se vê. Com o ‘ouvir’ das entrevistas semiestruturadas, alcançamos a compreensão do significado de rituais, gestos, palavras e comportamentos.

Por isso, a obtenção de explicações, dadas pelos próprios membros da comunidade investigada, permitiria se chegar àquilo que os antropólogos chamam “modelo nativo”, matéria prima para o entendimento antropológico. Tais explicações nativas só poderiam ser obtidas por meio da “entrevista”, portanto, de um Ouvir todo especial. (OLIVEIRA, 1996, p. 19).

Por fim o ‘olhar’ e o ‘ouvir’ levam, inevitavelmente, ao ‘escrever’, que se apresenta como produto do pesquisador. Para o professor Oliveira,

Devemos entender, assim, por Escrever o ato exercitado por excelência no gabinete, cujas características o singularizam de forma marcante, sobretudo quando o compararmos com o que se escreve no campo, seja ao fazermos nosso diário, seja nas anotações que rabiscamos em nossas cadernetas (OLIVEIRA, 1996, p. 22).

No ato de ‘escrever’ manifesta-se nosso pensamento, “uma vez que o ato de escrever é simultâneo ao ato de pensar” (OLIVEIRA, 1996, p. 29).

Utilizando os recursos da pesquisa etnográfica e da observação participante, que permeiam minha trajetória de sacerdote e todas as minhas dimensões, conforme temos em Röhr (2013), apropriei-me também o recurso da escrevivência, afinal foi a angústia surgida na lide do terreiro que me levou à execução deste trabalho. Escrevivência é um conceito cunhado por Conceição Evaristo, que o aborda da seguinte maneira:

Era um jogo que eu fazia entre a palavra “escrever” e “viver”, “se ver” e culmina com a palavra “escrevivência”. Fica bem um termo histórico. Na verdade, quando eu penso em escrevivência, penso também em um histórico que está fundamentado na fala de mulheres negras escravizadas que tinham de contar suas histórias para a casa-grande. E a escrevivência, não, a escrevivência é um caminho inverso, é um caminho que borra essa imagem do passado, porque é um caminho já trilhado por uma autoria negra, de mulheres principalmente (EVARISTO, 2020, n.p.).

Esse escrever, viver e se ver transpondo para outro campo permitem-me olhar para minhas percepções também como um sujeito da pesquisa. Portanto, em relação à pergunta feita anteriormente, posso afirmar que sou um pesquisador sacerdote e também um sacerdote

pesquisador, pois é a partir da experiência do viver e sentir, do olhar, do ouvir e do escrever que vamos construindo a nossa trajetória. Aliado a esses recursos, foi indispensável um estudo bibliográfico que fundamentasse nossa escrivência no Promestre.

Fravet-Saada (2005) ressalta que é importante resgatar a sensibilidade na coleta dos dados, deixando-se afetar pelas mesmas forças que agem sobre as pessoas do local de pesquisa. Contudo, nesta experiência, é preciso se atentar para que essa sensibilidade não nos torne pesquisadores com autoridade inquestionável de falar pelo grupo pesquisado. Conforme Clifford (2002), essa relação pesquisador-pesquisado deve ser colaborativa, uma construção de conhecimento que, ao invés de propor, falar pelo/do outro, nos permita ouvir a voz do outro, para que ele fale o que deseja falar. Afinal, a pesquisa se desenvolve a partir da relação com seu objeto que, até aqui, tem se mostrado de forma dinâmica e multifacetada.

Realizamos entrevistas com integrantes do terreiro Tenda de Umbanda Oriental Senhores de Aruanda (Tuosa), pelo qual sou responsável, em Esmeraldas/MG. E, para identificar os sujeitos entrevistados, utilizei os nomes das entidades espirituais que se manifestam nas sessões da Tuosa. Algumas delas atuantes através da mediunidade dos sujeitos e outras por escolha pessoal, considerando maior afinidade entre o espírito e o médium entrevistado. Os participantes foram divididos em três grupos, tendo como referência o tempo de permanência no terreiro:

**a) Grupo 1 – filhos(as) do terreiro há mais de nove anos: Exu Mirim e Dona Madalena**

Exu Mirim tem 38 anos, é solteiro e se declara negro. Possui ensino médio completo, com formação em Técnico de Segurança do Trabalho, é servidor público, pelo regime de Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), auxiliar administrativo há sete anos em Belo Horizonte, no Hospital Risoleta Tolentino Neves. Exu Mirim faz parte do terreiro pesquisado desde sua fundação, há mais de nove anos, é médium ostensivo<sup>7</sup>, atende nas sessões públicas com as entidades<sup>8</sup> trabalhadoras da umbanda e compõe a Diretoria Executiva do templo.

Dona Madalena tem 48 anos, é divorciada, mãe de duas filhas e se declara negra. Possui formação em Técnico Administrativo e atua em uma empresa privada em Belo Horizonte, como analista administrativo. Assim como Exu Mirim, faz parte do terreiro desde sua fundação, há mais de nove anos, é médium ostensivo, atende nas sessões públicas com as entidades trabalhadores da umbanda e também compõe a Diretoria Executiva do templo.

---

<sup>7</sup> Chamamos de médium ostensivo aquele que possui a facilidade da incorporação das entidades que faz com que o médium assuma a voz e os trejeitos do espírito comunicante.

<sup>8</sup> Preto(a) Velho(a); Caboclo(a); Criança; Exu.

**b) Grupo 2 – filhos (as) do terreiro entre seis e nove anos: Táti e Vó Cambinda**

Táti tem 51 anos, é divorciada e mãe de um filho. Possui formação superior em Fisioterapia, trabalha com neuro-funcional voltado para fisioterapia neurológica. Declara-se parda. Atende pacientes com quadros de paralisias, mal de Parkinson, sequelas de derrame cerebral, entre outros. Táti, antes de se tornar membro efetivo do terreiro, frequentou as sessões públicas por um período, como consulente/assistência. É médium ostensiva e atua nas sessões públicas com as entidades trabalhadoras da umbanda.

Vó Cambinda tem 56 anos, é divorciada, servidora pública aposentada e mãe de três filhos. Declara-se branca. Possui formação superior em Pedagogia, é pós-graduada em Psicopedagogia Institucional. Quando em atividade, atuou na docência dos anos iniciais do ensino fundamental, na supervisão pedagógica, na orientação educacional, na coordenação pedagógica e na direção escolar. Vó Cambinda, antes de se tornar filha do terreiro, frequentou o local por alguns anos, como consulente/assistência, período em que tratou com os espíritos, de modo concomitante ao tratamento convencional, uma grave crise de depressão, que a impedia de se locomover, sendo levada ao terreiro por familiares e amigos. É médium ostensiva e atende nas sessões públicas com as entidades atuantes na umbanda.

**c) Grupo 3 – filhos(as) do terreiro com até seis anos: Pai José**

Pai José tem 31 anos, é casado, pai de um filho e se declara pardo. Possui formação superior em Jornalismo. Atua profissionalmente como jornalista e cineasta. Pai José é o mais jovem dos entrevistados e traz consigo a responsabilidade de chefia de terreiro, sendo sacerdote de um terreiro em Belo Horizonte. É médium ostensivo e atende nas sessões públicas com as entidades atuantes na umbanda.

Foram entrevistados<sup>9</sup> o total de seis membros atuantes no terreiro. No Grupo 1, procuramos entrevistar dois filhos(as) considerados mais antigos, que estão no terreiro desde a sua fundação. No Grupo 2, foram dois entrevistados dois filhos(as) com, pelo menos, seis anos no terreiro; e, no Grupo 3, entrevistamos dois filhos considerados mais jovens, com até cinco anos no terreiro. Entretanto, por má qualidade do áudio, uma entrevista do terceiro grupo foi pouco aproveitada, de modo que não pudemos utilizar as informações, sendo necessário excluir o participante. Todavia, esse incidente não prejudicou o desenvolvimento geral do trabalho.

---

<sup>9</sup> Os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) exigido pelo Comitê de Ética em Pesquisa (COEP).



## 1.2 Processos educativos, racismo religioso e Umbanda Esotérica

Ao longo do trabalho, busquei refletir sobre questões referentes às possíveis contribuições que se constituem no cotidiano das práticas da Tuosa e que possam oferecer subsídios para a educação de um coletivo, de forma horizontal, solidária e libertadora. Ou seja, um processo educativo que assegure o livre exercício do diálogo inter-religioso dentro e fora da Tuosa, que garanta o respeito às diferenças e combata o racismo religioso em qualquer situação em que os sujeitos estejam envolvidos.

Optei por utilizar o conceito de ‘racismo’ ao invés de preconceito. Embora ambos apresentem relações semelhantes no cotidiano de vários grupos sociais, eles diferem em seus sentidos, conforme constatamos, por exemplo, no livro *Racismo Estrutural*, do professor Sílvio Almeida:

Podemos dizer que o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam. Embora haja relação entre os conceitos, o racismo difere do preconceito racial e da discriminação racial. O preconceito racial é o juízo baseado em estereótipos acerca de indivíduos que pertençam a um determinado grupo racializado, e que pode ou não resultar em práticas discriminatórias. Considerar negros violentos e inconfiáveis, judeus avarentos ou orientais “naturalmente” preparados para as ciências exatas são exemplos de preconceitos. A discriminação racial, por sua vez, é a atribuição de tratamento diferenciado a membros de grupos racialmente identificados (ALMEIDA, 2019, p. 22 - 23).

Grande parte das pessoas desconhece a cosmogonia da Umbanda Esotérica e acredita que ela está atrelada a práticas africanistas de magia e, por conseguinte, associada a uma religião de origem afro-brasileira. Assim, ao se associar a Umbanda Esotérica a esses aspectos, vemos emergir o preconceito de raça e o racismo religioso. Não que isso seja um problema em si, faço essa consideração por saber como são tratadas as heranças culturais do negro no Brasil e no mundo, consideradas algo sujo, sem valor, num cenário que se perpetua desde os tempos da escravidão. Assim, abordar o racismo religioso torna-se pertinente, uma vez que ele é empregado em relação a determinado grupo racialmente identificado, como veremos adiante, tendo em vista os relatos de perseguição às religiões de matriz africana. Pai José, um dos sujeitos da pesquisa, nos relata, brevemente, sua história e conta como precisou lidar com o racismo religioso:

Eu nasci em berço católico. Mas algo sempre me incomodou porque era algo muito impositivo, né? E num certo momento da vida. Um certo momento, tinha mais ou

menos 16 anos, comecei questionar alguns posicionamentos da Igreja Católica é... e aquilo me incomodou além da conta, a ponto de chegar em casa e falar: não vou mais. E isso era uma briga gigantesca, né. O filho não ir para a missa mais... já tinha feito primeira comunhão. Já dei catequese, estava para crismar e como a crisma é a aceitação do batismo, né? Eu falei... como eu não quero seguir dentro da religião, não posso crismar, acho um desrespeito, né? E assim eu entrei pra a igreja evangélica. Era um momento difícil da vida. Eu estava com depressão e ali eu encontrei algo que eu não encontrava na Igreja Católica, que era pessoas me acolhendo, jovens... e aí eu toquei bateria na igreja, participei de eventos e me senti bem. Até que não foi o suficiente, eu passei a questionar também a forma como era tratado algumas coisas, principalmente em relação a religiões espiritualistas lá em Nanuque, foi quando eu entrei para igreja evangélica, eu já tinha, tinha um ciclo de amigos que também eram pessoas espíritas, né? Eu via como que era tratado isso quando lia na Bíblia interpretava, falava pessoas que conversam com espíritos são abominadas por Deus, algo nesse sentido assim. Aí eu me afastei, quando eu vim para Belo Horizonte, eu afastei da igreja e, por um motivo de uma crise muito forte de depressão, a minha avó Dulce, já falecida, ela falou: ó leva Benedito num centro espírita porque isso é espiritual. E aí foi quando minha mãe tomou coragem, porque ela teve que deixar de lado muitas das crenças dela para poder tá lá. Ela foi, me levou na casa de uma senhora e essa senhora me deu um primeiro atendimento, de forma emergencial, e me encaminhou para o tratamento espiritual, e aí, no espiritismo, eu permaneci por... de 2012 até três anos atrás. Dá quanto tempo? Três anos atrás (Pai José – Trecho de entrevista, 2021).

Apresento um fato curioso: o terreiro que dirijo está localizado em um bairro da região metropolitana de Belo Horizonte, na cidade de Esmeraldas/MG, cuja população é formada por pessoas pertencentes a um estrato populacional marcado por uma situação econômica caracterizada pela pobreza. Minha mãe, em sua maneira singela de estar no mundo, sempre ensinara que gente pobre pode não ter dinheiro, mas, no mínimo, deve sempre ser gentil, honesto e educado. Aliás, acredito que qualquer ser humano, independentemente de sua classe social, deveria cultivar essas virtudes, fundamentais para uma postura ética comprometida com a humanização das diferentes comunidades. Assim, trouxe esse ensinamento como filosofia de vida, mesmo que, em algumas situações carregadas de teor preconceituoso ou racista, o desejo fosse de não seguir à risca tal ensinamento. Certa feita, um senhor que mora em frente ao terreiro, ao ver me sair pelo portão do terreiro, chamou-me e, curioso, perguntou: “Alcides o que acontece aí?”. Prontamente, respondi: “Aqui é um terreiro de umbanda”. Com olhar surpreso, me disse: “Olha, mas você é tão educado e bonzinho”.

Na hora eu ri da fala do vizinho, mas é possível perceber, no seu questionamento, a presença do racismo religioso, que nada mais é que o reflexo de uma sociedade racista e também preconceituosa. O que leva o sujeito a conjecturar que o ‘educado’ não pode ser umbandista senão a reprodução contumaz do racismo na nossa sociedade? Acredito que um dos passos para corrigir esses equívocos é a promoção do diálogo inter-religioso, a partir de estudos e pesquisas que reflitam e possam contribuir na construção de práticas pedagógicas cujos construtos se ancorem nas reflexões de educadores e gestores que representem grupos específicos na

sociedade. Entretanto, infelizmente, não é o que vemos nos dias atuais, o racismo, o preconceito e as injúrias raciais tomaram fôlego no Brasil após as eleições de 2018, e vimos um crescimento absurdo de ataques a terreiros de umbanda e candomblé.

Aliado ao racismo religioso, presente nos próprios membros do terreiro, tenho me deparado com filhos de fé que apresentam quadros preocupantes de depressão por conta da covid-19, o que têm demandado de mim, sacerdote, atenção redobrada para acalmar mentes e corações aflitos. Cheguei a refletir por um momento: onde está a fé desses indivíduos? Não acreditamos na imortalidade da alma? Não é hora de darmos nosso real testemunho? Contudo, percebo que o medo real não é apenas da morte em si, mas advém do contexto de desgoverno do Brasil, que tem gerado insegurança geral no campo mental, profissional e religioso. Sentimo-nos como se pairasse sobre nós uma grande nuvem de insegurança e medo do porvir. Esse quadro agravou-se com o terreiro paralisado no período crítico da pandemia, sem o contato direto com os guias e mentores da umbanda e, conseqüentemente, sem os afazeres do terreiro, agravou-se o quadro mental de insegurança. Na fala de uma das entrevistadas, Vó Cambinda, identificamos o impacto que o afastamento das atividades do terreiro causou:

[...] Os estudos? Os estudos esse ano estão sendo uma vez mensalmente. Tem estudos teóricos, eu posso chamar depois de estudos práticos ou laboratório, não é? A gente vivencia um laboratório muito bom, muito gostoso, que nos ensina muito a parte prática. E, durante a pandemia, eu não participei assim. Eu sinto uma cisão aí no meio. Eu acho que tem mais gente que não participou e também sente essa cisão. Senti uma falta muito grande. Parece que...

Alcides: Cisão, você fala em que sentido?

Vó Cambinda: É... um corte. Parece que houve um corte aí nesse meio. Dá uma vontade de voltar atrás. Eu peguei um covid leve, mas se eu tivesse pegado um covid pesado, eu não estava aqui para contar, não é? Mas vamos recuperando. (Vó Cambinda – Trecho de entrevista, 2021).

Observo que, enquanto estivemos no período de afastamento devido à covid-19, procuramos sanar parcialmente a falta dos contatos pessoais com encontros virtuais, mas é o pé no chão do terreiro que vitaliza o umbandista e, com isso, percebi, a partir do grupo no aplicativo WhatsApp, que, durante todo o período de paralisação das atividades, a fé estava centrada na vacina. Foi ela, como disseram alguns, a esperança de retorno. E isso não foi falta de fé nos espíritos que nos assistem, se estamos na dimensão física, é nosso dever cumprir e respeitar os limites que essa dimensão nos impõe. Damos a “César o que é de César e a Deus o que é de Deus”. Oxalá permita que este trabalho possa iluminar caminhos que proporcionem aos pesquisadores do campo educacional, professores e sacerdotes, de matrizes africanas ou não, ferramentas didáticas, tais como textos informativos, artigos, cartilhas, que possam ser discutidas em sala de aula, na busca de compreensão do fenômeno social e cultural da religião,

suas implicações na dimensão espiritual da humanidade, sobretudo para enfrentamento ao preconceito e ao retrocesso que ora vivemos.

Para a realização desta pesquisa, consultei, inicialmente, o portal Capes, utilizando as palavras-chave: racismo religioso, letramento religioso, processo educacional na umbanda, que são os conceitos que fundamentam nossa pesquisa. Devido à escassez de respostas, realizei uma busca refinada para cada uma dessas palavras, na tentativa de identificarmos outros trabalhos que dialogam com esta pesquisa.

A partir das instruções presentes no próprio manual disponibilizado pelo portal Capes, refinamos nossa busca da seguinte forma:

1. Utilizando aspas

“O uso de aspas no “termo composto” recupera os registros que contenham as palavras juntas” (CAPES, 2019, p. 41).

Utilizando essa forma de pesquisa para os termos “umbanda e educação” o resultado foi zero. Para “letramento religioso”, encontramos seis resultados, e para o termo “racismo religioso” foram encontrados 17 resultados.

2. Sem aspas

“O termo composto, sem aspas, o sistema localiza registros que contenham as palavras, não importando a posição” (CAPES, 2019, p. 41).

Nessa modalidade de busca, as palavras aparecem sem importar a ordem, e o portal nos reportou o número de 1.238.036 teses e dissertações, o que dificultou nossa intenção de busca.

3. Utilizando operadores de busca AND e OR

Os operadores de busca AND e OR possibilitaram um refinamento mais próximo aos temas da minha pesquisa, já que “AND –funciona como a palavra "e", fornecendo a intercessão, ou seja, mostra apenas os registros que contenham todas as palavras digitadas, restringindo a amplitude da pesquisa” (CAPES, 2019, p. 41) E o operador “OR –funciona como a palavra "ou", mostrando a união dos conjuntos, ou seja, a base de dados fornece a lista dos artigos que contenham pelo menos uma das palavras, ou as duas, ampliando o resultado da pesquisa” (CAPES, 2019, p. 11).

A partir desses operadores, os resultados para os temas “umbanda e educação” e “racismo religioso” somaram o total de 261 dissertações e teses de mestrado e doutorado, além de artigos científicos.

Almeida, Barbosa e Pedrosa (2014) abordam, a partir de uma pesquisa etnográfica em um terreiro de umbanda em Teresina/Piauí, elementos socioculturais que contribuem para a construção de uma cultura de paz entre distintos filios religiosos nos espaços educacionais.

Cunha (2009) discute a importância de abordar a cultura dos candomblés na escola, apresentando informações históricas do candomblé, constituído no Brasil como herança do povo negro escravizado. Em outro estudo, *Educação de jovens e adultos na Comunidade Quilombola do Cafundó*, Dias, Rossetti e Romeiro (2018) apresentam a precariedade da educação e o descaso das autoridades públicas, bem como o esforço que alguns moradores dispõem para manter e resgatar costumes e tradições deixadas pelos negros quilombolas.

Inicialmente, fiz a leitura dos resumos, que ficam disponíveis no próprio portal Capes, na aba “detalhes”. Em quase todos esses documentos, não identificamos uma efetiva contribuição ao tema que nos propomos pesquisar, ou seja, os fundamentos dos processos educativos da Umbanda Esotérica e sua contribuição para a reflexão relativa ao racismo religioso. Todavia, encontramos caminhos que direcionam para a importância do respeito à diversidade e da valorização da cultura do povo negro (CAPUTO; MEDEIROS; SILVA, 2021; FIOROTTI, 2019; MACHADO; MUNIZ, 2021; SANTOS; SILVA, 2018).

Assim, acredito que este trabalho traz em seu bojo aspectos inéditos ou pouco pesquisados e, dessa forma, poderá apontar caminhos que possam contribuir para a compreensão dos aspectos pedagógicos presentes na prática da Umbanda Esotérica em Esmeraldas/MG e da sua contribuição para a reflexão e o combate ao racismo religioso. Dessa forma, busco captar aspectos educativos e princípios norteadores presentes nos processos pedagógicos desenvolvidos em um centro de Umbanda Esotérica, assim como investigar as contribuições da umbanda para o fomento do diálogo transespírita, no sentido de combater o racismo religioso, especialmente presente nas relações escolares.

Nesse primeiro capítulo, fiz uma breve descrição de toda a minha história, que se relaciona intimamente com a proposta desse trabalho que, na verdade, é uma articulação teórico-prática de toda a vivência descrita. Porém, inspirado na escrivência de Conceição Evaristo (2020), peço licença para adotar, no restante dessa dissertação, esse estilo, pois acredito que essa será a melhor maneira de me fazer compreender por meu leitor.

## 2 O UNIVERSO DA UMBANDA E SEUS SUJEITOS

A Umbanda Esotérica, ao preparar seus adeptos quanto ao aprendizado da doutrina, perpassa ciclos de estudos diversos. É possível que aqueles que desconhecem suas práticas e ritos afirmem que ela não se insere em aspectos pedagógicos educacionais, fato que nos é compreensível, pois, diante da diversidade de filios religiosos difundidos pelo Brasil e no mundo, não poderíamos exigir de todos o conhecimento dos meandros das diversas vivências religiosas que aí se desenvolvem. Não obstante, a UE possui um processo educacional próprio, que também permeia o campo do saber acadêmico, preparando seus sujeitos para interagir em sociedade através de diversas formas de aprendizagem. Seus estudos percorrem caminhos como o da matemática, ao trabalhar temas da numerologia sagrada; áreas como sociologia, filosofia e arqueologia, quando estuda a história das antigas civilizações, em busca de registros de antigas práticas mágicas; adentra também o campo da biologia e da botânica, quando busca conhecimento para elaboração de chás, banhos ou defumações. Com efeito, podemos dizer que a prática da UE é, na sociedade, mais uma ferramenta de superação da desigualdade social, pois possibilita que seus filhos(as) percorram caminhos interseccionando saberes, vivências e tradições diversas.

Souza (2021) afirma que a única forma de explicar o racismo “é compreendermos o que ele destrói nas pessoas” (p. 10). Por isso, ao focalizar os sujeitos da umbanda, é preciso deixar explícito o que ele vem destruindo na minha vida. A elite brasileira, para manter os pobres apaziguados, construiu a ideia da meritocracia, que nos é vendida como um estímulo, desses que nos leva a pensar que ‘depende de mim’, com um pressuposto de que ‘é só correr atrás que eu consigo’, quando, na verdade, estamos diante de uma ideia que engana. Entretanto, permanecemos esperançosos de que, com muito esforço e com a criação de políticas públicas adequadas e justas, conseguiremos vencer, ao longo do tempo, as dificuldades e romper o ciclo de pobreza que marca a maioria da população brasileira. Deponho, como sujeito da pesquisa, sobre a grande dificuldade que tive para ingressar e me manter no curso superior e a expectativa frustrada de que o ensino superior me traria melhores condições financeiras. Souza (2021) aponta que

[...] em uma sociedade como a brasileira, o racismo racial assume o comando da vida social a partir da construção de uma “ralé de novos escravos”. Uma classe/raça composta em sua esmagadora maioria por negros, destinada a ser a “Geni” da sociedade brasileira, que todos podem oprimir, explorar, humilhar, cuspir e matar sem que ninguém realmente se comova. Uma classe/raça construída para que todas as

outras possam se sentir superiores a ela, ajudando a justificar e legitimar uma sociedade que é desigual e perversa como um todo (p. 11).

As afirmativas do professor Jessé Souza (2021) contribuem para nos levar a compreender sentimentos antes considerados inapropriados. Enquadro-me perfeitamente na categoria provocativamente criada por ele, a “ralé de novos escravos”, que ousou, por um instante, transpor os grilhões sociais impostos aos pobres. Graduar-me em uma universidade pública foi um movimento hercúleo, que exigiu lidar com leituras de artigos consorciando a necessidade do trabalho remunerado. Muitas vezes, envergonhei-me das dificuldades que possuía para acompanhar leituras e discussões em sala devido ao cansaço e também à formação precária na escola de base. Revivificava-me saber que o esforço seria recompensado após a conclusão do curso, o que não aconteceu. A maneira como o sistema age e nos ilude é tão profícua que ainda vibra a ideia de que, se eu me esforçar e concluir o mestrado, talvez melhore minha vida financeira. Conforme vemos na fala de Souza:

Como o caminho social do mérito individual é esquecido, esse conceito de classe é a melhor arma ideológica já inventada para legitimar a meritocracia, ou seja, a ideia de que o mundo até pode ser difícil para alguns, mas é “justo”, premiando o mérito individual dos que, por esforço e trabalho duro, conseguem ganhar 500 vezes mais que outros. Não é que deixemos de lamentar aqueles que ganham 500 vezes menos do que outros, mas paciência... Infelizmente, eles ganham menos por culpa própria, por serem mais burros e preguiçosos (SOUZA, 2021, p. 19).

As instituições produtoras do conhecimento, de certa maneira, trabalham a partir de uma ideologia capitalista, pois, desde a educação básica, ouvimos que ‘é preciso estudar para sermos alguma coisa na vida’, ou seja, ofertam o conhecimento com a finalidade de, no futuro, entregar para a sociedade trabalhadores resignados, que contribuem com essa estratégia inteligentemente forjada pelas elites, que culpabilizam o pobre por seus insucessos.

O principal objetivo da escola deveria ser formar os sujeitos, principalmente crianças e adolescentes das classes trabalhadoras, para o enfrentamento das lutas impostas pela sua dura vida, que acontece no aqui e no agora e não apenas lá na frente, desocupando-se da formação de trabalhadores dóceis à exploração capitalista.

Já pudemos observar que a educação, a escola, o sistema produtivo, tanto nas dimensões técnicas como organizacionais, encontram-se intimamente inter-relacionados. A forma desse inter-relacionamento, no entanto, é variável conforme o tipo de relação social básica que define o modo de produção. No caso do modo de produção capitalista, observamos uma estreita relação entre os processos socioeconômicos e os processos educativos. Tanto a educação como a escola contribuem decisivamente para a dinâmica desse modo de produção. Ambas, a educação e a escola, constituem uma das condições gerais de produção e reprodução

da força de trabalho. A análise da forma manufatureira de organizar o processo de trabalho já nos mostrou esse inter-relacionamento e a importância dos processos educativos para a formação dos trabalhadores (SANTOS, 2001, p. 15).

Nesse sentido, uma tênue linha se interpõe entre a religião e a constatação da artimanha acima, pois parte dos filios religiosos nos apresentam as dificuldades sociais como fenômenos necessários para o aprendizado e o desenvolvimento individual das pessoas. Como sacerdote e pesquisador, vivo essa contradição: deparo-me na encruzilhada do sacerdote, que defende teorias religiosas como reencarnação, lei de causa e efeito etc., na tentativa de explicar fenômenos sociais como a desigualdade social, por exemplo; e do pesquisador, que constata, a partir das leituras, a construção de um conformismo que se estabelece através da moralidade fundamentada ao longo do processo de formação da humanidade. Em a *Classe média no espelho*, Souza (2018) afirma que as religiões judaico-cristãs colaboraram para a fundamentação da moralidade da sociedade ocidental:

Assim, a maior instituição do Ocidente, a Igreja cristã, exerceu um impacto extraordinário na humanidade, com seu exército de padres e missionários que chegavam aos recantos mais remotos a fim de difundir uma mensagem oral para aqueles que, embora não soubessem ler, podiam ouvir e aprender. As ideias morais e a eficácia prática dessa mensagem singular estão, portanto, intimamente relacionadas ao esforço cotidiano e incansável de instituições importantes (SOUZA, 2018, p. 28).

Esse fenômeno auxilia-nos a compreender como permanecemos passivos a tantas atrocidades cometidas e aceitas inconscientemente no nosso dia a dia. É um processo invisível que, nas palavras de Souza,

[...] tendemos a achar que nossos hábitos e comportamentos nos são transmitidos pelo sangue ou que vêm das nuvens. É esse esquecimento que nos faz de tolos, pois a dinâmica das instituições que nos dominam e os interesses que elas defendem se tornam literalmente invisíveis. Não dá para criticar o que não se vê e o que não se percebe (SOUZA, 2018, p. 28).

Vivo essa contradição, não quero desqualificar postulados religiosos, entretanto é preciso olhar para os eventos de desigualdades desprovidos dessa moralidade cristã e dos valores estabelecidos desde muitos séculos. Posso acreditar na reencarnação, por exemplo, como uma ferramenta que possibilita percorrer muitos caminhos através das sucessivas vidas, sem me tornar apático e justificar qualquer problema de ordem social como um resgate do passado. A luta faz parte do desenvolvimento e do crescimento espiritual.

É no contexto da aprendizagem social religiosa que se insere a umbanda e, para exemplificar, trago uma cena comum dentro da Tuosa. Antes do início das atividades, os



médiuns que trabalham no templo/terreiro interagem, no espaço comum, com a assistência, nomeação dada às pessoas que vão ao terreiro em busca de auxílio, sejam elas adeptas ou não da umbanda. Em determinado momento, como sacerdote, toco uma pequena sineta e, sem que eu diga uma palavra, todos os médiuns adentram o espaço interno de trabalhos e a assistência se organiza nos lugares reservados a ela. A sonoridade produzida, segundo a perspectiva da dimensão social de significados, pode ser entendida como se eu tivesse dito: ‘Por favor, está na hora, sentem-se em seus lugares’. Dessa forma, houve uma comunicação sonora. Nesse rito, há uma comunicação não verbal e acredito que, nessa interação entre sineta e pessoas, ocorra um ritual peculiar na umbanda, inicia-se o trabalho com percepções sensoriais e extrassensoriais, culminando numa leitura própria e particular da vivência da umbanda. É bem possível que, se lá não houvesse nenhum participante que soubesse ‘ler’ o som da sineta, ficassem todos aturdidos, sem saber o que fazer. A religião da umbanda, em seu culto, possui um conjunto de elementos próprios que contribuem para que o praticante seja levado a uma mudança de vida diária, acompanhando a dinâmica da própria vida, que se altera a todo instante.

No que tange a esses elementos, descrevo o próprio ambiente do terreiro, tendo, no centro, o congá (ou altar), composto por uma pedra de mármore que recebe elementos da natureza, como minerais, cristais, conchas do mar, velas e lamparinas que utilizam óleos vegetais, flores e outros. Encontra-se, também sobre a mesa, uma madeira semicircular amarela, contendo o desenho de sinais sagrados que representam os sete orixás cultuados na UE, sendo cada um deles denominados como Orixalá, Yemanjá, Ogum, Yori, Xangô, Oxóssi e Yorimá. A Figura 1 apresenta o exemplo de um congá sagrado de um terreiro de Umbanda Esotérica.

Figura 1 - Congá sagrado na Umbanda Esotérica



Fonte: Acervo pessoal.

Os orixás representam, para os umbandistas dessa tradição, as vibrações originais do universo e são senhores de um ou mais elementos da natureza. Para melhor entendimento, são espíritos divinos que auxiliam toda a humanidade. Acredita-se, na Umbanda Esotérica, que esses elementos, além de suas emanções místicas e energéticas, agem no campo mental dos presentes e, a partir da subjetividade de cada participante, tendem a trazer sensações e emoções diversas de um mesmo evento.

Assim, ao trazer o recorte do ritual com a sineta, além dos aspectos físicos, trabalha-se com a linguagem subjetiva dos símbolos. Pergunto: o que seria esse significado da sineta? Como aprender esse significado senão a partir de uma prática cotidiana e de elementos constituintes desses aprendizados? Se pensarmos o aprendizado somente como ato da pedagogia tradicional, com seus ritos de aprendizagem com transmissão através da escrita e do estudo de textos considerados fundamentais, correremos o risco de desconsiderar outras sutilezas e complexidades que permeiam as práticas umbandistas, que possuem uma tradição de aprendizado oral inseridas nas nossas relações interpessoais.

Bakhtin (2003) contribui ao dizer que a linguagem perpassa todas as atividades do ser humano, por isso, se as condições do campo da atividade humana são específicas e diversas, todas vão se conectar à linguagem e, conseqüentemente, o exercício dessa linguagem provém de uma ação particular. Estudantes são sujeitos multidimensionais e multiculturais, dotados de emoções geradas a partir de suas formações culturais. Desde pequenos, recebemos dos pais, da sociedade, da escola, da Internet, entre outros, infindas bagagens compostas das dimensões que nos compõem como *Homo sapiens*. Inicialmente, podemos dizer que são duas as dimensões: a física, que nos constitui como matéria, e a mental, que nos constitui como ideias na elaboração de um pensamento, constituição de um raciocínio lógico. Entretanto, veremos que são muitas as dimensões do ser humano. Portanto, a partir de Bakhtin (2003), podemos dizer que nossa fala ou nosso enunciado pode atravessar as nossas dimensões, que estão atravessadas por uma cultura, conseqüentemente, podemos caminhar por temáticas diversas, inclusive a da religião.

Torna-se importante destacar as recorrentes notícias sobre o preconceito dentro da escola contra as religiões de matriz africana. No artigo intitulado *Escola, lugar do desrespeito: intolerância contra religiões de matrizes africana e escola públicas brasileiras*, Moretti e Pires (2016) apresentam as dificuldades que crianças e adolescentes encontram no espaço escolar.

Para crianças e adolescentes negros no Brasil, a escola tem sido um lugar privilegiado de violência. O racismo institucional que desencadeia essa realidade é o mesmo fenômeno que faz com que agentes públicos atuem orientados por uma visão etnocêntrica de mundo, impondo uma epistemologia que desqualifica o diferente, desvaloriza formas de vida e identidades. Todos aqueles que se afastam do padrão do

homem, branco, de origem europeia, proprietário, cristão e heteronormativo estão mais sujeitos a sofrer humilhações e violências corretivas, veladamente autorizadas por uma sociedade que convive com o racismo, o patriarcado, a homofobia, o eurocentrismo e outras formas de desrespeito. (MORETTI; PIRES, 2016, p. 2).

Diante de tal concepção, é necessário lembrar que situações como essas também partem de uma visão de letramento colonizador, que desconsidera e desvaloriza outras formas de vida e saberes. Essa situação é corroborada institucionalmente a partir da primeira constituição de 1824, que estabeleceu um ‘Estado confessional’ (MORETTI; PIRES, 2016). Nesse sentido, “a religião católica apostólica romana foi declarada religião oficial do Império e representava a única forma de culto admitida nos espaços públicos, conforme artigo 5º” (MORETTI; PIRES, 2016, p. 3). É evidente que essa concepção permeou o ideário elitista e colonizador da sociedade brasileira, refletindo diretamente nos espaços escolares. Embora essa situação, pelo menos na letra, tenha sido sanada nas constituições vindouras, até culminar na atual Constituição de 1988, que vai assegurar, no artigo 5º, parágrafo VI, ser inviolável a liberdade de consciência e de crença, nos garantindo a liberdade para exercer a pluralidade religiosa, nossa sociedade ainda está impregnada pelo ideário da supremacia branca, católica e elitista.

Torna-se interessante observar um elemento de cunho social presente desde o início da colonização nas práticas religiosas populares: devido aos diferentes espectros das culturas regionais do país, em algumas das cidades do interior e em algumas capitais, encontramos as festas celebradas pela igreja católica em louvor a alguns santos padroeiros, tradição herdada dos colonizadores portugueses, associada a elementos sincréticos, que são celebrados até os dias de hoje, como o Senhor do Bonfim, em Bocaiúva (MG); São Bendito, em Francisco Sá (MG); São Sebastião, em Águas Claras (M.G) etc. Essas festividades são permeadas por elementos sincréticos como congados e catopés, além de possuírem um aspecto econômico explorado através da fé popular. Elas se constituem, para além de momentos do culto da fé, como procissões e missas, num atravessamento cultural, onde quermesses, barraquinhas e comércio de diferentes mercadorias, desde imagens dos santos até os mais diferenciados artigos, se constituem atrativos e pontos de socialização da comunidade local. Toda essa complexidade de elementos contribui para a construção de uma fé agregadora de diferentes crenças presentes no imaginário coletivo, permeado por certa cultura de gênese europeia e colonizadora.

Acrescente-se a essa complexidade histórica o crescimento das religiões neopentecostais que, enfurecidamente [ou seria melhor dizer ‘demoniacamente’?], atacam publicamente as imagens dos santos da igreja católica e as religiões de matriz africana. Em relação às tradições da umbanda e do candomblé, porém, demonstram empregar maior furor,

destruindo templos/terreiros e organizando aglomerações nas portas desses espaços, impedindo-os de seguirem com seus ritos em segurança.

Táti, participante do presente estudo, não diferentemente dos outros sujeitos, percorre, desde sua infância, uma trajetória religiosa /espiritual que passa, inicialmente, pelo catolicismo, através da influência cultural e familiar; vivencia um tempo no espiritismo, até chegar à umbanda:

Comecei muito certamente na igreja católica. Fui todos os passos que a família coloca a gente para ser. É, igreja, aí vai você, vai fazer catecismo, enfim. Então, durante muitos anos, eu fui muito religiosa dentro da igreja católica. E aí, depois me descobri, por uma série de questões, fui levada para o espiritismo. Mesmo assim, o espírito de boca, eu nunca tinha ido, propriamente dito, num centro espírita. Eu só fui conseguir ir no centro espírita por volta dos meus 18, 19 anos. (Táti – Trecho de entrevista, 2022).

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2012), o Brasil é majoritariamente declarado católico e, apesar do crescimento das religiões neopentecostais, percebe-se uma característica da sociedade brasileira: a preocupação com o batismo religioso de suas crianças. Trata-se da herança de um país colonial com forte influência da Igreja Católica, de modo que é comum encontrarmos, na atualidade, a presença dessa herança nas cidades interioranas, aonde os meandros da fé, muitas vezes, são credenciais para a boa vizinhança.

Observamos esse aspecto na narrativa do sujeito Pai José que, na infância e em parte da mocidade, viveu em uma pequena cidade do interior de Minas Gerais. Inconformado com algumas posições ‘inquestionáveis’ da fé católica e vivendo um processo depressivo que o levou a fazer uso de medicamentos controlados, decide romper com a fé herdada dos pais e migrar para a fé protestante.

E assim eu entrei pra igreja evangélica. Era um momento difícil da vida. Eu estava com depressão e ali eu encontrei algo que eu não encontrava na Igreja Católica, que era pessoas me acolhendo, jovens, e aí eu toquei bateria na igreja, participei de eventos e me senti bem (Pai José – Trecho de entrevista, 2021).

Pai José encontrou satisfação para seus anseios no período em que permaneceu na igreja evangélica, pois se sentia útil e com um propósito de vida. Contudo, seu perfil questionador, conforme se apresentou na entrevista, fizera-o observar, mais uma vez, algumas incongruências nesse filo religioso, conforme se vê:

Até que não foi o suficiente, eu passei a questionar também a forma como era tratada algumas coisas, principalmente em relação a religiões espiritualistas que lá em Nanuque, foi quando eu entrei pra igreja evangélica, eu já tinha, tinha um ciclo de amigos que também eram pessoas espíritas, né? Eu via como que era tratado isso quando lia na Bíblia, interpretava, falava pessoas que conversam com espíritos são abominadas por Deus, algo nesse sentido. Aí eu me afastei, quando eu vim para Belo Horizonte, afastei da igreja e, por um motivo de uma crise muito forte de depressão a minha avó [...] já falecida, ela falou: ó leva Pai José num centro espírita porque isso é espiritual. E aí foi quando minha mãe tomou coragem, porque ela teve que deixar de lado muitas das crenças dela para poder tá lá. Ela foi, me levou na casa de uma senhora e essa senhora me deu um primeiro atendimento, de forma emergencial, e me encaminhou para o tratamento espiritual, e aí, no espiritismo, eu permaneci por muitos anos. (Pai José – Trecho de entrevista, 2021).

Na narrativa, a ideia de que “pessoas que conversam com espíritos são abominadas por Deus” representa que essa entidade espiritual, denominada Deus, condena todos os filios religiosos que, de alguma forma, lidam com o fenômeno da mediunidade. Essa leitura bíblica estereotipada, em parte, leva-nos a uma compreensão de parte da complexidade que envolve a experiência do racismo religioso em nossa sociedade e do aumento desse racismo desde as eleições de 2018. A ascensão da bancada evangélica no Congresso Nacional, liderada pelo então presidente eleito Jair Messias Bolsonaro, declaradamente evangélico e tendo como slogan de campanha “Brasil acima de tudo e Deus acima de todos”, estimulou uma onda de furor contra doutrinas e filios religiosos que se contrapõem a ideias e crenças neopentecostais. Menosprezam a laicidade do Estado, prevista na Constituição de 1988, constringendo a nação com a visão pessoal de Deus. Contudo, o Brasil é multicultural, banhado pelo catolicismo europeu dos colonizadores, pelo axé dos orixás dos povos africanos, pelos costumes da pajelança dos povos originários, entre tantas outras tradições de povos que por aqui passaram. Ao não defender a laicidade da União e propagar ideias racistas e preconceituosas sobre outras visões de Deus, o presidente eleito estimula a violência e o desrespeito.

Não é à toa que verificamos, em notícias pela imprensa, o aumento dessa violência: *Traficante evangélico causando terror as religiões africanas* (JANSEN, 2019); *Ataque a terreiros de candomblé na Bahia* (ZARUR, 2019); *Jovem é vítima de intolerância religiosa dentro da escola em São Gonçalo* (ZUAZO, 2017); *Grupo ataca terreiro em Alagoinhas e bate bíblias em portão: 'Satanás vai morrer', Ialorixá, que mora no local, ficou com medo do episódio* (BORGES, 2019). Tais episódios provocam medo mesmo, é como ver o próprio satanás comandando sua horda. Emprego a palavra satanás no sentido expresso no inconsciente coletivo das sociedades de maioria cristã, para quem o diabo é aquele que é ruim, maldoso, que engana e destrói a vida das pessoas. Poderia enumerar aqui infindos casos de perseguição religiosa noticiados pelas grandes mídias e, também, casos nossos, vividos na lide sacerdotal.

Tais fatos levaram-me a pensar no sujeito social que está imerso na vivência umbandista e como ele se porta / sente diante de tais cenas preconceituosas. Será ele tomado de pavor, raiva, vergonha, receios a ponto de não se sentir confortável para se reconhecer como umbandista? Em razão dessas situações, faz-se necessário estabelecer de qual sujeito falamos nesta pesquisa. Assim, remeto-me a três concepções de sujeito abordadas por Hall (2006), diferenciando-se, assim, da concepção iluminista, sociológica e pós-moderna do termo. Na concepção de identidade iluminista, o sujeito está totalmente centrado em si. Está dotado das capacidades da razão, da consciência e da ação. Já na concepção sociológica, a formação da identidade se dá na relação com as pessoas que são importantes para o sujeito. Podemos dizer que ela se constitui na relação do eu interior com a sociedade a sua volta. Por fim, na concepção do sujeito pós-moderno, não é possível encontrar uma identidade fixa ou permanente. A identidade, nessa concepção, se transforma a todo instante, a partir das diversas relações socioculturais. Como aponta Hall, é possível haver “identidades diferentes em diferentes momentos” (HALL, 2006, p. 13). Assim, poderíamos afirmar, tendo em vista o pensamento complexo, que a identidade pode apresentar traços do iluminismo, com um centro voltado para sua condição humana, ou aspectos presentes na concepção sociológica, enquanto diz respeito a um ser carregado da influência cultural, forjada na relação com o grupo social. Essa identidade, necessariamente, não se apresenta única, mas corresponde a um complexo portador de diversas faces, por assim dizer. Percebemos a concepção pós-moderna da identidade presente na trajetória do entrevistado Pai José como um processo de transformação interna e pessoal, mas, ao mesmo tempo, interpessoal, que o integra ao grupo do qual faz parte e também o faz sentir parte de algo. Ao ser questionado sobre sua religião, ele nos relata:

Pai José: É. num certo momento, eu estava ainda assim. Eu falava que era espírita ou já cheguei a falar que eu era espiritualista, mas, na hora que eu falei eu quero me dedicar somente à umbanda, eu me entendi como umbandista. Foi um processo de transição.

Alcides: E você consegue me falar por quê? Por exemplo, porque você se identificava como espiritualista, espírita...

Pai José: Eu acho que era mais por eu ter contato com duas vertentes espirituais que trabalham nesse campo, o espiritismo de Allan Kardec e a Umbanda. Era mais por conta disso. E aí, a partir do momento que eu falei assim, eu preciso e quero me dedicar somente à Umbanda e por querer me dedicar carregando a bandeira junto comigo... eu vou falar... sou umbandista, pra mostrar... digamos assim, marcar meu território, né? E é isso (Pai José - Trecho de entrevista, 2021).

No processo de identificação religiosa, percebemos, através das entrevistas, que os sujeitos, assim como esse pesquisador, passam por momentos de contradição, o que gera

conflitos de diversas ordens. Apresentaremos, no próximo tópico, as percepções de Sturt Hall (2006) e Ferdinand Höhr (2013) relativas ao processo de formação identitária do sujeito.

Sáimos da orientação católica-apostólica-romana, herança cultural de nossos pais, para a elaboração da fé pessoal e multicultural e, nesse ínterim, encontramos-nos em confronto com uma sociedade que é marcada por esse catolicismo e pelo crescente movimento neopentecostal, fazendo-nos repensar nosso posicionamento em diversos momentos da vida. Não é fácil afirmar ser umbandista quando, entre os próprios familiares, pais, mães, irmãos e amigos, há atitudes de zombaria e preconceito. Eu ouvi, muitas vezes, de formas diferentes, a seguinte assertiva: “É melhor pra você não criar problema, dizer que é católico, assim ninguém liga”. Ora! Isso nos coloca em confronto com nós mesmos que, muitas vezes, nos afirmamos católicos para não “criarmos problemas maiores”. Por isso, é no terreiro, longe dos olhares julgadores, que conseguimos expressar nossa real identidade, sem receios de ataques violentos e vis. Logo, nosso processo de identificação é uma constante (re)construção, permeada de metamorfoses, em busca de resistência e sobrevivência.

## **2.1 Concepções de sujeito e práticas religiosas**

O pesquisador alemão Ferdinand Röhr, no seu livro *Educação e Espiritualidade: contribuições para uma compreensão multidimensional da realidade, do homem e da educação* (2013), nos apresenta uma concepção de homem composto por dimensões indispensáveis para sua própria realização no mundo. Essas dimensões, que poderemos nomear como material, sensorial, emocional, mental e espiritual, são chamadas por Röhr de dimensões básicas do ser humano. Tais dimensões, quando articuladas, constituem dimensões temático-transversais, como veremos adiante. Essa proposição poderia dialogar com Hall (2006), considerando sua concepção de identidade pós-moderna.

Em Röhr (2013), pode-se compreender que as dimensões básicas não são isoladas, como se a dimensão física, por exemplo, valesse apenas para os aspectos físicos, e a dimensão emocional tivesse função apenas para sua área emocional. “Não é possível estabelecer limites nítidos”, pois “[...] existem situações em que a emoção pode ser tão intensa que se aproxima de uma sensação física expressa em uma emoção” (RÖHR, 2013, p. 27). Da mesma maneira, Hall (2006), ao desenvolver o conceito pós-moderno da identidade, possibilita a maleabilidade no processo de identificação do sujeito. Destaco, a partir disso, que se está “efetuando uma completa desconstrução das perspectivas identitárias em uma variedade de áreas disciplinares, todas as quais, de uma forma ou de outra, criticam a ideia de uma identidade integral, originária

e unificada” (HALL, 2003, p. 103). Abandonando a rigidez que permeia o conceito de identidade, Hall sugere o conceito de identificação que, além de oferecer maior fluidez, interage com certa desenvoltura com a subjetividade das relações do sujeito em sociedade

Na linguagem do senso comum, a identificação é construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que são partilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal. É em cima dessa fundação que ocorre o natural fechamento que forma a base da solidariedade e da fidelidade do grupo em questão (HALL, 2003, p. 106).

Destarte, no desenvolvimento desta pesquisa, lançamos mão do conceito de identificação para melhor compreensão da identidade constituída pelo participante na religião umbanda.

Durante séculos, no Brasil, a Igreja Católica predominou com sua religião, exercendo grande influência na vida das pessoas. O prenúncio da razão iluminista, no século XVIII, fomentou o surgimento de novas doutrinas e a autoafirmação de doutrinas e seitas antes reprimidas. Todavia, de acordo com o IBGE, mesmo com queda a cada censo, os católicos ainda são maioria desde o primeiro censo, em 1872.

Já os católicos passaram de 73,6% em 2000 para 64,6% em 2010. Embora o perfil religioso da população brasileira mantenha, em 2010, a histórica maioria católica, esta religião vem perdendo adeptos desde o primeiro censo, realizado em 1872. Até 1970, a proporção de católicos variou 7,9 pontos percentuais, reduzindo de 99,7%, em 1872, para 91,8%. (IBGE, 2012, n.p.).

Logo, acredito que, durante o processo de identificação, é compreensível que os sujeitos imersos na religião da umbanda se reconheçam ou não como umbandistas quando acharem necessário. Pois, como assevera Hall:

Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora "narrativa do eu" (HALL, 2006, p. 13).

Refletindo os apontamentos sobre o aprendizado de ‘ser umbandista’, sabe-se que o problema do racismo está atrelado ao nosso processo colonizador, que fez do negro mão de obra escrava que, após a abolição, foi marginalizada. O pesquisador Sílvio Almeida aponta que o racismo é parte de um processo social que ocorre “pelos costas dos indivíduos e lhes parece legado pela tradição” (ALMEIDA, 2019, p. 33), de modo que, como num transe hipnótico,



nesse processo, muitos negros também reproduzem parte do discurso racista. Trata-se, portanto, de um apagamento proposital que nos desvia dos nossos ideais, sonhos e desejos, representando, para Rufino e Simas, uma agenda política:

O colonialismo se edificou em detrimento daquilo que foi produzido como sendo o seu outro. A agenda colonial produz a incredibilidade de inúmeras formas de existência e de saber, como também produz a morte, seja ela física, através do extermínio, ou simbólica, através do desvio existencial (RUFINO; SIMAS, 2018, p. 10).

A saber, o exemplo que eu apresentei anteriormente, relacionado ao fato de não me sentir capacitado para a pós-graduação, em comparação aos meus colegas brancos, é o ‘canto encantado’ da elite induzindo-os à submissão, é a agenda colonial ditando as regras do jogo. De forma inconsciente, reproduzimos padrões que não são nossos, mas de toda uma sociedade racista. Igualmente acontece na umbanda que, apesar de ter a tônica do amor universal, é mantida por sujeitos em constante processo de identificação e, mesmo que o respeito seja uma de suas premissas, poderá, nesse processo, padecer do preconceito entre seus pares. Somos ainda racistas e, na medida em que nos permitimos banharmo-nos no ‘letramento adequado’, vamos deixando de lado o que foi ‘legado pela tradição’ e assumindo nosso lugar no mundo.

Dessa maneira, proponho o diálogo entre identificação (HALL, 2003) e multidimensionalidade (RÖHR, 2013) como ferramenta indispensável para a compreensão do sujeito pós-moderno nos conflitos que se apresentam. Com efeito, essa ferramenta possibilitará a articulação de outras práticas sociais, outros eventos de identificação que, aos poucos, colaborarão para o desmantelamento do racismo estrutural e, conseqüentemente, do racismo religioso. Mas, para isso, devemos nos voltar aos sujeitos multifacetados, plurais e que, a todo instante, passam por processos que lhes exigem adaptação. Ao propor a existência de uma prática pedagógica da UE e apresentá-la como um evento por meio do qual se desenvolve certo tipo de letramento, utilizarei essa interseção como possibilidade, considerando essas ferramentas.

Assim como a enxada está para o agricultor, as dimensões básicas do ser humano (RÖHR, 2013) estariam para o pesquisador da educação. A enxada é a ferramenta fundamental para o agricultor, é o símbolo do homem do campo, que vive da agricultura. Da mesma forma, pensar a educação implica em pensar as diversas situações que ocorrem no processo educacional. Apesar de os gestores elaborarem o Plano Nacional de Educação (PNE), a partir de um breve olhar sobre os espaços de aprendizagem, constataremos que cada ambiente escolar, cada sujeito nele imerso, sejam gestores, professores ou alunos, responderão aos estímulos

socioeducativos de forma diversa, isso porque cada sujeito é dotado de dimensões humanas e responderá às vicissitudes a partir delas. A sala de aula é um universo multicultural e multidimensional, é o espaço onde diversas dimensões temáticas efervescem, perpassando as dimensões humanas de cada indivíduo. Portanto, essas dimensões “que naturalmente pertencem a ele [o ser humano] e que são indispensáveis para sua realização” (RÖHR, 2013, p. 25) são partes imprescindíveis do ser humano e, conseqüentemente, permearão os processos escolares e, principalmente, o viver em sociedade. Veremos, a seguir, quais são essas dimensões e como elas colaborarão com a hipótese da presente pesquisa.

Röhr (2013) identifica, conforme já apresentado, cinco dimensões básicas do ser humano, a saber: física, sensorial, emocional, mental e, por fim, espiritual.

A dimensão física inclui a corporalidade físico-biológica, da qual em parte, nem temos percepção. A dimensão sensorial [que] é representada pelas nossas sensações físicas, calor-frio, dor-prazer físico, doce-amargo, enfim, a percepção que temos através dos nossos cinco sentidos: tato, visão, audição, olfato e paladar. A dimensão emocional abrange a vida da nossa psique, os estados emocionais (medo, insegurança, euforia, apatia, tristeza, melancolia, impaciência, dispersão, solidão, saudade, indecisão, pessimismo etc.) e suas respectivas movimentações e compensações. A dimensão mental do ser humano inclui, em primeiro lugar, o racional e o lógico no sentido mais restrito, quer dizer, aquela parte em que correspondemos, naquilo que pensamos, com todos os seres humanos, os pensamentos universais, formais (lógica, matemática). Abrange também a capacidade de reflexão – de questionar todas as coisas, inclusive a si mesmo –, a recordação e a memória, a imaginação e a fantasia, a compreensão e a criação de ideias e, finalmente, a nossa intuição, em que sabemos. A mais difícil de identificar é a quinta, a dimensão espiritual. Não se confunde essa dimensão com a religiosa, que em parte pode incluir a espiritual, mas que contém algumas características como as da revelação como intervenção direta de Deus e de um tipo de organização social, que dessa forma, são estranhas ou não necessárias a dimensão espiritual (RÖHR, 2013, p. 25-26).

A partir desses conceitos, compreende-se que cada indivíduo se expressa tendo em vista a complexidade dessas dimensões, que podem influenciar suas ações em sociedade. A subjetividade impressa em cada indivíduo multidimensional, em articulação com a cultura, (RÖHR 2013) fomenta e perpetua o preconceito de forma inconsciente e também estabelece as relações de poder que levam um ser humano a se sentir superior em relação ao outro. Mas o sujeito é o agente da história.

Para melhor compreensão das dimensões básicas, devemos considerar a existência das dimensões temáticas transversais. “É impossível, como já nos referimos, caracterizar e sistematizar essas dimensões sem que nos deparemos com superposições, zonas de intermediações e ambigüidades.” (RÖHR, 2013, p. 30). Assim, elas perpassam as dimensões básicas e se interdependem em múltiplas relações entre elas:

[...] podemos mencionar a dimensão relacional-social, a prático-laboral-profissional, a político-econômica, a comunicativa, a sexual-libidinal e de gênero, a étnica, a estético-artística, a ética, a místico-mágico-religiosa, a lúdica, a ecológica e a volitivo-impulsional-motivacional (RÖHR, 2013, p. 30).

As dimensões temáticas, além de perpassarem todas as dimensões básicas, não se encerram aí e, a partir de variadas interações ou relações com outras dimensões, podem surgir. Reflito, a seguir, sobre como a dimensão histórica, ou temporal, pode influenciar a formação da nossa identificação.

No surgimento da doutrina espírita codificada por Allan Kardec na França, em 1857, e posteriormente difundida pela elite brasileira, encontramos possíveis traços para a manutenção do preconceito contra a umbanda e outras religiões de matriz africana. A própria diretriz da nova doutrina é calcada na ciência e na filosofia, como afirma seu codificador:

O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática consiste nas relações que se podem estabelecer entre nós e os Espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais que decorrem de tais relações (FEBNET, 2019, n.p.).

Priore (2014), ao relatar críticas que o codificador da doutrina espírita sofreu por se interessar por fenômenos sobrenaturais de mesas girantes, cartolas que se movimentavam sozinhas e até escritas do outro mundo, descreve:

Quanto às críticas dos sábios que viam nisso uma diversão, Rivail os repreendia: não bastava a ciência para entender tais feitos, pois ela ignorava dimensões espirituais. Por isso, espiritismo e ciência eram fenômenos complementares. Um não viveria sem o outro, e o seu inimigo comum era o materialismo. O importante era criar métodos próprios e desenvolver pilares para a compreensão da “ciência espírita” (PRIORE, 2014, p. 33).

O respaldo científico positivista que se pretendia estabelecer criou certo respeito em relação aos adeptos da doutrina espírita, pois “duas eram as suas preocupações [de Kardec]: distanciar ao máximo os laços entre as mesas volantes e o espiritismo, ciência que ele queria codificar, e afastar de si qualquer imagem de ‘mago romântico’, muito na moda por conta do romantismo” (PRIORE, 2014, p. 34). E, assim, no Brasil de muitas caras, marcado pela desigualdade social, a ‘doutrina dos intelectuais’ demorou a chegar até as camadas mais pobres. Como podemos constatar:

No Brasil, desde sempre, as crenças populares misturaram o culto dos santos católicos aos rituais de origem indígena ou africana. Mas, nos meios

intelectuais e burgueses, preferiam-se respostas buscadas nas doutrinas constituídas “cientificamente” (PRIORE, 2014, p. 36).

Retomando os conceitos de dimensões em Röhr, percebe-se que o aprendizado, na experiência religiosa, independentemente da religião que se considere, reúne conhecimentos e comportamentos diversos, pois cada sujeito faz sua leitura, assimilação e reprodução a partir das dimensões e da cultura que o compõem. Diante disso, encontramos diferenças entre indivíduos que vivem uma mesma religiosidade. Um terreiro de umbanda possui sujeitos que a percebem e reproduzem de maneiras diferentes, assim como uma igreja católica possui adeptos que também reproduzem seus conceitos de maneira variada. Apesar da fé de uma determinada comunidade estar centrada em elementos comuns, isso não garante que todos os membros a concebam da mesma forma. Isso, de certa maneira, explica a constatação de umbandistas que defendem arduamente o presidente da República eleito no Brasil em 2018 e, que publicamente, quando ainda era pré-candidato, em palestra no Clube Hebraico, em 2017, declarou ser contrário a comunidades afrodescendentes e indígenas:

Se eu chegar lá (na Presidência), não vai ter dinheiro pra ONG. Esses vagabundos vão ter que trabalhar. Pode ter certeza que se eu chegar lá, no que depender de mim, todo mundo terá uma arma de fogo em casa, não vai ter um centímetro demarcado para reserva indígena ou para quilombola. (CONGRESSO EM FOCO, 2017, n.p.)

Não existem barreiras intransponíveis entre as dimensões que compõem o ser humano, elas se entrelaçam e se influenciam mutuamente e, por isso, “o desequilíbrio de uma dimensão, mais cedo ou mais tarde, vai desaguar no desequilíbrio das outras.” (RÖHR, 2013, p. 29), indicando que essas dimensões interdependem, de modo que não podem ser estudadas isoladamente. Em nossa percepção, a desinformação de alguns umbandistas a respeito do processo histórico e político na formação da sociedade brasileira causa, por exemplo, desequilíbrio na dimensão político-econômica, conforme conceituada por Röhr (2013). E como as dimensões não agem isoladamente, atualmente, vemos umbandistas, entre outros, defenderem políticas que vão contra a filosofia umbandista, ou seja, contra si mesmos.

Para uma reflexão política do século XX, contexto do nascimento da umbanda, cabe buscar, na tese do sociólogo Jesse de Souza, uma reflexão:

A primeira coisa a se fazer quando se reflete sobre um objeto confuso e multifacetado como o mundo social é perceber as hierarquias de questões mais importantes a serem esclarecidas. Sem isso, nos perdemos na confusão. A questão do poder é a questão central de toda sociedade. A razão é simples. É ela que nos irá dizer quem manda e quem obedece, quem fica com os privilégios e quem é abandonado e excluído (SOUZA, 2017, p. 11).

No Brasil, miscigenado com sujeitos possuidores das mais diferentes características, as variações na prática religiosa de uma coletividade são parte constituinte das identidades multifacetadas ou pós-modernas, conforme propõe Hall (2003). Isso se dá a partir da leitura que cada indivíduo fará dos ensinamentos passados pelos espíritos. Ensino, na Tuosa, que a variedade de ritos da umbanda está atrelada ao grau consciencial de cada um, por exemplo: o que difere um terreiro com imagens de santos católicos de outro sem nenhuma imagem? Para nós, difusores da tradição de Umbanda Esotérica, apenas o grau consciencial ou o grau de compreensão. Não é questão de certo ou errado, de melhor ou pior entendimento. Para alguns, as imagens contribuem com o processo de induzir ao estado de introspecção, de predispor a mente para as orientações dos espíritos. Já outros entendem que não são necessárias imagens, que basta acreditar. É nesse processo de entendimento, de compreensão, que se manifestam pelo Brasil afora as diversas formas de culto à umbanda.

É bom lembrar que a história nos auxilia na busca da compreensão dos eventos contemporâneos e, voltando ao passado, encontramos, nos fatos, os fenômenos sociais que fomentaram e ainda fomentam o preconceito racial no Brasil. A partir da publicação de *A origem das espécies*, de Charles Darwin (2003), no final do século XIX, o conceito de evolução das espécies se difundiu e, juntamente com outros conceitos, foi apropriado por escolas fora do campo da biologia, como aponta Schwarcz (1996):

A novidade não estava tanto na tese<sup>10</sup> anunciada, como no modo de explicação e na terminologia acessível utilizada pelo naturalista inglês. Dessa maneira, rapidamente expressões como "sobrevivência do mais apto", "adaptação", "luta pela sobrevivência", escapavam do terreno preciso da biologia e ganhavam espaço nas demais ciências (SCHWARCZ, 1996, p. 83).

Desse modo, o campo das humanidades foi tomado pelos valores voltados para as espécies, com a defesa de que “[...] assim como a natureza, a sociedade era regida por leis rígidas e que o progresso humano era único, linear e inquebrantável” (SCHWARCZ, 1996, p. 83), corroborando o discurso da meritocracia, com a ideia de que ‘vence o mais forte ou quem faz por merecer’. Na realidade, sabemos quem são os excluídos e marginalizados e reconhecemos que eles dificilmente conseguirão romper as algemas impostas pelos detentores do poder secular, desde as capitânicas hereditárias, donatários de ontem e donos do capital de hoje. A partir da difusão do que foi proposto por Darwin (2003), elabora-se a teoria do

---

<sup>10</sup> Teoria da evolução das espécies e seleção natural de Charles Darwin.

darwinismo social, que consiste na aplicação, oficial e cientificamente, da teoria evolucionista de Darwin ao campo social.

Segundo o darwinismo social, as sociedades mais fortes seriam identificadas por três características: o poder econômico, a cor da pele de seus membros e, principalmente, o domínio por parte de seus indivíduos das ciências humanas e exatas, atributos os quais não se encontravam nas sociedades ditas “fracas”, o que deu fundamentação para os imperialistas europeus durante o século XIX (FERREIRA, 2015, p. 18).

No Brasil, o darwinismo social justificou a ‘inferioridade social’ do negro a partir da sua ‘inferioridade racial’, como demonstra Ferreira:

O psiquiatra Nina Rodrigues (1988), pioneiro dos estudos científicos da população afro-descendente brasileira, estudou a origem, a cultura, a religião e a influência dos africanos e seus descendentes na Bahia. Seguidor do darwinismo social no começo do século, ele dizia que a inferioridade social dos negros e mestiços decorria de sua inferioridade racial (FERREIRA, 2015, p. 9).

A raça negra no Brasil, por maiores que tenham sido os seus incontáveis serviços à nossa civilização, por mais justificadas que sejam as simpatias de que o cercou o revoltante abuso da escravidão, por maiores que se revelam os generosos exageros dos seus turiferários, há de construir sempre um dos fatores da nossa inferioridade como povo (VALENTE, 1994. p. 33 apud FERREIRA, 2015. p. 9,10).

Não fosse essa marca histórica do preconceito, reforçando a desigualdade e a invisibilidade do povo negro e de sua cultura, não haveria a necessidade da promulgação da Lei 10.639/03, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n. 9.394/96) e torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira nos anos iniciais da escola básica (SILVA, 2003).

Quando tomamos em mãos os livros didáticos da rede pública de ensino, especialmente aqueles publicados nas décadas de 1980 e 1990, é fácil identificar negros retratados como escravos, nos navios negreiros, nos engenhos de açúcar, senhoras negras, gordas, amamentando crianças brancas, carregando grandes cestos, abanando homens e mulheres brancas. Não obstante, a vida do negro é permeada de história, conhecimento, religiosidade e cultura. Podemos dizer que “as instituições são racistas porque a sociedade é racista” (ALMEIDA, 2019, p. 31) e se trata de algo estrutural, pois foi criado a partir de uma lógica científica e tecnicista que ainda hoje está arraigada em todos os setores da sociedade. O racismo é decorrente da estrutura social, que estimula, ao longo do tempo, comportamentos individuais e processos institucionais de racismo.

Por conseguinte, a umbanda, como fenômeno religioso e social surgido nesse contexto racial confuso e multifacetado, enfrenta as hierarquias de poder quando é anunciada dentro da Federação Espírita de Niterói/RJ.

No dia 15 de novembro, o jovem Zélio foi convidado a participar da sessão, tomando um lugar à mesa. Tomado por uma força estranha e superior a sua vontade, e contrariando as normas que impediam o afastamento de qualquer dos componentes da mesa, o jovem levantou-se, dizendo: “aqui está faltando uma flor”, e saiu da sala indo ao jardim, voltando logo após com uma flor, que depositou no centro da mesa. Esta atitude insólita causou quase que um tumulto. Restabelecidos os trabalhos, manifestaram-se nos médiuns kardecistas espíritos que se diziam pretos escravos e índios. Foram convidados a se retirarem, advertidos de seu estado de atraso espiritual. Novamente uma força estranha dominou o jovem Zélio e ele falou, sem saber o que dizia. Ouvia apenas a sua própria voz perguntar o motivo que levava os dirigentes dos trabalhos a não aceitarem a comunicação daqueles espíritos e do porquê em serem considerados atrasados apenas por encarnações passadas que revelavam. (FUEP, 2019, n.p.).

A proposta científica em torno do espiritismo e o sentimento de superioridade intelectual, que imperavam em grande parte nos adeptos da doutrina espírita, fazem surgir, do sobrenatural, em uma sessão espírita na Federação Espírita de Niterói, o anúncio da umbanda pela entidade espiritual que se apresentou como Caboclo das Sete Encruzilhadas, através do médium Zélio Fernandino de Moraes, no ano de 1908.

No livro *A ciência encantada das macumbas*, Rufino e Simas (2018) habilmente se apropriam do conceito musical das sínopes para propor uma nova perspectiva cultural:

A base rítmica do samba urbano carioca é africana e o seu fundamento é a síncope. Sem cair nos meandros da teoria musical, basta dizer que a síncope é uma alteração inesperada no ritmo, causada pelo prolongamento de uma nota emitida em tempo fraco sobre um tempo forte. Na prática, a síncope rompe com a constância, quebra a seqüência previsível e proporciona uma sensação de vazio que logo é preenchida de forma inesperada (RUFINO; SIMAS, 2018, p. 18).

Vou me apropriar da analogia das sínopes para tentar explicar o impacto do anúncio da umbanda naquele século, dentro da sede de uma religião elitista e num país com extremas desigualdades sociais. Como as sínopes, o anúncio da umbanda rompeu a constância de dominação religiosa que não aceitava em suas práticas a presença do negro e do índio. Ao desestruturar os padrões de contato com o mundo espiritual, que foram consolidados no Brasil através do espiritismo, o Caboclo das Sete Encruzilhadas, como uma síncope, quebrou o que vou chamar de hegemonia mediúnica e, de forma inesperada, anunciou um jeito novo de entrar em contato com os espíritos. Não era mais necessária uma mesa bonita, muitos livros e uma intelectualidade para se comunicar com os espíritos. No novo culto, espíritos de índios e negros

transitariam sem nenhum empecilho, nascia uma religião para os membros das camadas populares, que poderiam buscar o contato com os espíritos sem o receio de serem rechaçados e julgados por suas condições sociais. Nota-se a importância desse movimento e sua repercussão na vida dos médiuns umbandistas na fala de Dona Madalena, uma de nossas entrevistadas, que revela a sensação de poder trabalhar com uma entidade espiritual sem se preocupar com julgamentos racistas e preconceituosos.

E o que mais me marcou dentro de toda essa trajetória, [...] foi eu poder receber a minha Vovó Benta dentro do terreiro sem ela precisar ser julgada. Porque foi com ela que eu sofri o preconceito dentro da [...]. E ela poder chegar no terreirinho dela e abraçar os seus filhos ali dentro e poder dizer que ela ia trabalhar ali sem precisar ser escorraçada, né? Que dentro das religiões onde os pretos velhos trabalham, eles se sentem expulsos, não é? A palavra é escorraçada. Isso me marcou muito, foi um primeiro fato que eu nunca mais vou esquecer. Foi quando ela incorporou. (Dona Madalena – Trecho de entrevista, 2022).

Nota-se que a faculdade mediúnica, habilidade de comunicação com os mortos, favorece o contato com o mundo espiritual ou o mundo dos mortos. A ideia do divino, em Röhr (2013), colabora na compreensão das divergências entre adeptos de uma mesma doutrina, como a umbanda.

Esse divino é fundante para a nossa realidade, quase sempre um princípio ou autor de criação ou de regulação dessa realidade, com interferências mais ou menos concretas. Dessa forma, o próprio divino se revela de forma direta ou indireta para os seres humanos. Com isso, existem possibilidades de comunicação com o divino, comumente restrita a algumas pessoas excepcionais: sacerdotes, videntes, xamãs ou semelhantes. (RÖHR, 2013, p. 136).

No anúncio da umbanda, Zélio Fernandino de Moraes foi usado pelo Caboclo das Sete Encruzilhas, ou seja, uma entidade espiritual ou ser divino que instituiu no mundo material um novo culto, a umbanda. Essa comunicação com o divino, restrita a determinadas pessoas, pode, ao longo do tempo, contribuir para o surgimento de novas diretrizes dentro de um mesmo movimento religioso. Logo, encontramos, desde seu anúncio, em 1908, várias denominações ou tradições na prática de umbanda, como Umbanda Popular, Umbanda Esotérica, Umbanda Mista, Umbanda Sagrada, Umbanda Iniciática, Umbanda Mesa Branca, entre outros que, apesar de trazerem ritualísticas próprias, sob orientação espiritual própria de cada sacerdote, centram a fé em torno dos orixás e das entidades espirituais que falam através dos médiuns.



## 2.2 A pandemia (covid-19) e suas implicações no microuniverso

No dia 11 de março de 2020, numa quarta-feira, a Organização Mundial de Saúde (OMS) decretou estado de pandemia da covid-19. Desde então, alastrou-se pelo mundo grande preocupação com a nova mutação do coronavírus (Sars-Cov2). No Brasil, a declaração da pandemia não pareceu preocupar o presidente da República Jair Messias Bolsonaro, que manteve, até agora (2022), uma política negacionista, apostando em métodos preventivos não comprovados pela ciência. Durante a escrita deste trabalho, consultamos o *Painel Coronavírus (BRASIL, 2022)*, plataforma criada pelo Ministério da Saúde para acompanhamento dos casos de covid-19 e que noticiava a trágica soma de mais de seiscentos mil mortos pelo vírus. Até então, são quase setecentos mil brasileiros(as) mortos(as) e, certamente, se tivéssemos, por parte do presidente da República e do Ministério da Saúde, medidas contundentes, esse número de mortos poderia ser menor.

A crise sanitária, aliada ao crescimento do desemprego, ao sucateamento das universidades públicas, ao discurso de ódio e ao descaso do poder público, para além do vírus, tem causado fadiga em diversos profissionais. Por todo canto, escuta-se: ‘o trabalho invadiu minha casa’, em uma referência ao trabalho remoto, que muitas empresas adotaram na pandemia. Não diferentemente disso, profissionais da educação da rede pública de ensino cumprem jornada de trabalho de mais de 10 horas diárias, somando aulas, reuniões, sem contar o apoio pedagógico em grupos de aplicativos de mensagens.

A dicotomia bem e mal parece análoga à visão daqueles que insistem em desacreditar na pandemia, inclusive não acreditam no alto número de mortes ocorridas, e daqueles que lutam para que os brasileiros assumam posturas conscientes de prevenção ao vírus. Infelizmente, o discurso moralista que avança, fetichista e acelerado, toma para si e prega para os outros aquilo que nada mais é que mera invenção, coisa da cabeça, como uma verdade absoluta, desvalorizando e desconsiderando séculos de história da construção e do desenvolvimento da ciência. O sociólogo Jesse Souza aponta: “A ignorância acerca de tudo o que nos move e determina nosso comportamento prático faz com que tendamos sempre a considerar “natureza” e “dado” aquilo que na realidade, é “cultura”, ou seja, “invenção humana” e construção histórica” (SOUZA, 2021, p. 30). A partir dessa invenção e construção histórica, escutamos justificativas para a fome e a pobreza, como, por exemplo, o discurso da meritocracia, que defende que tudo é igual para todos, que basta esforço e coragem, levando-nos a acreditar nesse discurso como natureza e dado.

O cenário político e sanitário atual do país trouxe questões que, durante a escrita deste trabalho, ocuparam-me a mente. A interrupção das giras, nome popular dado às sessões de umbanda, causou em alguns filhos(as) determinadas dificuldades que procuramos sanar com o diálogo constante. Nos anos de 2020 e 2021, em meio às dificuldades trazidas pela pandemia, procuramos estabelecer rotinas de encontros virtuais para que o olhar afetuoso através das câmeras fosse estímulo positivo nos dias tormentosos. Röhr (2013, p. 155) vai dizer que “precisamos delinear o que caracteriza uma intenção educacional. Em termos mais abstratos, podemos dizer que educar é contribuir para humanização do homem”. E compreendemos essa humanização considerando o bem viver conosco mesmo e com toda a sociedade, incluindo, aqui, os elementos da natureza. É preciso voltar para o profícuo sentido da espiritualidade, não a espiritualidade voltada para as práticas místicas e religiosas, mas a espiritualidade como uma dimensão humana que nos integraliza em harmonia com as outras dimensões.

### 2.3 Umbanda Esotérica: a raiz de Pai Guiné

Diante desse contexto diverso, é importante ressaltar que, ao me referir às práticas umbandistas nesta pesquisa, o recorte se dá sobre a tradição da Umbanda Esotérica, preconizada por Matta e Silva (1916-1988) através do seu mentor espiritual Pai Guiné da Angola, instituindo a tradição da raiz de Pai Guiné. A partir da publicação do seu primeiro livro, intitulado *Umbanda de todos nós* [1956]/(1974), e de outras obras subsequentes, *Umbanda sua eterna doutrina* [1957]/(1985); *Lições de Umbanda e Quimbanda na palavra de um Preto Velho* [1961]/(1975); *Mistérios e práticas na lei de Umbanda* [1962]/(1969); *Segredos da magia de Umbanda e Quimbanda* [1964]/(1982); *Umbanda e o poder da mediunidade* [1964]/(1978); *Doutrina secreta de Umbanda* (1967); *Umbanda do Brasil* (1969) e *Macumbas e candomblés na Umbanda* [1970]/(1977), bem como os ensinamentos passados pela tradição oral e iniciática, Matta e Silva tiveram grande importância na difusão das ideias umbandistas:

Depois do ano de 1956, após a publicação de seu primeiro livro, a Umbanda começou a ser vista com uma nova roupagem, trazendo à luz do entendimento, seus antigos e importantes fundamentos Filosóficos, Científicos e Religiosos. Pela importância de seu trabalho e de suas obras para a Umbanda, Woodrow Wilson da Matta e Silva é considerado o maior expoente da Umbanda de sua época e nada fica a dever aos grandes mestres das ciências herméticas do passado. (A VIDA, 2022, n.p.).

Fundamenta-se, desde então, os pilares da Umbanda Esotérica da raiz de Pai Guiné. Apesar de contrariar os que dizem outras escolas religiosas, a UE não ensina a umbanda como

uma religião de matriz africana. Em sua cosmogênese, apresenta a umbanda como um conhecimento uno que fora deturpado em longínquas eras das civilizações lemurianas e atlantes, denominado ‘Aumbandam’ ou simplesmente, ‘Conjunto das Leis de Deus’. Ensinamos a umbanda como uma religião genuinamente brasileira, que resgata e une o conhecimento dispersado em três importantes raças matrizes: do negro, do índio e do branco.

Com a chegada dos negros escravizados ao Brasil, vieram também seus rituais e conhecimentos sagrados, oriundos de suas nações de origem, erigindo em solo brasileiro os chamados cultos de nação. Nesse processo, identificamos também o surgimento do sincretismo religioso, que foi a maneira que os negros encontraram de exercerem sua fé sem serem perseguidos pela Igreja Católica e por seus donos / senhores católicos. Sabiamente, associaram a imagem dos santos católicos a orixás cultuados na África, prostravam-se diante dos santos com o pensamento voltado para os orixás que, na concepção dos cultos de nação, representam as forças da natureza. Essa prática permitiu que conseguissem perpetuar parte da tradição ensinada pelos sacerdotes no continente africano.

Da mesma forma, o processo colonizador interferiu diretamente nos grupos ameríndios, que viam seus povos serem dizimados pelos portugueses. Contudo, a crença em um Deus único, Tupã, dos povos tupis-guaranis, bem como o reconhecimento da “existência de uma Trindade Manifestada do Poder Divino – Guaracy, Yacy e Rudá –, admitindo, ainda a existência de um Messias Civilizador “Yurupari” com a sua Virgem Mãe “Chiucy”” (ITAOMAN, 1990, p. 28) possibilitou que incursões religiosas como a dos Jesuítas avançassem em território indígena e, aproveitando-se desse conjunto de crenças já preestabelecidas entre os indígenas, transferissem a trindade indígena para a trindade católica, representada por Deus Pai, Filho e Espírito Santo, sincretizando a Virgem Chiucy, dos povos originários do Brasil, na Virgem Maria, mãe de Jesus.

Nesse processo de miscigenação entre a raça negra, a branca e a indígena, apesar de apresentarem cultos e rituais próprios em sua religiosidade, os povos negros resgatam o conhecimento do que chamamos de Aumbandam. Os adeptos da UE acreditam que ela vem cumprir o dever de reviver esses ensinamentos e que todo esse movimento fora planejado por altas hierarquias espirituais, como diz Matta e Silva em entrevista à Rádio Bandeirantes: “A Umbanda Esotérica é a parte interna, iniciática. É aquela que seleciona valores, seleciona mediunidade, que realmente ensina os mistérios e as práticas da Kabbalah ario-egípcia. [...] se propõe a ressurgir, a reativar no Brasil a verdadeira ciência teúrgica” (SILVA, 1984, n.p.).

Nessa concepção, a Umbanda Esotérica se apresenta com outro olhar para o aprendizado religioso, apesar de sabermos da importância histórica do sincretismo que se estabeleceu em

certo período do Brasil, ele ainda perpetua em muitas tradições, na UE, buscamos apresentar o sincretismo como fenômeno social, cultural e histórico, mas ele não compõe parte do nosso corpo doutrinário. Não ensinamos, por exemplo, que a representação de São Jorge seja a representação do orixá Ogum, ou que São Sebastião seja a representação do orixá Oxóssi, como o são em outras tradições de umbanda espalhadas pelo Brasil. Compreendemos essas forças, os orixás, como senhores de elementos, mestres divinos que, em nossa concepção, são impossíveis de serem personificados na figura humana, sejam santos ou não.

Dentro do planejamento espiritual, foi instituído pelas altas hierarquias de Aruanda<sup>11</sup>, a tríplice manifestação dos espíritos, que visa representar o conhecimento de cada raça. A partir disso, os espíritos se manifestam, tomando para si a forma de pretos (as) velhos(as), que representam a raça negra; os caboclos(as), que simbolizam a raça indígena ou ameríndia, e os espíritos das crianças, popularmente conhecidas como Cosme e Damião ou Meninos de Angola, que trazem a sabedoria dos antigos magos da raça branca. Esses espíritos, assim, transfiguram-se, evidenciando três virtudes fundamentais para o aprimoramento espiritual da humanidade: a humildade, ligado aos pretos (as) velhos(as); a simplicidade, ligada aos caboclos(as); e a pureza, ligado às crianças.

Manifestam-se nos terreiros de UE, além dessas entidades, outros espíritos que se denominam exus e pombas giras. Essas entidades atuam diretamente no campo mais denso ou mais material. São elas as responsáveis por desfazer determinados trabalhos e dismantelar grupos de espíritos que ainda gozam no exercício da maldade. São entidades controversas, pois muitos falam, brincam e zombam, sem conhecer com profundidade suas especialidades. É comum vermos nos programas de humor televisionados a apresentação da figura de Pomba Gira como uma mulher vulgar e promíscua, como se fosse uma prostituta. Não que haja problema que ela tenha sido, em alguma vida anterior, uma mulher promíscua, mas, ao contrário disso, essas senhoras, as pombas giras, atuam diretamente no campo emocional dos consulentes, trabalhando complexos e traumas ligados à afetividade. Exu e Pomba Gira não são figuras demoníacas ou espíritos zombeteiros, eles são auxiliares dos mentores da umbanda (preto velho, caboclo e criança) e é, para nós, inconcebível a ideia de fazerem mal a outrem.

É importante considerar, a respeito do nome esotérico, que ele não é propriedade da tradição da raiz de Pai Guiné. Quando buscamos significados para o termo esotérico, percebemos que engloba uma gama de conhecimentos que costumam ser restritos ou fechados a determinados grupos. Nesse sentido, podemos encontrar casas de umbanda que trazem nome

---

<sup>11</sup> Para os umbandistas, Aruanda representa uma cidade espiritual onde residem espíritos milenares, considerados mestres espirituais, que já venceram a roda da reencarnação no planeta Terra.

ou conceitos esotéricos, mas que não preconizam a tradição de Pai Guiné. Quando Silva (1969) intitulou a umbanda de Umbanda Esotérica, foi justamente para mostrar a seus discípulos a necessidade de olharem para os aspectos internos e velados da umbanda, diferenciando do exotérico com “X”, que remete ao externo, ao que se externa, se dirige, a um grande público, (Dicionário Online de Português, 2022). Assim, nem todo templo de umbanda que traz em si o termo esotérico, apesar de assim ter sido denominado por Matta e Silva, vivencia e perpetua os ensinamentos de Pai Guiné.

Dentro dessa tradição, o sacerdote representa aquele que é responsável pela orientação e iniciação dos filhos e filhas de fé, ele é responsável por todas as atividades do terreiro e tem o dever de evocar os espíritos, que também são chamados de mestres ancestrais ou mentores espirituais, os ditos pretos velhos e pretas velhas, caboclos e caboclas, espíritos de crianças, exus e pomba giras. O contato com esses espíritos estabelece diretrizes para o desenvolvimento de grande parte das atividades do terreiro e também auxilia no equilíbrio da vida pessoal dos seguidores. Conforme se vê em Röhr:

A partir dessas comunicações com o divino, se estabelecem, nas religiões, códigos de comportamento adequados à vida, diante da divindade e por dentro da própria comunidade religiosa, ou seja, a religião contém uma ética baseada na fé religiosa. Essas regras servem de fundamento para uma estrutura social que une os adeptos de uma religião (RÖHR, 2013, p. 136).

O papel desses espíritos é trazer, muitas vezes, o sobrenatural, as magias e as feitiçarias diversas para socorrer quem chega ao terreiro. Todavia, é o sacerdote, no campo material, que se apresenta como educador da coletividade da qual é responsável, lidando com questões socioculturais diversas. Costuma-se dizer, no terreiro, que a experiência do sagrado estabelece a construção de uma nova família, a família espiritual, sendo o sacerdote ou a sacerdotisa os responsáveis pela orientação e educação moral e ética (RÖHR, 2013) daqueles que se predispõem a fazer parte da comunidade religiosa.

Cabe dizer que, aliado ao papel do sacerdote umbandista, está o papel do educador no fomento da autoafirmação e no combate aos padrões do preconceito racial e religioso. Por diversas vezes, ouvi de membros da Tuosa e de outros templos a seguinte afirmação: “Se eu falar na escola que sou umbandista, vão dizer que sou macumbeiro!”<sup>12</sup> Recentemente, no ano de 2019, ao me tornar pai de uma adorável menina, conversando sobre seu batizado, afirmei que, se não sou católico, certamente ela não será batizada na igreja católica, mas sim na

---

<sup>12</sup> Expressão cunhada no meio popular para designar pessoas que fazem feitiçarias para prejudicar o outro. Quando, na verdade, se refere àquele que toca o instrumento musical de percussão chamado macumba.

umbanda. Como resposta, ouvi de um familiar: “Tadinha dessa menina, vai sofrer demais quando começar a entender as coisas”! Esses preconceitos e racismos estão tão enraizados em nossa sociedade que o entrevistado Pai José nos relatou que passou por um processo semelhante ao mencionar para sua família que batizaria seu filho na umbanda:

Vou batizar o meu filho na umbanda, né, e quando eu convidei os meus pais, mandei uma mensagem. Eu só recebi da minha mãe assim [o entrevistado uniu as mãos em gesto de oração] uma mãozinha, e meu pai nem me respondeu até hoje. Então... eu compreendo, eu respeito a situação [...] (Pai José – Trecho de entrevista, 2021).

Falas e comportamentos como esses, explicitados sem o desejo de ferir, vêm carregados dos fenômenos sociais e históricos que estão entranhados em nossas relações sociais e culturais. Nos dias de hoje, ouvimos interlocuções linguísticas preconceituosas, como: “Isso é coisa de preto!”, para se referir a algo ruim ou a um serviço que ficou mal feito. Vejamos outro relato notadamente marcado pelo racismo religioso:

Então, já fui chamado de macumbeiro, numa entrevista de emprego na semana passada, nem contei pra [esposa] isso na entrevista. Fiz uma entrevista de emprego na semana passada, durante a entrevista, lá me perguntaram: como que você se equilibra mentalmente? Como que você busca um apoio espiritual? E aí eu falei: sou sacerdote de umbanda e aí já gerou aquela estranheza assim, um clima meio gelado na sala e nem e nem rendeu muito não sabe? A pessoa até perguntou você é de qual igreja? Sabe? Eu falei... não... sou sacerdote de umbanda, faço parte de um terreiro, tenho um terreiro e tal, só que tipo assim, acabei de falar já pulou para outro assunto nada a ver. Já escutei também é... “nossa, mas como é que você tem coragem de falar isso assim!” Sabe? Como se eu tivesse que esconder que eu sou umbandista. (Pai José – Trecho de entrevista, 2021).

O relato de Pai José sobre o racismo religioso continua:

[...] o que marcou foi com meu pai, com minha mãe é... eles souberam que a minha irmã, que é a minha filha no terreiro, também estava frequentando a umbanda junto comigo e aí eles chamaram ela e falaram: ó, a vida de José tá ruim, não anda profissionalmente, passa dificuldade financeira porque tá na umbanda, fica mexendo com essas coisas de macumba. E aí, como se não bastasse isso, obrigou ela a sair, a não frequentar mais é... com... vamos dizer assim, com a ameaça meio velada, mas foi de, de não dá mais o sustento pra ela, que ela é adotada... então, assim, isso mexeu comigo, mesmo sendo com ela, porque primeiro ela é minha filha, né? Segundo, a vida dela por si só, por ser adotada, não é simples e ter a coragem de... de sugerir algo nesse sentido... isso aí mexeu muito comigo. (Pai José – Trecho de entrevista, 2021).

Situações como essas nos indicam a necessidade de reformular a educação de base e isso só se torna possível com o(a) educador(a) cômico(a) dessa pluralidade, da diversidade dos indivíduos e também com a valorização de diferentes práticas educativas e o reconhecimento dos diferentes caminhos espirituais. Os pesquisadores Rufino e Simas (2018) explicitam essa

questão: “Por mais que reconheçamos que existe uma pluralidade de práticas e contextos educativos, sabemos que o modo dominante se constitui como um projeto que não contempla a diversidade. Ao contrário, produz tudo que está fora de seus limites como incrível e subalterno” (RUFINO; SIMAS, 2018, p. 20).

Não é novidade que a maioria dos gestores públicos, se não todos, tomam como base os modelos internacionais de educação para o Brasil, desconsiderando a diversidade sociocultural em relação a outras nações europeias. Não é à toa que o ex-ministro da educação, Milton Ribeiro, o quarto ministro em menos de quatro anos de mandato do atual presidente da República (atualmente já estamos no quinto ministro), afirmou em entrevista à TV Brasil que a “universidade deveria, na verdade, ser para poucos, nesse sentido de ser útil à sociedade” (MINISTRO, 2021, n.p.) e seguiu o discurso, o qual está disponível na internet, defendendo como primordial a formação de técnicos para a sociedade, ou seja, a ‘entrega’ de ‘alunos-produtos’ para as demandas dos donos do capital. Ele diz: “O Brasil precisa de mão de obra técnica, profissional” (MINISTRO, 2021, n.p.). A fala do ex-ministro, que é pastor da Igreja Presbiteriana, desconsidera outros valores socioeducativos não tradicionais e só reforça a necessidade de trazer para a educação pedagogias e culturas de sínopes (RUFINO; SIMAS, 2018), que rompam com a hegemonia predominante desde os tempos coloniais. O que pensaria o ex-ministro, pastor, ao ler a afirmativa de que a umbanda também é um processo pedagógico, que ela é capaz de ensinar e preparar para a vida futura, conforme nos fala Dona Madalena:

Eu me sinto uma representante da umbanda. E uma representante negra dentro da umbanda. Eu não sou melhor do que ninguém, mas hoje eu estou melhor do que eu mesma. Então, eu ter superado grandes dificuldades minhas dentro da umbanda, para mim é algo indescritível, né? (Dona Madalena – Trecho de entrevista, 2022).

O depoimento a seguir possui elementos que corroboram a necessidade de repensarmos um olhar plural e horizontal nas relações escolares;

Aí o que acontece, eu falo isso porque já tem um estigma que as coisas da umbanda são extremamente marginalizadas. Quando alguém fala alguma coisa dessa, eu falo, porque **o povo tem que saber** que não é desse jeito. Aí alguns, foi até interessante, uma vez teve uma mulher, que é evangélica, e ela falou de Pomba Gira uma vez comigo... aí eu falei: mas olha, deixa eu falar com você, deixa a Pomba Gira em paz, ela não tem nada a ver com isso. Ela faz um outro tipo de trabalho, um trabalho para o bem. Passou um tempo, aí, essa mesma mulher, ela veio me perguntar como é que era a umbanda. Aí eu falei tudo, ela me perguntou de tudo. Eu fiquei meu horário de almoço inteiro, uma hora, falando sobre a umbanda, ela perguntou sobre o Caboclo, ela perguntou sobre Preto Velho, ela perguntou sobre Exu. Ela perguntou, como é que funciona a casa. Perguntou tudo, tudo, tudo, tudo. [...] Perguntou tudo, tudo, tudo. Eu falei, só: olha, Exu, de fato e de direito, não é um ser ruim, ele limpa o caminho das pessoas, ele desfaz os feitiços; os Pretos Velhos, eles aconselham, eles dão amor, eles

passam carinho; e os Caboclos, eles trabalham com energia de cura... e eu fui falando tudo isso, claro, né? **Dentro de uma linguagem que ela fosse entender**, que não dá para aprofundar muito sobre a umbanda para uma pessoa que não entende, né? A gente tem que falar de certa forma, a língua da pessoa. Aí falei, falei, e ela assim, “nossa que interessante. **Eu achei que a umbanda, era uma coisa, e ela é completamente diferente**”. Sim, ela é completamente diferente. “Há, mas essas pessoas que falam que Exu fez isso e aquilo?” Olha, presta bem atenção. Seu nome, seu nome é Vera, não é? Você é do bem, não é, Vera? Quando alguém suja o teu nome, pega o seu CPF, o que que acontece? A outra pessoa não vai ter o nome de Vera? E ela não tá fazendo uma coisa ruim? É a mesma coisa, só que espíritos ruins que pegam um nome das entidades da umbanda para fazer essa arruaça, para diminuir a umbanda, para botar a umbanda na lama, para que as pessoas não possam acreditar na umbanda, para que a umbanda não possa fazer o trabalho dela. Expliquei tudo isso para ela. (Exu Mirim – Trecho de entrevista, 2022 - grifos do autor).

A escola, como ambiente do conhecimento, deve fomentar o respeito à diversidade em qualquer espaço social, contudo esse deveria ser um dever cívico de toda a sociedade e de todas as instituições do Estado. O destaque para a primeira frase do entrevistado Exu Mirim “o povo tem que saber”, denota um cansaço das massivas vezes em que teve que explicar para seus colegas de trabalho que sua prática religiosa não visava prejudicar os outros, que ele, mesmo sendo um adepto da umbanda, não desejava fazer mal a ninguém. Não obstante ao cansaço expresso nas entrelinhas de toda a sua entrevista, nas várias tentativas de elucidar os ignorantes sobre sua religião, Exu Mirim, ao buscar atingir a compreensão da sua interlocutora, constrói ali, no seu ambiente de trabalho e nos minutos que sobram da sua hora do almoço, uma pedagogia peculiar. Na segunda frase destacada do depoimento, a expressão “dentro de uma linguagem que ela fosse entender” mostra-nos a sua preocupação com o outro, quando poderia simplesmente ignorar a postura de sua interlocutora. Todavia, de uma forma particular, imbuído do desejo de esclarecer e de também fazer justiça, Exu Mirim se torna um agente de outra forma de construir uma relação pedagógica, pois desestrutura um padrão para fornecer outra perspectiva ao universo da sua interlocutora, conforme vemos na terceira e última frase destacada: “Eu achei que a umbanda, era uma coisa, e ela é completamente diferente!”. Dessa forma, é concedido um novo sentido para a concepção de umbanda da interlocutora, a qual, certamente, em nova oportunidade, abordará o tema imbuída de novo olhar. Diante de novas informações, desconstruindo seu imaginário demonizado a respeito da religião umbanda e, certamente, do seu colega de trabalho, Exu Mirim, ela, a interlocutora, poderá, no ensejo de dirimir outras dúvidas, encorajar-se a procurar mais vezes Exu Mirim na sua hora de almoço.

Diante do contexto social apresentado, questionamos: uma criança ou adolescente se sentiria confortável para, em uma aula de matemática, se referir à numerologia sagrada dos orixás presente na umbanda? Ou mesmo na aula de história ou de ensino religioso, poderá falar



que dedicamos a Exu profundo respeito e admiração por nos ajudar mais diretamente no plano material?

No próximo segmento desse trabalho, discorreremos sobre as inter-relações possíveis entre a educação de pessoas diante de preconceitos de todas as ordens e sua articulação com a espiritualidade.

### 3 EDUCAÇÃO E ESPIRITUALIDADE

No ambiente escolar, as relações interpessoais são reflexo do tecido sociocultural dos sujeitos, de modo que interconectam crenças, classes, gêneros, numa infinidade de entrelaçamentos de subjetividades. Talvez a incompreensão dessas subjetividades seja um dos grandes desafios que se apresenta para professores e gestores educacionais. Ao lidar com a onda de desrespeito e violência que vem ocorrendo nas escolas nos últimos anos, muitos profissionais, sem esclarecimento sobre suas atitudes, acabam impondo regras já institucionalizadas, pautadas em uma moralidade pessoal (TOGNETTA; VINHA, 2009).

O universo do terreiro, em muitos momentos, também se assemelha ao espaço escolar, pois é local de construção de saberes. Um dos aprendizados presente no terreiro, que está sempre em constante mutação, é o cuidado com o 'axé'. O 'axé', da maneira como o concebemos, consiste na atenção aos banhos de ervas e essências, defumações mensais nos lares e determinadas firmezas<sup>13</sup> particulares. O sacerdote, além de cuidar do seu 'axé' pessoal, deve atentar-se e cuidar do 'axé' dos seus filhos, que demanda manutenção constantemente. Cada filho (a) é um mundo a ser descortinado e, a partir disso, é necessário trabalhar no sentido de promover seu crescimento espiritual nas diversas dimensões imanentes ou transcendententes.

A partir dos conceitos da identificação e da dimensionalidade do ser humano, acredito que seja possível contribuir para a construção de um ambiente escolar como um espaço de fato democrático, plural e seguro. Essa compreensão possibilitará uma relação mais horizontal, ampliando, como dito, outras possibilidades educativas que visem às práticas de vida dos alunos, além dos livros didáticos. Deploravelmente, não é o que acontece na maioria das instituições escolares, quando crianças e pais são coibidos de expressar sua fé, principalmente quando são diferentes das religiões ditas tradicionais. Agora, em 2022, fui tomado de assalto, com a seguinte notícia, publicada em jornal de grande circulação: "Mãe perde guarda de filha após levá-la à Umbanda na Grande BH" (ROCHA, 2022). A Tuosa, da qual sou sacerdote, também está localizada na Região Metropolitana de Belo Horizonte, na cidade vizinha àquela em que ocorreu o fato denunciado na reportagem. Segundo a reportagem,

A iniciação da menina ganhou conhecimento da escola. Conforme Liliane<sup>14</sup>, devido às questões neurológicas, a adolescente sofreu um desmaio na unidade de ensino. A mãe foi chamada ao local no dia e diz ter sido hostilizada. "Me disseram 'olha bem o que você está fazendo com a sua filha'", contou a mulher. (ROCHA, 2022, n.p.).

---

<sup>13</sup> Denomina-se firmeza determinadas práticas que os filhos de fé realizam a partir de orientações específicas do sacerdote e dos espíritos. Essas firmezas possibilitam um contato mais aproximado com a magia de umbanda.

<sup>14</sup> Liliane Pinheiro, de 37 anos é mãe da criança matriculada na escola.

Segundo a reportagem, a adolescente sofre de problemas neurológicos, o que já era de conhecimento da escola. Entretanto, somente após tomarem conhecimento de que a mãe levava a filha a um terreiro de umbanda, fizeram questão de comunicar o fato ao Conselho Tutelar. O caso é acompanhado pela equipe de advogados do Instituto de Defesa dos Direitos das Religiões Afro-Brasileiras (Idafro). Hédio Silva, um dos componentes do Idafro, deu seu depoimento para a reportagem do jornal *O Tempo*:

É o sexto caso que chega para mim em menos de dois anos. É, certamente, uma ilustração da ponta de um iceberg sobre o que pode estar ocorrendo país afora. É deplorável ver conselheiro tutelar, que geralmente é cabo eleitoral de político neopentecostal, manipulando a Justiça. (SILVA, 2022, n.p.).

Casos como esse nos levam a pensar em quantas pessoas vivem situações semelhantes, porém sem um apoio institucional ou mesmo pouco ciente dos seus direitos. Essa é a marca da educação hegemônica, fruto de uma herança colonial que se desespera diante da possibilidade de perder o controle e o domínio da sociedade. Nas palavras de Rufino e Simas (2018),

A experiência da escolarização no Brasil é fundamentada pelo colonialismo europeu-ocidental e pelas políticas de expansão e conversão da fé cristã. A marafunda atada por esse empreendimento corroborou com a perseguição, a criminalização e o extermínio de uma infinidade de outros saberes. (RUFINO; SIMAS, 2018, p. 19).

Do ensino básico à pós-graduação, é possível encontrar marcas desse processo secular de escolarização. No desenvolvimento da sua tese de doutorado, Rosana Castro (2022) relata, no artigo intitulado *Pele negra, jalecos brancos: racismo, cor(po) e (est)ética no trabalho de campo antropológico*, que a área médica continua marcada por uma branquidade, de tal forma que há estranhamentos quando o negro também ocupa esse espaço, tradicionalmente ocupados pela elite branca.

Durante minha pesquisa de campo, em apenas uma situação vi uma jovem negra sob o jaleco branco. Dalila, tímida e de cabelos alisados, estava finalizando o curso de medicina em uma faculdade particular da cidade e frequentou o centro por algumas semanas para conhecer o local e verificar se gostava da experiência. Certa vez, ela contou que somente pôde fazer o curso por ter sido beneficiária do ReUni, programa federal que financiou integralmente as exorbitantes mensalidades da faculdade de medicina. A experiência no Croncenter era também um treinamento, após o qual haveria a possibilidade de ser contratada – o que não ocorreu. (CASTRO, 2022, p. 7).

A humanidade, desde seus primeiros registros históricos, busca levar a efeito o controle da natureza, o domínio das coisas e das pessoas. Com o desenvolvimento humano, ao longo dos séculos, proliferou-se também diversos modos de controle. Se antes era permitido usar o

fio da espada para eliminar o opositor, hoje os métodos de violência são sofisticados, pois, ao invés da espada que corta a carne, assistimos à violência e à fome, que eliminam dia a dia o povo pobre e preto. Não mais a espada, mas a bala do revólver, do fuzil institucionalizado e protegido pelas leis, que estilhaça e fere a carne humana como se fossem vidas insignificantes, e o são para determinado estrato populacional. A canção *De frente pro crime*”, composta por João Bosco e Aldir Blanc, a qual hoje, mais maduro, escuto e canto percebendo o sentido de sua letra, demonstra como a agenda colonialista apaga a importância do povo negro e pobre. Nosso corpo não pode valer mais que as milionárias transações futebolísticas ou ofuscar os discursos vazios político-partidários, conforme certifica a canção:

Tá lá o corpo estendido no chão; Em vez de rosto, uma foto de um gol; Em vez de reza, uma praga de alguém; E um silêncio servindo de amém; O bar mais perto depressa lotou; Malandro junto com trabalhador; Um homem subiu na mesa do bar; E fez discurso pra vereador; Veio o camelô vender; Anel, cordão, perfume barato; Baiana pra fazer; Pastel e um bom churrasco de gato; Quatro horas da manhã; Baixou o santo na porta bandeira; E a moçada resolveu; Parar, e então; Sem pressa, foi cada um pro seu lado; Pensando numa mulher ou no time; Olhei o corpo no chão e fechei; Minha janela de frente pro crime (BOSCO; BLANC, 1975).

Não podemos seguir ignorando o silenciamento proposital das vidas perdidas pela indiferença social, inclui-se aí a intolerância religiosa, portanto, trago como uma possível hipótese para a pesquisa os possíveis caminhos pedagógicos dentro da Tuosa, contribuindo para a compreensão e a correção de equívocos que fomentam o preconceito e o desrespeito dentro e fora dos terreiros.

Buscarei, como referência dos processos educativos, o capítulo oito do livro *Educação e Espiritualidade*, de Ferdinand Röhr (2013). Nele, o pesquisador descreve uma ética pedagógica “expressa no pensamento, nas falas e no agir dos Tzadikim<sup>15</sup>, que perpassam as seis temáticas abordadas por Buber: a autocontemplação; o caminho específico; determinação; começar consigo; não se preocupar consigo e, finalmente, aqui onde se está” (RÖHR, 2013, p. 206). Essa pode ser também a indicação de caminhos a nos apontar processos educativos que nos permitam combater o racismo religioso.

A ‘autocontemplação’ é caracterizada como um auxílio para que o ser humano que está fora do seu caminho possa encontrá-lo. Entretanto, não cabe ao educador apontar o caminho, mas chamar a atenção do educando para algo que é condição primordial para encontrar o caminho. Nesse processo, segundo Röhr, não adianta “um sermão ou uma argumentação erudita, mas principalmente o reconhecimento do educando de que não encontrou ainda o seu

---

<sup>15</sup> Nome dado a personalidades do Judaísmo Ortodoxo consideradas sábios, mestres, orientadores espirituais.

caminho” (ROHR, 2013, p. 209). É como se dentro de nós existisse uma voz que objetiva nos conduzir à sensação de bem-estar, à busca de uma satisfação existencial da qual as vicissitudes nos distanciam. É preciso, portanto, “chamar a atenção dos educandos para dois fatos, a saber, i) que escutar a sua voz interior é a possibilidade que o homem tem de encontrar um caminho; e ii) que, por ela ser uma voz suave, temos dificuldade de escutá-la naturalmente” (LEÃO; RÖHR; SILVA, 2021, p. 106).

‘Autocontemplação’ é ouvir a si mesmo, voltar-se para dentro, pois “dessa forma, quando escutamos a voz e encontramos o nosso desejo central que nos dá uma forte indicação do que deve ser feito, é esse o momento chamado por Buber de autocontemplação” (LEÃO; RÖHR; SILVA, 2021, p.107). Como sacerdote, sinto em meus filhos, em muitos momentos, a necessidade da realização da autocontemplação e, muitas vezes, nessa procura / busca, vejo que se escondem de si mesmos e também dos outros, conforme nos relata Röhr. Trata-se da busca da autoidentificação diante das dificuldades encontradas em meio a uma sociedade que tem alto nível de preconceito religioso. Vamos ilustrar, na fala de Vó Cambinda, esse processo:

Eu estava vivendo como um espectro. Eu estava com uma depressão. Você lembra como é que eu estava? Eu estava tomando remédios e remédios. Eu fui parar na... Eu tive três internações com depressão no André Luiz e nisso veio o desencarne do meu irmão, da minha mãe... A saída dos meus filhos de casa, que foram morar com o pai, o casamento dele, então veio tudo isso. Então, eu tive três internações lá no André Luís. Depois, veio minha aposentadoria. Isso também fez parte de um processo assim, de final de carreira, que eu não lido bem com isso até hoje. Não lido. Porque eu acho que eu ainda tenho muito a fazer. Para mim, as coisas não terminaram ainda. Foram cerceadas no momento que eu estava assim, mais trabalhando. Que eu estava na direção aqui, eu estava na coordenação lá, que eu estava fazendo um trabalho bom, ótimo, que eu estava super gostando. Que estava sendo assim difundido, eu levava para UFMG, para os encontros lá na FAE e estava sendo assim. O pessoal estava gostando muito. Enfim, então foram três internações lá no André Luiz. Eram muitas medicações que eu estava tomando, muita medicação mesmo e o [...] ele sempre encontrava comigo. Ele falava assim, “olha vamos trabalhar”, acho que era na FECOVE, “oh, seu lugar tá lá, tem crianças lá te esperando, vamos lá”, pra poder ver se desenvolvia, se eu voltava, pelo menos pra ver se eu voltava para o kardecismo. Aí acho que a turma de vocês debandou pra umbanda. Aí ele virou para mim “ó sua questão já não é mais kardecista não, você já vai resolver o seu caso é na umbanda. Aí o [...] me colocou dentro do carro, o [...] me levava para o Tadeu. A primeira casa de umbanda que vocês estavam. O [...] me levava lá no Sagrada Família. Ele me levou várias vezes no Sagrada Família, depois várias em Santa Luzia. (Vó Cambinda – Trecho de entrevista, 2021).

Vó Cambinda, por conta das intercorrências em sua vida, viu-se perdida e distante da sua voz interna, usou isso como desculpas para se afastar do seu real caminho.

Tendo em vista que a autocontemplação é o início do caminho formativo, voltamos agora a reflexão sobre a atuação das forças atualizadoras e das forças contrárias. Uma força contrária que depreendemos a partir desse ensinamento corresponde a todas as nossas desculpas cotidianas que utilizamos para fugir da nossa

responsabilidade sobre determinado ato ou acontecimento e para nos eximir da responsabilidade de assumirmos a autoria e as consequências de nossos atos (LEÃO; RÖHR; SILVA, 2021, p.107).

O ‘caminho específico’ traz a ideia de que “o caminho do homem não é o mesmo nem para todos, nem para alguns. O caminho é absolutamente individual” (RHÖR, 2003, p. 214). Ao buscar o próprio caminho, é necessário conhecer a si próprio, ou seja, buscar a própria essência, conhecer os diferentes aspectos individuais. Para isso, é importante fazer a primeira parte do processo: a autocontemplação. Tendemos a seguir caminhos e direcionamentos das pessoas que consideramos importantes em algum sentido. Esse movimento apresenta-se quase como uma tendência natural do ser humano, abdicar-se de si para valorizar o outro. Isso, para Leão, Röhr e Silva (2021),

[...] é a tendência humana de imitar o caminho trilhado por outras pessoas. O problema é abdicar de nossa essência para abraçarmos o jeito de ser dos outros. Outra força contrária ao encontro do nosso caminho particular é a busca por um caminho fora de nós mesmos, determinado externamente por uma causa, uma instituição ou um ideal. (LEÃO; RÖHR; SILVA, 2021, p.111).

Tendemos a espelhar o que é posto como referência na sociedade, seja em qualquer segmento. No campo religioso, o processo é o mesmo, percebo que muito dos filhos e filhas do terreiro tendem a sincronizar seus comportamentos e ideias com a do sacerdote ou se sacrificam para alcançar os exemplos de pessoas que, de alguma forma, tornaram-se referências de virtudes e retidão. Sabemos que é natural os discípulos tenderem a seguir e perpetuar os ensinamentos dos mestres, como acontece na relação dos filhos com os pais e também na relação de professores e alunos. Queremos ser iguais a quem admiramos, desejamos ser fiéis aos ideais que nos inspiram, buscamos ser aceitos por diversos grupos sociais e, para isso, muitas vezes, nos sujeitamos a ideias e comportamentos que trazem desconforto. Para seguir no trabalho libertador, é necessário nos encontrarmos com nós mesmos e identificarmos o nosso real propósito de vida. Nesse ponto, o papel do educador é fundamental para que seu pupilo atinja o que almeja.

As paixões e os desejos superficiais são forças contrárias quando nos afastam dos elementos que reconhecemos como essenciais em nossa vida. Mais uma vez, cabe ao educador alertar seus educandos sobre os malefícios de basear a nossa existência nos desejos superficiais e nas paixões, pois, se assim guiarmos nossa vida, ela se resumirá a uma prisão criada por forças contrárias, a qual nos manteremos encarcerados à busca da satisfação desses desejos e paixões. Além disso, o educador deve enfatizar, junto a seus educandos, que temos que buscar um respaldo próprio e autêntico para guiar toda a nossa vida e que a busca do caminho particular é uma constante em nossa jornada. (LEÃO; RÖHR; SILVA, 2021, p.111).

Em nossa vivência cotidiana, deparamo-nos com sujeitos que buscam trilhar seu caminho à luz do caminho do outro. Eu mesmo, nos tempos de kardecismo, não seguia o meu caminho e sim aquele indicado pela doutrina kardecista, essa caminhada não me trazia plenitude. Também sinto, no depoimento de Táci, essa necessidade da busca de um caminho individual. Ela ilustra esse aspecto com sua afirmação:

Estava fazendo algo errado. Como assim? Eu sou católica. Quando eu comecei a tomar mais conhecimento, aí por volta dos meus 16 pra 17 anos, eu falava que era católica, mas eu era espiritualista, nem sabia o que era a palavra espiritualista. Eu acredito em reencarnação, mas eu sou católica. (Táci – Trecho de entrevista, 2022).

Por isso:

Pedagogicamente falando, cabe ao educador, diante das batalhas que seus educandos travam ao fazer valer a voz suave de suas singularidades, caminhar junto a eles e fortalecer essas forças atualizadoras; afinal, tal suporte é essencial se concebermos que, em nossa busca por um caminho próprio, é mais cômodo se adaptar às demandas externas; é mais fácil deixar-se levar. (LEÃO; RÖHR; SILVA, 2021, p. 111).

A ‘determinação’, por sua vez, é fundamental para seguir na busca do caminho individual, a partir dela se conquista a ‘unificação da alma’, que seria a maturidade necessária para seguir diante das adversidades.

Sem deixar se impressionar pela atitude de esforço de vontade, o Tzadik atenta para a postura interior de seu hassid<sup>16</sup>. Ele se impõe a tarefa de zelar pela coerência do estado da alma com as obras e metas que o hassid escolhe. Ele não pode nem assumir nem participar, parcialmente, da tarefa da unificação de sua alma. Só obras condizentes com o estado da alma permitem progresso” (RÖHR, 2013, p. 221).

Muitas vezes, deparei-me com sujeitos imersos na prática religiosa e que viviam conflitos internos que se antagonizavam, na visão deles, com o conhecimento espiritual adquirido dentro do terreiro. Com afirmações como: “eu não sou merecedor” ou “eu não dou conta”, inicia-se um duelo ou conflito interno que os levam a duvidar do caminho, fazendo-os, muitas vezes, desistir do aprendizado. Percebo, na fala da entrevistada Táci, parte desse conflito:

[...] Qual foi a minha sensação... tudo começou a adormecer, começou a vir aquela dormência das pontas dos pés e fui sentindo uma dormência no meu braço, o coração acelerando e eu falei, eu vou desfalecer, eu vou desfalecer... meu filho chorando do outro lado. Isso foi uma hora e meia, duas horas. Foi horrível. E aí, esse médium, ele desincorporou e incorporou de novo e, com muito custo, essa última entidade que eu

---

<sup>16</sup> Hassid são pessoas que se colocam em busca de conhecimento, sabedoria e equilíbrio interior, fazem parte do movimento religioso hassidismo. A relação de um Tzadik e um hassid pode ser comparada à relação de um pai e um filho ou um mestre e seu discípulo.

incorporei foi embora, porque ele falou que ele não ia, enquanto ele não recebesse, ele não ia. Enfim, aí desse dia em diante eu falei que eu não ia mais mexer com isso, que realmente era ruim, que... enfim. Era uma pena, eu não vou mexer com isso. Aí, eu fui ser evangélica. (Táti – Trecho de entrevista, 2022).

A desistência dos desejos, muitas vezes, está atrelada à vontade de atender às expectativas das pessoas importantes em nossa volta, como pais, companheiros e filhos. A ‘determinação’ caminha lado a lado com o passo anterior, o ‘caminho específico’, pois só se alcança a própria determinação quando se encontra seu real sentido de viver. Para Leão, Röhr e Silva (2021), um dos percalços que dificulta atingir esse passo (determinação) diz respeito à “[...] antecipação das etapas de nossa vida, à pressa em relação aos passos que precisamos dar em nosso percurso existencial e à ansiedade aguda em relação ao cumprimento das tarefas que consideramos “maiores” (LEÃO; RÖHR; SILVA, p. 114). Percebo essa distração nitidamente no processo educacional do terreiro. Há pessoas que desejam alcançar passos de médiuns que já estão em avançado desenvolvimento mediúnico, e outras que abraçam tarefas e mais tarefas que não conseguem cumprir em sua totalidade. Identifico, em alguns, a expectativa de serem iniciados nos mistérios da magia de umbanda e também a decepção e o afastamento de outros quando não alcançam tais desejos. Alcançar esse passo importante (determinação) “portanto, consiste em conhecermos nossos motivos mais profundos, ouvirmos nossa voz interior, reconhecemos o primeiro passo a ser dado e termos a determinação de persistir nessa caminhada própria” (LEÃO; RÖHR; SILVA, 2021, p. 114), numa linguagem mais direta, é saber o que quer.

Quanto à temática ‘começar consigo’, podemos dizer que a caminhada espiritual dentro de um terreiro de umbanda propõe, antes de tudo, o encontro consigo mesmo. O contato com os espíritos que lá se manifestam funciona como estímulos para seguirmos confiantes em nossa busca individual, que é a de superarmos nossas dificuldades, incluindo aí nossos preconceitos. Contudo, para o sucesso do que se pretende alcançar, é necessário não culpar os outros por nossas falhas e frustrações. “Enquanto ele ainda procurar culpados fora de si e não resolver, de forma incondicional, o conflito interno dele – entre pensamento, fala e ação – não terá expectativa de superar o conflito externo” (RÖHR, 2013, p. 226). Assim, é necessário buscar em nós mesmos o equilíbrio necessário para seguirmos no processo educativo sem nos distanciar dos objetivos de enfrentamento do racismo religioso. “Sem haver encontrado sua convicção pedagógica legítima, não tem como se aproximar nem como criar, em si, a união do pensar, falar e agir” (RÖHR, 2013, p. 227). A fala de Pai José nos dá ideia dos possíveis resultados de encontrar a ‘convicção pedagógica legítima’:



[...] percebo muitas mudanças, muitas. Eu brinco que as coisas até ficaram mais difíceis de serem conquistadas, mas não pela umbanda, não por conta da umbanda, é o meu processo de autoconhecimento, de busca, de batalha e, à medida em que vou adentrando no trabalho, algumas dificuldades vão sendo apresentadas pra poder me testar e ver se eu quero mesmo, se eu estou ali na umbanda pela umbanda. Então, apesar das dificuldades, sempre tem um momento de bálsamo, de alívio e que, pra algumas pessoas é milagre, pra outras é coincidência, pra mim é o resultado, meu merecimento. Estou sem dinheiro nenhum, o dinheiro surge... de forma mágica. Essas são as mudanças e aí internamente sou alguém muito mais disposto a passar e superar as dificuldades, a levar um trabalho à frente. Um dia eu fui questionado “cê tem certeza que cê quer?”, talvez até eu não tivesse tanta certeza ali, assim pro momento, porque eu não sabia, não tinha noção do que viria pela frente de dirigir um trabalho dessa natureza, mas quando, em um certo momento, pensaram em acabar com a umbanda [...] que é o grupo que a gente formou inicialmente, eu de cara e, sem pestanejar, eu falei: ó se quiser acabar, eu vou pedir uma salinha pra eu poder continuar, porque tem pessoas aqui que veio pela umbanda e eu não quero deixar elas sem rumo. (Paí José – Trecho de entrevista, 2021).

Da mesma forma que os passos anteriores, a essência está em buscar dentro de nós as respostas para nossas inquietações. É comum vermos, no terreiro, sujeitos inquietos, implorando aos espíritos, sejam caboclos, pretos velhos, crianças ou exus, uma solução para os assuntos que lhes perturbam o sossego. Entretanto, na maioria das vezes, essas entidades afirmam que eles já sabem as respostas, que é necessário aquietar a mente para que encontrem o que buscam.

Este ensinamento nos diz que a resolução de qualquer conflito começa conosco, com a percepção de nossas possíveis incoerências e com os ajustes necessários para que possamos ser coerentes. Essa é a parte que cabe a cada homem envolvido em um conflito, uma vez que a causa mais elementar desse conflito pode ser um ruído na comunicação causado pela própria incoerência (LEÃO; RÖHR; SILVA, 2021, p.118).

É aquietar a mente (na palavra dos espíritos), possibilitando, assim, que os ruídos se esvançam e os sujeitos consigam ouvir a voz interna, que fala baixinho.

Dessa maneira, estabelecer e assumir sua coerência interna possibilita as demais pessoas o entendimento essencial do homem que se apresenta ali. Assim, a tarefa do educador consiste em favorecer a atuação das forças que conduzem seus educandos à vivência da autenticidade humana; à vivência da coerência entre quem são e o que fazem; e da assunção de suas responsabilidades. (LEÃO; RÖHR; SILVA, 2021 p.118)

Quanto a ‘não se preocupar consigo’, essa temática, à primeira vista, parece algo contraditório, tendo em vista que se apresentam os passos iniciais da ‘autocontemplação’, do ‘caminho específico’, da ‘determinação’, do ‘começar consigo mesmo’ e, no passo seguinte, pede-se que não nos preocuparmos conosco. Entretanto, a resposta está “Na compreensão hassídica do caminho do homem, a resposta é: não por causa de mim, mas por causa da tarefa

específica destinada a mim por Deus” (RÖHR, 2013, p. 227-228). O que também é percebido na fala de Vó Cambinda:

A umbanda é isso, a umbanda, em nível de conhecimento, mostra pra gente que os universos, eles são... Sem palavras... o conhecimento é infinito mesmo e a gente não vai dar conta em sete, oito, nove reencarnações não, é muita coisa [...] a gente saber do passado da gente. É, acho que deixa a gente assim, mais cabeça baixa, mais humilde. Saber que a gente já foi tão ruim no passado. Ter tantos amigos, conhecer tanta gente bacana. Chegar a cada sábado que a gente chega lá. Eu saio daqui, a gente custa a sair, custa levantar, custa sair da cama, sempre tem alguma coisa puxando a gente para trás. Mas, na hora que a gente pisa ali, acabou. É sério mesmo. A gente entra ali, acabou. É vontade de rir, vontade de abraçar. Uma vontade de abraçar o outro, uma vontade de trabalhar, seja no bazar, seja na entrega das cestas, seja no santé, varrer, limpar qualquer coisa que aparecer. A gente faz com felicidade, é cozinhar, é o chá que você faz com amor. É conversar com a plantinha “ou me dá um pedacinho seu aí, para eu ir lá fazer um chazinho, eu te dou um beijinho” (Vó Cambinda. – Trecho de entrevista, 2021).

O conhecimento, as práticas e as vivências no terreiro proporcionam bem-estar e sensação de estar cumprindo um dever maior. O filho ou filha de fé, apesar de buscar a paz para si, descobre que, ao fazer para o outro acima de tudo, está fazendo para si mesmo. Dentro da Tuosa, existem atividades que buscam minimizar as injustiças sociais na comunidade esmeraldense, na qual o terreiro se insere, tais como: entrega de cestas básicas, atendimento psicológico, educandário para crianças, palestras, reinserção das famílias assistidas ao mercado de trabalho, tudo realizado por profissionais que compõem o corpo de filhos(as) da tenda. Identifico, em minhas anotações pessoais, muitas falas que expressam o sentimento de preocupação com o bem-estar do outro, “o maior beneficiário sou eu”, “como é bom ver o outro bem”, “apesar do cansaço, não tem preço ver a alegria nos olhos deles”, são expressões que se repetem em diversos momentos e foram anotadas no caderno de campo.

Dentro dessa perspectiva, as forças atualizadoras se fazem presentes em nossas vidas quando nossas ações têm como foco o bem do mundo, a busca de plenitude dos seres e das coisas com os quais convivemos. Destacamos, como exemplo, as situações em que agimos no sentido de atender a nossa voz interior, quando ela nos diz que há algo no outro que seria contemplado com nossa ação. Escutar e atender essa voz interior específica significa perceber no outro algo que depende de nós para evoluir e empreender uma ação nesse sentido. (LEÃO; RÖHR; SILVA, 2021, p. 122).

Sinto, na fala de Exu Mirim, a presença desse não se preocupar consigo, apontando que, em nome de algo maior, deve-se preocupar com o outro:

Me modificou de certa forma. [Referindo-se a um atendimento feito por ele a uma pessoa assistida pela obra de assistência social do terreiro] Ele ali, aquele contato com aquela pessoa me fez gerar uma emoção que assim, eu não consegui chorar, mas sabe que ficou aquela coisa assim, sabe? Falei assim, gente, é isso! Esse é o meu resgate, é

o social da casa. É estar ali pelo outro, aprender a lidar com outro no social. Isso me gerou uma emoção muito, muito forte, foi aí que eu entendi, por isso que eu estou aqui, por isso que existe essa casa, por isso que eu estou nessa casa, por conta do social. (Exu Mirim – Trecho de entrevista, 2022).

O último passo na busca de uma ética pedagógica traz a temática ‘aqui, onde se está’. Por meio dessa reflexão, deparamo-nos com a nossa própria realização.

Na sociedade massificada, a grande maioria das pessoas somente, em raros momentos, sente com plena consciência que não está realizando a sua própria existência. Porém, as buscas desesperadas de satisfações superficiais revelam a presença constante do sentimento da falta dessa realização. Nessas buscas o homem vai sempre mais longe e não sabe onde irá parar. Só que o tesouro não está longe (RÖHR, 2013, p. 231).

O que seria esse tesouro, senão a “realização da nossa existência” (RÖHR, 2023, p. 231), de perceber concretizado no outro, nesse caso, os filhos de fé da Tuosa, a superação do racismo religioso expresso em suas falas?

Eu era espírita, era mais fácil falar que era espírita. O espiritismo é mais aceito, né? Hoje não me incomoda mais, mas antes era assim, olha, é mais fácil falar que eu sou espírita por causa do Chico Xavier, né? Chico Xavier fez aquela cultura, então, por causa do Chico, não era nem por causa do espiritismo. Mas eu fiz várias entrevistas de emprego me achando espírita, mas falava que era católica. Pra todo mundo, eu pregava, sou espírita. Mas se me chama, sou católica não praticante. [...] Hoje eu tenho conhecimento, então, por isso que hoje eu falo, eu sou umbandista, e não aceito questionamento. Antes eu não sabia questionar, antes eu não entendia (Táti– Trecho de entrevista, 2022).

Táti, em seu percurso ético-educativo, dá-se conta de que a opinião dos outros a respeito da sua escolha religiosa não é mais importante do que sua conquista em se autoafirmar como umbandista. A palavra codificada em letras, muitas vezes, não capta a emoção emitida no momento que se verbaliza. Durante a entrevista com Táti, percebemos certa alegria e orgulho de si mesma por não se importar mais com os juízos dos outros e, ao mesmo tempo, deixou transparecer que se exaltava por se ajustar à sua consciência.

A primeira lição que podemos tirar desse ensinamento é que a busca da realização existencial não se encontra em lugar distante de nós, ou em tempos longínquos: só pode ser encontrada no exato local onde nos encontramos e em cada hora mortal que nos cabe. Dessa forma, percebemos que o caminho de formação humana estabelece uma íntima relação com o mundo que cerca o homem. O pensamento pedagógico de Buber, assim, nos indica que formar-se humanamente para se ocupar com o mundo, aqui onde se está, é o caminho pelo qual o homem pode santificar o cotidiano, redimir os seres, as coisas e os lugares com os quais coexiste e, também, concretizar a sua existência. (LEÃO; RÖHR; SILVA, 2021, p. 124).

Depreendemos a importância de trabalhar os passos apontados por Röhr, seja nos espaços de educação tradicionais, seja nos espaços tradicionais, como medidas de enfrentamento aos diversos tipos de preconceitos. Podemos dizer que “a interdição de outras perspectivas de mundo em favor da normatização de um modo canônico produziu mentalidades blindadas pelo colonialismo. Essas mentalidades permaneceram mantenedoras e reprodutoras de uma toada de negação da diversidade” (RUFINO; SIMAS, 2018, p. 20).

Vejamos, a seguir, de forma explícita, como essa blindagem é real e, muitas vezes, senão todas as vezes, é percebida somente com outras ferramentas que possibilitam neutralizar ou dismantelar o que Rufino e Simas chamaram de blindagem colonialista:

E um detalhe, não sei, mas as pessoas enxergam assim, não sei por que também eu posso ter enxergado assim, né? É coisa de gente pobre, é coisa de favela, é coisa de... é... pode ser um preconceito? Pode. Pode ser um racismo? Pode. Porque vem daí, ah... é coisa de preto. Eu cheguei a pensar, outro dia eu fiquei pensando nisso, olha como que nós ainda somos racistas, na palavra mesmo, racistas. Olha para você ver, se eu falasse que, por exemplo, se a umbanda tivesse então como os templos evangélicos e católicos, se tivesse aquelas catedrais, aí a umbanda seria bacana. Porque é da nossa cultura né? Tudo o que é bom... porque é muito fundamentado pela igreja católica (Táti– Trecho de entrevista, 2022).

Ora, o que é “coisa de gente pobre”, “coisa de favela” senão a reprodução do inconsciente [não tão assim] coletivo dessa sociedade globalizada, que coloca em caixinhas vidas humanas, separando-as por categorias de análise de estratificação social? Uma das medidas possíveis para reparar esses equívocos, são os espaços escolares repensarem o modelo de educação, cujos objetivos ainda se alinham ao estabelecido em seus primórdios, o tecnicismo e a submissão ao capital financeiro, que estipula o que a escola deve fornecer para a sociedade. Santos (2001) usa o exemplo do taylorismo para evidenciar a relação estreita da escola com os interesses do mercado financeiro.

Chama-se de taylorismo o movimento de racionalização do processo de trabalho, que se inicia no final do século XIX e, efetivamente, implanta-se e difunde-se no início do século XX. Nesse período, milhões e milhões de trabalhadores do campo foram obrigados a abandonar suas terras e dirigirem-se às cidades à procura de empregos. (SANTOS, 2001, p. 16).

Nesse modo de produção, os trabalhadores, em sua maioria analfabetos, “[...] para sobreviver, eles deveriam, de forma rápida, habituar-se aos ritmos da indústria (SANTOS, 2001, p. 17). O sujeito, a partir de então, torna-se peça indispensável para o acúmulo do capital, ele deve ser treinado para atender as demandas crescentes de mão de obra. De certa maneira, o processo de escolarização, desde então, assemelha-se aos processos produtivos

mercadológicos, preparando indivíduos para ler, escrever e somar. Não importam mais os sonhos e desejos, o universo lúdico cede espaço para a necessidade do trabalho e a escola torna-se fábrica fornecedora de mão de obra barata.

No capitalismo, qualificação refere-se à capacidade de responder a exigências requeridas pela tecnologia capitalista. Nesse caso, os trabalhadores oriundos do meio rural foram considerados não qualificados. Mas, após terem sido selecionados e treinados, de acordo com os princípios de racionalização tayloristas, passaram a ser considerados qualificados. Perguntaríamos, então: quais são as exigências de escolarização que a força de trabalho deve possuir? Nesse período, o nível de escolarização dos trabalhadores ainda é reduzido. Por outro lado, a aquisição de hábitos, de disciplina e obediência aos ritmos de trabalho é fundamental. À escola solicita-se, apenas, que ensine o saber ler, escrever e contar. (SANTOS, 2001, p. 18).

O espaço escolar é incontestavelmente parte presente na vida do ser humano desde a infância, assim acreditamos que a escola deveria considerar, além da missão do aprendizado cognitivo, também os aspectos socioculturais nos caminhos da identificação e da multidimensionalidade do ser humano. Dimensões como a da espiritualidade permeiam o campo do saber, oferecendo subsídios para que o aluno(a) desenvolva suas potencialidades pautadas nas suas próprias afinidades, e não nas afinidades de interesse mercadológico.

### **3.1 Processos pedagógicos e rituais na Tuosa**

Passo, agora, a descrever uma gira (sessão), no intuito de destacar os elementos pedagógicos presentes nesse ritual.

Uma sessão de umbanda começa muito antes de acontecer. Os médiuns e todos os trabalhadores se preparam com o mínimo de 24 horas antes, com a não ingestão de carnes e de bebidas alcoólicas e a abstenção da prática sexual. Soma-se a isso o cultivo de bons hábitos, como uma leitura edificante, uma conversa saudável etc. Ao chegar ao terreiro, todos se saúdam na entrada do templo, a casa de força de Exu e Pomba Gira, pedindo forças e proteção para o trabalho que se desenrolará naquele dia. O mesmo acontece na parte interna do templo, os trabalhadores se dirigem ao congá, já mostrado na Figura 1, tocam a fronte sobre o mármore e, em seguida, com as mãos ao alto, louvam os orixás e os guias espirituais da umbanda, fazendo suas preces e rogativas individuais.

Todos usam roupas brancas com as insígnias da Tuosa. A Figura 2 apresenta as insígnias do templo, com os sinais sagrados que representam forças específicas de conhecimento iniciático dentro da tradição da Umbanda Esotérica.

Figura 2 - Insígnia da Tenda de Umbanda Oriental Senhores de Aruanda



Fonte: Acervo pessoal.

A sessão, na Tuosa, é dividida em três momentos.

1. Recepção e abertura da sessão

Trata-se da recepção das pessoas, chamadas por nós de “assistência”. A Figura 3 nos mostra o que seria parte dessa assistência.

Figura 3 - Pessoas da ‘assistência’ aguardando o início da sessão



Fonte: Acervo pessoal.

Na hora marcada, como sacerdote, toco uma pequena sineta, que indica aos trabalhadores do templo que já é hora de entrar para a parte interna do congá, fechar os portões e, ao mesmo tempo, sinaliza para a assistência que os trabalhos estão prestes a começar.

Inicialmente, realizo uma breve apresentação do terreiro e seu trabalho assistencial voltado para a comunidade do entorno. Informo sobre os atendimentos espirituais que acontecerão no dia e realizo uma breve preleção sobre as entidades dos caboclos e pretos velhos. Feito isso, convido um dos meus filhos(as) para fazer a leitura de um texto de cunho moral, evangélico, seguida por uma explanação que não ultrapassa 10 ou 15 minutos. Após a leitura e a explanação, meus filhos de fé e eu voltamo-nos em direção ao congá para realizarmos a abertura dos trabalhos espirituais. Dou início, comandando com os dizeres: “Louvado Seja Nosso Senhor Jesus Cristo”. “Em cobertura as Vibrações Originais” e, com as mãos espalmadas ao alto e em direção aos sinais sagrados que identificam os sete orixás, debaixo de orações, defumações e pontos cantados, dou início à abertura de mais uma ‘gira de umbanda’. Após esse momento, passamos a defumar, com ervas especiais, as pessoas da assistência. Inicialmente, chamo as mulheres, que devem entrar descalças no espaço do congá, e que recebem, após a defumação, uma porção de água imantada ou fluidificada e retornam aos seus lugares. Após defumarmos todas as mulheres, incluindo crianças, o mesmo procedimento é realizado com os homens.

## 2. Chamada dos Guias e Protetores

Após o ritual denominado ‘ponto de fogo’ dos pedidos de proteção aos senhores Exus e senhoras Pombas Giras, é chegada a hora de chamar as entidades que trabalharão no dia. As sessões de atendimento ao público na Tuosa são mensais e, normalmente, procuro intercalar as entidades. Se, em um mês, estiveram presentes os pretos velhos; no mês seguinte, evocamos a presença dos caboclos, entretanto isso não é uma regra, pois, algumas vezes, ao chegar no terreiro com a programação de uma gira de caboclo, o ‘Astral Superior’ ordenou que viessem os pretos velhos, as crianças e até mesmo com os exus. Com todos em concentração, permaneço no centro do congá, e entoamos o ponto cantado da entidade chefe do terreiro. Após a chegada da entidade chefe, outras entidades começam a se manifestar nos médiuns presentes e, até que todos estejam plenamente “incorporados” e as entidades tenham realizado seus “preparos”, a assistência aguarda no espaço do salão seu atendimento. Não distribuimos senhas para os atendimentos, as pessoas são chamadas uma a uma, por ordem de chegada, e vão sendo direcionadas para as entidades à medida em que elas vão finalizando os atendimentos. Após todos serem atendidos, as entidades retornam ao mundo espiritual, e é finalizada essa segunda parte da sessão, com um pequeno intervalo. No intervalo, servimos um lanchinho e um chazinho

com ervas colhidas no próprio terreiro. É momento de refazimento e de ouvir, mesmo que brevemente, as impressões e dúvidas das pessoas, principalmente as que vão pela primeira vez em um terreiro de umbanda.

### 3. Encerramento ou prosseguimento

Nessa fase da sessão, Exu e Pomba Gira se manifestam pela mediunidade dos médiuns, quando necessário, ou são orientados pelas entidades anteriores a se fazerem presentes de forma mais ostensiva. Normalmente, é no dia da sessão, a partir da intuição e da mediunidade, que fico sabendo se teremos a ‘incorporação’ dessas entidades e, havendo essa necessidade, o trabalho prossegue a partir das orientações que eles trazem no dia. Assim, seguimos atendendo os consulentes, executando certos trabalhos, fazendo uma preleção etc. Não havendo a presença ostensiva dessas entidades, encerramos a sessão debaixo de orações, pontos cantados e defumações.

Descrevemos parcialmente uma gira de umbanda da raiz de Pai Guiné, pois não existe uma prescrição exata para algo que escapa a ciência dos homens. Cada gira ou sessão apresenta particularidades que se submetem à vontade dos espíritos, por isso, costumamos dizer que são os espíritos (caboclos, pretos velhos ou crianças) os donos da casa. Contudo, é imperioso que façamos a nossa parte no que tange à organização e à estruturação para que tudo ocorra em harmonia e segurança na nossa dimensão física/material. Os elementos pedagógicos se destacam já na entrada do templo, quando as pessoas são recebidas afetuosamente com abraços. Acreditamos que, nesse momento, já atenuamos parte do temor que alguns possuem ao ir em um terreiro de umbanda, pensam, como já me disseram, que encontrariam um ambiente confuso e nebuloso, com entidades gargalhando e aos berros. Na fala de uma das entrevistadas, identificamos esse pensamento, que é quase senso comum quando se refere à umbanda ou a qualquer outra religião de matriz africana, “Eu tinha, assim, um pavor da umbanda. Falava, ué, gente, Exu, deve ser a imagem do capeta” (Vó Cambinda). Logo, o gesto afetivo de ‘receber bem’ desponta como um elemento pedagógico na desconstrução do preconceito.

Além disso, as preleções iniciais também são subsídios importantes, pois, mesmo que brevemente, fala-se das entidades, dos trabalhos, dos objetos etc. Por diversas vezes, ouvi das pessoas, no final dos trabalhos, que se sentiram surpreendidas por terem recebidos as elucidações: “É muito bom, a gente não fica perdido no que vai acontecer e a gente perde todo medo que estava sentindo”, me disse uma das pessoas da assistência ao perguntá-la se havia gostado dos trabalhos. Recentemente, numa das primeiras giras, após o recesso causado pela pandemia, uma senhora me disse: “eu vim ver primeiro como é pra ver se trazia meu marido, na próxima eu trago ele”. O tom da voz, os gestos e a expressão no olhar denunciavam que ela



construía, no seu imaginário, um ambiente desagradável, para não dizer endemoniado. O racismo religioso expresso nesse comportamento é herança do moralismo cristão colonial, que representou, durante séculos, a boa moralidade para os cristãos brancos no Brasil, outrossim, comportamentos do cristianismo de algumas igrejas neopentecostais executam muito bem o papel de reviver [ou de continuar] o discurso e as práticas de ódio contra as religiões ditas afrodescendentes.

Apresentamos, anteriormente, reportagens sobre situações de racismo religioso, uma delas referiu-se a um caso ocorrido na cidade de Ribeirão das Neves, cidade vizinha da Tuosa, em Esmeraldas. Todavia, no período de dois meses, fomos defrontados com a notícia de outro ataque a um terreiro na cidade de Esmeraldas. A notícia chegou através de um filho de fé, que mandou, junto com o link da matéria, a seguinte mensagem: “Estava vendo essa notícia e me chamou atenção sobre o número de casos em tão pouco tempo. A Tuosa está segura?”. E minha resposta foi: “Quem está seguro hoje em dia?”. Minha resposta foi uma tentativa de não alarmar o meu filho, fazendo-o refletir sobre o fato de que, em toda parte, estamos expostos a riscos. Não obstante, é sério o crescimento dos ataques a terreiros e casas de ‘axé’ e preocupa-me a possibilidade de algo acontecer também com a Tuosa. Até então, víamos nos noticiários os relatos de casos semelhantes em outros estados e cidades, mas, agora, a violência está na nossa porta. Como relata a reportagem:

O pai de santo conta que a comunidade lida constantemente com o preconceito religioso e assim muitos atos criminosos não são denunciados na polícia “por já estarem acostumado com as ofensas”, mas devido ao furto e destruição dos objetos dos cultos, ele sentiu a necessidade de unir forças com os outros terreiros da cidade. “Agora queremos criar em Esmeraldas uma rede de apoio a outras pessoas que estão sofrendo o mesmo que a gente, ou que poderão a vir a sofrer até que a nossa religião seja respeitada e o responsável pelas ações criminosas seja identificado e a justiça feita”, protesta. (MACHADO, 2022, n.p.)

Não podemos continuar acostumados com a violência praticada contra as religiões de matrizes africanas. É importante e necessário trabalhar a educação a partir da dimensão espiritual (RÖHR, 2013), fomentando valores éticos que visam proporcionar o respeito a toda diferença. “Na dimensão espiritual, abre-se uma compreensão profunda dos valores humanos, como liberdade, amor, amizade, solidariedade, esperança, confiança, verdade etc.” (ROHR, 2013, p. 268). Todavia, sabemos que a vida no mundo, orquestrada por uma elite do atraso (SOUZA, 2018), faz-nos fenecer diante de tantas adversidades: jornada dupla de trabalho, estudo à noite, precarização do acesso à saúde, baixo salário, entre outros. Em função disso, aliada aos processos educativos propostos em Röhr (2013), a pedagogia de síncope se apresenta

como ferramenta indispensável para o enfrentamento do racismo religioso. Se a elite orquestra que a universidade não é lugar de pobre, sejamos rebeldes e ocupemos esse espaço; se dizem que não podemos ocupar os mesmos espaços que eles, sejamos resistência, pois

De alguma forma, assumimos a responsabilidade do que somos, diante de algo absoluto, transcendente, independente do nome que atribuímos a essa instância, ou das cifras, às quais estamos ligados. Confrontamo-nos, na vida espiritual, com a responsabilidade de sermos nós mesmos, de forma incondicional. A responsabilidade por nós mesmos não é egocêntrica, mas implica a responsabilidade por todos. (RÖHR, 2013, p. 267-268).

Por conseguinte, cabe ressaltar que o crescimento da intolerância religiosa também parte de lideranças nacionais, que fomentam discurso de ódio ao invés de viabilizarem políticas de combate ao preconceito e ao racismo. Todos os dias, são noticiados casos de racismo, seja em escolas, estádios de futebol ou centros comerciais. Ao chegar à porta do terreiro, também já me deparei com sacolas de merda jogadas no portão e espalhadas pelo passeio do templo, como um lembrete de que a umbanda não era bem-vinda ali.

As percepções e reflexões acerca dessa prática referem-se tão somente à experiência do sacerdócio na Tuosa, não podendo ser generalizadas para outras umbandas e nem mesmo para outros templos que perpetuam a tradição de Umbanda Esotérica. Se cada indivíduo é um universo multidimensional a ser autodescoberto, apesar do preconceito e da discriminação racial e religiosa ser uma marca presente em todo o Brasil, não podemos falar por outros irmãos e irmãs da umbanda, com visões e culturas regionais diversas, uma vez que eu mesmo testemunhei sacerdotes e irmãos umbandistas defendendo, com rigor, a ponto de rompermos relações, o governo eleito em 2018 que, a meu ver, é indefensável.

Como dito inicialmente, a experiência no espiritismo, nos primeiros anos da minha mocidade, trouxe-me certo conhecimento desse filo-religioso e certo gosto pelo estudo, pois os espíritas costumam implantar estudos sistematizados das obras que fundamentam sua filosofia. Em minha experiência, sempre percebi um exagero de cuidado em não confundir o espiritismo com a umbanda ou com a ‘mesa branca’ ou qualquer outro substantivo que não seja o de espíritas ou espiritismo.

Certa feita, em uma palestra, ao falar sobre estágios de evolução, sequer mencionei a umbanda na comparação, tendo-a como algo ainda primitivo. Comparava, por exemplo, as igrejas neopentecostais como algo parecido ao ensino primário, a igreja católica como o ensino médio e o espiritismo como o ensino superior. Reproduzindo, nessa esdrúxula comparação, a herança do preconceito que só o letramento religioso da umbanda me permitiu sanar. Foi um

tempo em que eu também exerci, de forma talvez inconsciente, o racismo religioso. Deve-se considerar que agrava ainda mais esse racismo religioso o fato de que, nesse período, não conhecia nada da umbanda e nem das religiões de matrizes africanas, tão somente julgava com base no que os confrades mais velhos e experientes de doutrina me diziam. Pude constatar percepção semelhante no exercício do meu sacerdócio:

Olha, nasci católica, não é? Fui batizada. Fui crismada, casei no catolicismo. Só que, antes do casamento, meus pais, quando eu tinha uns 10 anos, mais ou menos, meus pais mudaram de religião. Foram ser evangélicos, né? E, durante essa empreitada, eu sofri muito. Uma, porque naquela época, quando eu era criança, ser católico era uma coisa normal e ser evangélico era ser crente da bunda quente, né? Havia um bullying naquela época em ser crente. Em ser umbandista, nem se falava muito em ser umbandista, ser espírita, mas o catolicismo era ser normal, mas ser crente era esquisito, era ser esquisito. E, além disso tudo, de eu não querer ser crente? Eu estava frequentando lá na igreja e na hora que o pastor falava, sai, sai capeta, sai demônio. Que tinha àquela hora, né? Eu não sei se saía um espírito correndo de um que estava acompanhando alguém e um saía correndo e caía em mim. Isso por ser médium, eu já pequenininha, eles já montavam em mim. (Vó Cambinda – Trecho de entrevista, 2021).

#### 4 A TÍTULO DE CONCLUSÃO

A partir da experiência sacerdotal dentro da Tuosa, percebo que a complexidade presente nos processos e na caminhada da educação espiritual do adepto esbarra na sua bagagem subjetiva. Cada indivíduo chega ao templo com dificuldades peculiares e níveis de consciência diversos, demandando, sempre, por parte do sacerdote-educador, como prefiro me autorreferir, a reformulação do processo educativo do terreiro. Na mesma linha, Röhr sustenta que “Se a espiritualidade só existe para nós num ato de comprometimento incondicional, temos que reconhecer que esse ato é absolutamente individual e a responsabilidade por ele, insubstituível”. (RÖHR, 2013, p. 174). Posso afirmar que eu era um iletrado na religião umbanda, para não dizer um ignorante completo. Talvez, através deste trabalho, efetue um acerto com minha consciência!

A prática do terreiro é o lugar da trajetória ancestral de luta e combate ao racismo, é também o espaço do diálogo, da resistência, dos conhecimentos que cruzam naturalmente nossas vidas. Trata-se do lugar de conhecimentos peculiares da prática umbandista, das relações culturais e dos afetos construídos nas inter-relações de seus seguidores. A Tuosa, além de ser um espaço para viver a espiritualidade, é também o lugar do empoderamento que desafia a epistemologia da ciência e as construções curriculares com suas diversas formas de aprendizagem. Ela encoraja o combate ao silenciamento secular que impuseram a nossas práticas de aprendizagem e, por isso nos prepara a produzir outros modos de ser antirracista e anticapitalista. Essa prática é comunitária e coletiva e indispensável a nossa existência.

Na tentativa de fomentar a busca pelo autoconhecimento, através de um processo de autocontemplação, busco, além de ressaltar os aspectos das dimensões humanas, não mais exigir que os filhos e filhas de fé se autoproclamem umbandistas. Cabe ao filho ou à filha, a partir das suas introspecções, elaborar e compreender se enquadra-se ou não no conceito de umbandista, espiritualista ou qualquer outro conceito que melhor lhe aprouver. A oralidade, prática comum na lide umbandista, norteia nossas narrativas, e hoje não me importa mais a autodenominação, contudo é indispensável se reconhecer nas narrativas de lutas e resistência, como fizeram nossos ancestrais. Lutaram! Resistiram! Negros e índios investiram esforços para a preservação de suas tradições, mas principalmente para a preservação de suas próprias vidas. Neste percurso, não diferente, lutamos pela vida, por nossa existência e sobrevivência. Não fosse assim, não se destacariam, ao longo da pesquisa, os relatos dos sujeitos entrevistados, demonstrando, inicialmente, a omissão de sua fé para preservar o emprego, para manter a boa relação com um familiar ou para evitar qualquer tipo de constrangimento. Entretanto, a partir

das práticas na Tuosa, foi possível identificar em suas falas grande satisfação e alegria ao se perceberem participantes do próprio processo de libertação. Processo que arrisco comparar a uma outra abolição, a dos conceitos e pré-conceitos.

Apesar de identificarmos que os passos do desenvolvimento da autoidentificação perpassam o caráter pessoal do sujeito de se sentir ou não se sentir umbandista e o aspecto subjetivo que permeia as dimensões do ser humano, é necessário que se tenha acautelado que é no campo das relações humanas que efetivamos e ampliamos estratégias para tornar evidente em nós o que possivelmente esteja obscuro, impedindo-nos de enxergar as artimanhas do racismo. Vimos que a manifestação do preconceito e do racismo está presente em toda a sociedade e é reproduzida individualmente de diversas formas. Sua manutenção é orquestrada por interesse de uma elite branca, política e capitalista que teme perder seu espaço de privilégio e por isso fomenta, a partir das suas instituições de poder, formas de conformismo em relação a injustiças e desigualdade. Nesse sentido, torna-se fundamental que avancemos através de práticas sociais de resistência que nos retirem do estado de resignação imposto a nós desde a colonização.

Através das trajetórias apontadas por Hörh (2013), Rufino e Simas (2018) e Souza (2021), descortina-se uma nova vereda de possibilidades antirracistas, pois se apresenta, em nossa visão, como um engenho eficaz para nossa existência e resistência. O enfoque da multidimensionalidade do homem e da realidade de Hörh com o elenco de algumas dimensões como a física (corporalidade/físico-biológica); a sensorial (nossas sensações); a emocional (estados emocionais); a mental (razão/lógica); e a espiritual (integração do ser) permite olhar para o sujeito e identificar nele um processo construtivo a todo instante. O sujeito não é apenas uma máquina produtora de mercadorias, ele é integral em todas as suas dimensões e, a partir do momento que toma ciência da sua completude, desperta para a sua realidade e a do seu entorno. Assim, torna-se fundamental trazer para sua vida a cultura de síncope:

A partir dessas percepções, podemos concluir que a perspectiva da encruzilhada como potência de mundo está diretamente ligada ao que podemos chamar de culturas de síncope. Elas só são possíveis onde a vida seja percebida a partir da ideia dos cruzamentos de caminhos. A base rítmica do samba urbano carioca é africana e seu fundamento é a síncope. Sem cair nos meandros da teoria musical, basta dizer que a síncope é uma alteração inesperada no ritmo, causada pelo prolongamento de uma nota emitida em tempo fraco sobre um tempo forte. Na prática, a síncope rompe com a constância, quebra a sequência previsível e proporciona uma sensação de vazio que é logo preenchida de forma inesperada (RUFINO; SIMAS, 2018, p. 18).

Quando percebemos nos sujeitos da pesquisa comportamentos de autoavaliação, questionando posicionamentos racistas e preconceituosos vividos por eles mesmos, identificamos momentos de síncope. Quebrando e alterando o ritmo que lhes era imposto, ditaram eles mesmos o próprio ritmo, o da cultura de resistência. Por fim, a abordagem multidimensional e multicultural do racismo de Souza destacou a importância de nos apropriarmos dos processos de formação da nossa sociedade. Compreender que existe um sistema meticulosamente construído para operar o racismo, a pobreza e tantas outras desconformidades da nossa sociedade faz com que deixemos de tatear no escuro e passemos a reconstruir e ressignificar nossa posição no mundo. A dimensionalidade do ser humano, a cultura de síncope e a visão multicultural do racismo despontam como um ternário sagrado indispensável para refletirmos sobre as complexas relações humanas na sociedade.

A presença do racismo religioso marcou presença em todas as entrevistas realizadas, quer seja reproduzido por familiares, quer esteja presente nas relações de trabalho, quer seja nos espaços escolares ou na própria religião, identificou-se que ele, o racismo, pode e deve ser pugnado. A partir disso, buscamos elaborar, como recurso pedagógico advindo dessa pesquisa, um vídeo cujo objetivo é educar as pessoas para a importância de entender que o racismo religioso é real e precisa ser combatido. Nesse audiovisual, que está disponível na plataforma digital YouTube, por meio do endereço: <https://youtu.be/tvBoegEVLqg>, apresentamos alguns momentos de vivência sagrada em um terreiro de Umbanda Esotérica e alguns depoimentos dos sujeitos a respeito do racismo religioso. E, em suas falas, os expectadores poderão perceber, quase que explicitamente, a importante ação do aprendizado que chamei anteriormente de ternário sagrado na vida desses sujeitos. Optamos pela produção de um audiovisual por acreditarmos que publicações em vídeo são mais democráticas, pois, na era pós-moderna, bombardeada de recursos tecnológicos, chegam a grupos diversos e ultrapassam os umbrais da academia, publicizando resultados e considerações de um trabalho acadêmico de forma clara e compreensiva. Pretende-se também mostrar, por meio deste material, a importância de compreender a religiosidade a partir das dimensões humanas, oferecendo subsídios para reflexão e construção de um novo sujeito na sociedade, pois, mesmo que o nosso olhar perpassa a tradição de umbanda da raiz de Pai Guiné, conceitos como dimensões básicas, dimensões transversais e identificação delineiam outro olhar para o sujeito na sociedade. Outro olhar sobre nós mesmos!

Através desta pesquisa, propusemo-nos a buscar alguns elementos que pudessem se constituir como matriz do preconceito religioso e sistematizar caminhos que nos apontassem formas de educar numa perspectiva antirracista.

Esses caminhos só se constituirão efetivamente quando for possível a existência de uma sociedade onde a exploração do homem pelo homem torne-se objeto de uma luta coletiva, pelo estabelecimento de relações sociais de tipo novo (SANTOS, 1992), solidárias, coletivas e horizontais. Nessa sociedade, qualquer forma de preconceito / racismo torna-se inaceitável!

## REFERÊNCIAS

- ABIB, G; HOPPEN, N; HAYASHI, P. Observação Participante em Estudos de Administração da Informação no Brasil. 2013. **RAE**, São Paulo, v. 53, n. 6, nov/dez. 2013.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019. Disponível em: [http://blogs.uninassau.edu.br/sites/blogs.uninassau.edu.br/files/anexo/racismo\\_estrutural\\_feminismos\\_-\\_silvio\\_luiz\\_de\\_almeida.pdf](http://blogs.uninassau.edu.br/sites/blogs.uninassau.edu.br/files/anexo/racismo_estrutural_feminismos_-_silvio_luiz_de_almeida.pdf). Acesso em: 20 out. 2020.
- ALMEIDA, M. G. de; BARBOSA, D. R. M.; PEDROSA, J. I. dos S. Cultura de paz e formação universitária em saúde: diálogos possíveis a partir de terreiros de umbanda. **Rev. Ed. Popular**, Uberlândia, v. 13, n. 1, p. 10-18, jan/jun. 2014. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/24717/14610>. Acesso em: 20 nov. 2021.
- A VIDA e a obra do grande mestre W.W. da Matta e Silva. 2022. Disponível em: <https://umbandadobrasil.com.br/a-vida-e-a-obra-do-mestre-w-w-matta-e-silva>. Acesso em: 10 set. 2020.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. *In*: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BORGES, Thais. Grupo ataca terreiro em Alagoinhas e bate bíblias em portão: 'Satanás vai morrer'. **Correio O que a Bahia quer saber**, 28 mai. 2019. Disponível em <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/grupo-ataca-terreiro-em-alagoinhas-e-bate-biblias-em-portao-satanas-vai-morrer/>. Acesso em: 10 de set. 2020.
- BOSCO, João; BLANC, Aldir. **De frente pro crime** [Canção]. 1975. Disponível em <https://www.ouvirmusica.com.br/joao-bosco/46513/>. Acesso em: 22 jun. 2022.
- BRASIL. **Constituição de 1988**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- BRASIL. **Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.
- BRASIL. **Lei nº 10.639**, de 9 de janeiro de 2003. 2003. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.639.htm). Acesso em: 13 set. 2020.
- BRASIL. **Painel Coronavírus**. Ministério da Saúde. 2022. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 10 mai. 2022.
- CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Periódicos. **Manual de Acesso**. 2019. Portal CAPES. Disponível em: [https://www.periodicos.capes.gov.br/images/documents/Portal\\_Per%C3%B3dicos\\_CAPES\\_Guia\\_2019\\_4\\_oficial.pdf](https://www.periodicos.capes.gov.br/images/documents/Portal_Per%C3%B3dicos_CAPES_Guia_2019_4_oficial.pdf). Acesso em: 10 ago. 2021.
- CAPUTO, Stela Guedes; MEDEIROS, Cristiano; SILVA, Isadora Souza da. Macumba para além dos muros do terreiro. **Revista Docência e Cibercultura**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2 mai/ago. 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/61030/38473>. Acesso em: 03 jan. 2022.



CASTRO, Rosana. Pele negra, jalecos brancos: racismo, cor(po) e (est)ética no trabalho de campo antropológico. **Rev. Antropol**, São Paulo, v. 65 n. 1, p. e192796, 2022.

CLIFFORD, James. **A Experiência Etnográfica**: antropologia e literatura no século XX. Org. José Reginaldo Santos Gonçalves. 2 ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

CONGRESSO EM FOCO. “**Quilombola não serve nem para procriar**”. 2017. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/especial/noticias/bolsonaro-quilombola-nao-serve-nem-para-procriar>. Acessado em: 12 jul. 2021.

CUNHA, Henrique Jr. Candomblés: como abordar esta cultura na escola. **Rev. Espaço Acadêmico**, n. 102, Maringá, p. 97-102, nov. 2009. Disponível em: <https://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/7738/4810>. Acesso em: 20 nov. 2021.

DARWIN, Charles. **A Origem das Espécies**: no meio da seleção natural ou a luta pela existência na natureza. Tradução Mesquita Paul. Porto: Lello & Irmão, 2003.

DIAS, Carlos Henrique Oliveira; ROSSETTI, Regina; ROMEIRO, Maria do Carmo. Educação de Jovens e Adultos na Comunidade Quilombola. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 13, n. 4, p. 1568-1579, out/dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/8845/7664>. Acesso em: 20 nov. 2021.

EVARISTO, Conceição. **A escrevivência serve também para as pessoas pensarem**. 2020. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/>. Acesso em: 2 nov. 2022.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. **Cadernos de campo**, [S.l.], n. 13, p. 155-161, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/viewFile/50263/54376>. Acesso em: 01 jul. 2019.

FEBNET. **Fundamentos**. Federação Espírita Brasileira. 2019. Disponível em: <https://www.febnet.org.br/blog/geral/fundamentos>. Acesso em: 01 jul. 2019.

FERAUDY, Roger. **Umbanda, Essa Desconhecida**: Umbanda Esotérica e Cerimonial. Porto Alegre: Fundação Educacional e Editorial Universalista, 1986.

FERREIRA, Fernando da S.V. A questão negra no Brasil: O preconceito racial, suas teorias e a Lei 10.639/2003. **Revista Mosaico**, Rio de Janeiro, v. 06, n. 1, p. 17-21, jan/jun. 2015. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/313833492\\_A\\_questao\\_negra\\_no\\_Brasil\\_O\\_preconceito\\_racial\\_suas\\_teorias\\_e\\_a\\_Lei\\_106392003](https://www.researchgate.net/publication/313833492_A_questao_negra_no_Brasil_O_preconceito_racial_suas_teorias_e_a_Lei_106392003). Acesso em: 14 set. 2020.

FIOROTTI, Silas. Intolerância Religiosa dos Evangélicos na Educação Básica: breve análise de alguns casos. **Revista de Educação Interterritórios**, Pernambuco, v. 5, n. 9, p. 213-231, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/interterritorios/article/view/243589/33937> Acesso em: 20 out. 2020.

FUEP. Federação Umbandista do Estado do Paraná. **Um Marco Indiscutível na História da Umbanda**. 2019. Disponível em: <https://www.fuep.org.br/historia-da-umbanda/zelio-fernandino-de-moraes/>. Acesso em: 30 jun. 2019.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? *In*: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 103-133.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro, 2006.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010**: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião. 2012. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?id=3&idnoticia=2170&view=noticia>. Acesso em: 17 jun. 2020.

ITAOMAN. Pemba: **A Grafia Sagrada dos Orixás, por mestre Itaoman**. Brasília: Thesaurus, 1990.

JANSEN, Roberta. **Traficantes evangélicos causam terror a religiões africanas**. 2019. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/cidades/traficantes-evangelicos-causam-terror-a-religioes-africanas,1780cd9c3e66e3685264918be080ac4db4ddw64t.html>. Acesso em: 09 set. 2020.

KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2004.

LEÃO, Rodrigo Nicéas Carneiro; RÖHR, Ferdinand; SILVA, Ezir George. A Formação Espiritual no Caminho do Homem: entre Martin Buber e Ferdinand Röhr. *In*: CORDEIRO, Eugênia de Paula Benício; SILVA, George (org). **Caminhos da espiritualidade no pensamento filosófico-pedagógico de Ferdinand Röhr**. São Paulo: LiberArs, 2021.

LOPES, Alcides. Conflito e injustiça socioambiental entre as vazantes e a barragem: assessoria aos vazanteiros atingidos pela Usina Hidrelétrica de Irapé. *In*: SEMANA DE EDUCAÇÃO E CULTURA UFMG, **Banner**, Belo Horizonte, 2011.

MACHADO, Nívia. Terreiros de Umbanda de Candomblé em Esmeraldas são alvos de vandalismo. **Estado de Minas**. 06/07/2022. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2022/07/06/interna\\_gerais,1378247/terreiros-de-umbanda-e-candomble-em-esmeraldas-sao-alvos-de-vandalismo.shtml?utm\\_source=hardnews&utm\\_medium=hardnews&utm\\_campaign=score&utm\\_term=undefined](https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2022/07/06/interna_gerais,1378247/terreiros-de-umbanda-e-candomble-em-esmeraldas-sao-alvos-de-vandalismo.shtml?utm_source=hardnews&utm_medium=hardnews&utm_campaign=score&utm_term=undefined). Acesso em: 08 jul. 2022.

MACHADO, Veridiana Silva; MUNIZ, Salvador Cardoso Silva. O racismo religioso e as estratégias de enfrentamento da Casa Terreiro Ventos de Angola/Caxuté. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, n. 227, p. 1-13, mar/abr. 2021. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/53409/751375151712>. Acesso em: 10 jan. 2022.

MATTOS, CLG. A abordagem etnográfica na investigação científica. *In*: MATTOS, CLG.; CASTRO, P. A. (orgs). **Etnografia e educação: conceitos e usos**. Campina Grande: EDUEPB, 2011. p. 49-83. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/8fcfr/pdf/mattos-9788578791902-03.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2020.

MINISTRO da Educação defende que universidade seja ‘para poucos’. **Globo**, 10 ago. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2021/08/10/ministro-da-educacao-defende-que-universidade-seja-para-poucos.ghtml>. Acesso em: 02 jul. 2022.

MORETTI, G.; PIRES, T. Escola, Lugar do Desrespeito: Intolerância contra religiões de matrizes africanas e escolas públicas brasileiras. **Revista de Direitos Humanos e Efetividade**, Brasília. v. 2, n. 1, p. 01-20. jan/jun. 2016.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, v. 39, n. 1, p. 1-25, 1996. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/111579/109656>. Acesso em: 17 jun. 2020.

PRIORE, Mary Del. **Do outro lado**: a história do sobrenatural e do espiritismo. 1 ed. São Paulo: Planeta, 2014.

ROCHA, Anderson. Mãe perde guarda de filha após levá-la à Umbanda na Grande BH. **O Tempo**, 13 jun. 2022. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/cidades/mae-perde-guarda-de-filha-apos-leva-la-a-umbanda-na-grande-bh-1.2683248>. Acesso em: 15 jun. 2022.

RÖHR, Ferdinand. Espiritualidade e Formação Humana. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação**, Unisul, Santa Catarina, Tubarão, n. Especial, p.53-68, 2011. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Poesis/article/view/748/700>. Acesso em: 02 jul. 2019.

RÖHR, Ferdinand. **Educação e Espiritualidade**: contribuições para uma compreensão multidimensional da realidade, do homem e da educação. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2013.

RUFINO, Luiz; SIMAS, Luiz Antônio. **Fogo no mato**: A Ciência Encantada das Macumbas. 1 ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

SANTOS, Oder José dos. **Pedagogia dos conflitos sociais**. Campinas: Papius, 1992.

SANTOS, Oder José dos. **Determinantes econômicos, sociais e políticos da Educação**. Apostila da disciplina profissão docente: bases histórico-sociológicas. Curso de Pós-Graduação da FUMEC, Belo Horizonte, 2001.

SANTOS, Raquel Amorim; SILVA, Rosângela Maria Nazaré Barbosa. Racismo Científico no Brasil: um retrato racial do Brasil pós-escravatura. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 34, n. 68, p. 253-268, mar/abr. 2018.

SCHWARCZ, Lilia K Moritz. Usos e Abusos da mestiçagem e da Raça no Brasil: uma história das teorias raciais em finais do século XIX. **Revista Afro-Ásia**, UFBA, Salvador, n. 18, p. 77-101, 1996.

SILVA, Hédio. Mãe perde guarda de filha após levá-la à Umbanda na Grande BH. [Entrevista concedida a] Anderson Rocha. **O Tempo**, 13 jun. 2022. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/cidades/mae-perde-guarda-de-filha-apos-leva-la-a-umbanda-na-grande-bh-1.2683248>. Acesso em: 15 jun. 2022.

SILVA, Woodrow Wilson da Mattta e. **Doutrina Secreta da Umbanda**. 3 ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1967.

SILVA, Woodrow Wilson da Mattta e. **Umbanda do Brasil**. 2 ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1969.

SILVA, Woodrow Wilson da Mattta e. **Mistérios e Práticas da Lei de Umbanda**. (1962). 2 ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1969.

SILVA, Woodrow Wilson da Mattta e. **Umbanda de todos nós: a lei revelada**. (1956). 4 ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1974.

SILVA, Woodrow Wilson da Mattta e. **Lições de Umbanda e Quimbanda na palavra de um Preto Velho**. (1961). 4 ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1975.

SILVA, Woodrow Wilson da Mattta e. **Macumbas e Candomblés na Umbanda**. (1970). 2 ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1977.

SILVA, Woodrow Wilson da Mattta e. **Umbanda e o Poder da Mediunidade**. (1964). 2 ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1978.

SILVA, Woodrow Wilson da Mattta e. **Segredos da Magia de Umbanda e Quimbanda**. (1964). 2 ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1982.

SILVA, Woodrow Wilson da Mattta e. **Umbanda: Sua eterna doutrina**. (1957). 4 ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1985.

SILVA, Woodrow Wilson da Mattta e. [Entrevista concedida a] Matta e Silva. **Bandeirantes**, 1984. Disponível em: <https://umbandadobrasil.no.comunidades.net/entrevista-de-matta-e-silva-na-radio-bandeirantes>. Acesso em: 06 nov.2022.

SILVA, Maria Dervânia Vieira. **Entre a Luz e a Sombra: A Questão Afro-Brasileira e a Lei 10.639/03 no contexto escolar**. 2003. Disponível em: [http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes\\_pde/artigo\\_maria\\_dervania\\_vieira\\_silva.pdf](http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_maria_dervania_vieira_silva.pdf) . Acesso em: 01 set. 2020.

SOUZA, Jessé. **A Elite do atraso: da escravidão à Lava Jato**. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

SOUZA, Jessé. **A Classe Média no Espelho: Sua história, seus sonhos e ilusões, sua realidade**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2018.

SOUZA, Jessé. **Como o Racismo Criou o Brasil**. 1 ed. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2021.

TOGNETTA, R.; VINHA, T. Construindo a autonomia moral na escola: os conflitos interpessoais e a aprendizagem dos valores. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 9, n. 28, p. 525-540, set./dez. 2009. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/3316/3226>. Acesso em: 14 set. 2020.

UFMG. **Sobre o curso Ciências Socioambientais**. 2020. Disponível em: <https://ufmg.br/cursos/graduacao/2385/91070>. Acesso em: 14 set. 2020.

UMBANDA, Educação e Resistência. Direção: Caio Barroso, Raíra Saloméa e Marcelo César. MC Produções. Belo Horizonte: Sinapse Films, 2022. Disponível em: <https://youtu.be/tvBoegEVLqg>. Acesso em: 7 nov. 2022.

ZARUR, Camila. Terreiro é atacado por grupo evangélico na Bahia. **Extra**, 28 mai. 2019. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/brasil/terreiro-atacado-por-grupo-evangelico-na-bahia-23700413.html>. Acesso em: 09 set. 2020.

ZUAZO, Pedro. Jovem é vítima de intolerância religiosa dentro de escola em São Gonçalo. **Extra**, 22 ago. 2017. Disponível em: <https://extra.globo.com/casos-de-policia/jovem-vitima-de-intolerancia-religiosa-dentro-de-escola-em-sao-goncalo-21734126.html>. Acesso em: 09 set. 2020.

## APÊNDICE I

### ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

Pesquisa: A Umbanda Esotérica e seu processo educativo: caminhos de superação do racismo religioso.

1. Antes da umbanda, você frequentava ou era adepto de outra religião? Qual? O que o/a levou a buscar outra religião? Ou mudar?
2. Como conheceu a umbanda?
3. Como conheceu a Tuosa? Há quanto tempo frequenta como membro?
4. Qual o seu papel ou função dentro do terreiro?
5. Você percebe alguma mudança na sua vida após conhecer a umbanda? Se sim, qual?
6. Gostaria de comentar algo que lhe marcou nesses anos?
7. Quando lhe perguntam sua religião, o que responde? Por quê?
8. No templo, vocês estudam? Pode dizer como funciona?
9. Você acredita que esses estudos contribuem na sua vida pessoal e profissional? De que maneira?
10. Você acha que existe preconceito com a sua religião? Por quê? Em algum momento, você já vivenciou a discriminação em função da religião?
11. Qual o papel do sacerdote para você?
12. Você identifica algum processo educativo dentro do terreiro? Pode comentar com mais detalhes, por favor?

## APÊNDICE II

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O Senhor (a) está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa “**A Umbanda e seu processo educativo: caminhos de superação do racismo religioso**”. Pedimos a sua autorização para a coleta de dados via entrevista individual que será gravada e transcrita e, todos os participantes serão identificados com nomes fictícios. A utilização de seus dados está vinculada somente a este projeto de pesquisa. Nesta pesquisa, pretendemos compreender como se dá o processo educativo na religião de umbanda, com foco na Umbanda Esotérica, em busca da compreensão de como esse processo interfere ou pode interferir nas relações escolares.

Para esta pesquisa, adotaremos os seguintes procedimentos: pesquisa bibliográfica; realização de entrevistas semiestruturadas, com duração máxima de 01(uma) hora, que serão realizadas em local previamente combinado. Será realizado apenas um encontro (entrevista) com cada participante. Em razão da pandemia resultante do coronavírus, as entrevistas poderão ser feitas com agendamento na residência do (a) entrevistado (a) ou no espaço do terreiro (templo de umbanda). Para os entrevistados (a) que não se sentirem seguros, mesmo com as medidas de prevenção estabelecidas pela Organização Mundial de Saúde e os decretos municipais, as entrevistas poderão ocorrer de forma virtual, por meio de alguma plataforma que o entrevistado (a) tenha fácil acesso.

Os possíveis riscos da pesquisa incluem ansiedade, desconforto ou incômodo durante a realização da entrevista por abordar aspectos referentes à relação no ambiente religioso no qual o pesquisador assistente é também o sacerdote responsável, podendo gerar constrangimentos, receios e outros. Os pesquisadores estarão atentos para que os incômodos acima nomeados possam ser minimizados através de um acolhimento cuidadoso e de ações e cuidados que os minimizem.

A pesquisa poderá trazer os seguintes benefícios: identificar qual o papel da umbanda na formação educacional e espiritual de seus seguidores, bem como identificar e estruturar a matriz do preconceito entre os próprios umbandistas e sacerdotes, com o objetivo de elaborar proposições que minimizem os efeitos do preconceito.

Para participar deste estudo, o Senhor (a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, o Senhor (a) tem assegurado o direito à indenização. O Senhor (a) terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou

recusar-se a participar e a qualquer tempo e sem quaisquer prejuízos, pode retirar o consentimento, valendo a desistência a partir da data de sua formalização. A sua participação é voluntária, e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que o Senhor (a) é atendido (a) pelo pesquisador, que tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Os resultados obtidos pela pesquisa, a partir de sua entrevista, estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome não será liberado sem a sua permissão. O (A) Senhor (a) não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, na Universidade Federal de Minas Gerais, e a outra será fornecida ao Senhor (a). Os dados, materiais e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos e, após esse tempo, serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resoluções N° 466/12; 441/11 e a Portaria 2.201 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares), utilizando as informações somente para fins acadêmicos e científicos.

Eu, \_\_\_\_\_, portador do documento de Identidade \_\_\_\_\_ fui informado (a) dos objetivos, métodos, riscos e benefícios da pesquisa “A umbanda e seu processo educativo” de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que, a qualquer momento, poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar, se assim o desejar.

( ) Concordo que a minha entrevista seja utilizada somente para esta pesquisa.

Rubrica do pesquisador: \_\_\_\_\_

Rubrica do participante: \_\_\_\_\_

Declaro que concordo em participar desta pesquisa. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido assinado por mim e pelo pesquisador, que me deu a oportunidade de ler e esclarecer todas as minhas dúvidas.

Nome completo do participante

Data

Assinatura do participante

---

Em caso de dúvidas, para maiores esclarecimentos, você pode entrar em contato a qualquer momento com os pesquisadores:



Pesquisador Responsável: Conceição Clarete Xavier Travalha

Endereço: Av. Antônio Carlos, 6627 Pampulha, CEP: 31.270-901 / Belo Horizonte –MG

Telefones: (31) 99645-2925, E-mail: tecaxavier@uol.com.br

Pesquisador Assistente: Alcides Junio Silva Lopes

Endereço: Rua Castelo Branco, 761 Santa Terezinha, CEP: 31.356.170 / BH–MG

Telefones: (31) 99223-3261 -E-mail: mralcidesjunio@gmail.com

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

CEP-UFMG -Comissão de Ética em Pesquisa da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627. Unidade Administrativa II -2º andar -Sala 2005.

Campus Pampulha. Belo Horizonte, MG –Brasil. CEP: 31270-901. E-mail:

coep@prpq.ufmg.br. Tel: 3409 4592

**APÊNDICE III****DECLARAÇÃO DE PESQUISADORES**

Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução n. 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto. Tenho ciência de que essa folha será anexada ao projeto, devidamente assinada, e fará parte integrante de sua documentação.

**Nome completo do Pesquisador Responsável:** Conceição Clarete Xavier Travalha

Endereço: Av. Antônio Carlos, 6627 Pampulha, CEP: 31.270-901 / Belo Horizonte –MG

Telefones: (31) 99645-2925, E-mail: tecaxavier@uol.com.br

---

Assinatura do pesquisador responsável

/

**Nome completo do Pesquisador:** Alcides Junio Silva Lopes

Endereço: Rua Castelo Branco, 761 Santa Terezinha, CEP: 31.356.170 / BH–MG

Telefones: (31) 99223-3261 -E-mail: mralcidesjunio@gmail.com

---

Assinatura do pesquisador

/ /

### TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO IMAGEM E SOM

Eu, \_\_\_\_\_, nacionalidade \_\_\_\_\_, estado civil \_\_\_\_\_, portador da Cédula de identidade RG nº. \_\_\_\_\_, inscrito no CPF/MF sob nº \_\_\_\_\_, residente à Av./Rua \_\_\_\_\_, n.º \_\_\_\_\_, município de \_\_\_\_\_, Minas Gerais, AUTORIZO o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizada no **documentário**, intitulado **UMBANDA, EDUCAÇÃO E RESISTÊNCIA** e também nas peças de comunicação que será veiculada nas redes sociais da produtora ACASAGÊNCIA. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior.

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Belo Horizonte, de \_\_\_\_\_, de 2022.

---

(Assinatura)